

LETÍCIA BLACK



TERRA

DUOLOGIA TERRA E CÉU - LIVRO I



TERRA

Terra e Céu – Livro 1

Letícia Black

2018 © Direitos Reservados

Sumário

Dedicatória

Despedidas

O Centro de Treinamento

A Seleção

A ganância dos homens

O imperador do universo

Nem tudo é o que parece

Apenas um teste

Sozinha como nunca

A colina à meia luz

A estranha companhia

Invasores

Semelhanças

Olhares descabidos

Barreira ultrapassada

Confusão

Fogo cruzado

Assassinato piedoso

Queimando sonhos

Quase lá

Protegida

Descuido

Grãos esverdeados

O último desafio

Reencontro

A rachadura no inquebrável

Esconderijo

Resistindo até o final

Dedicatória

Já dediquei tantos livros para tantas pessoas que amei e amo e que realmente foram significativas em minha vida em determinados momentos.

Este, me perdoem vocês, vou dedicar a mim que, depois de todos esses anos, continuo lutando com todas as forças para minha arte chegar a cada um de vocês – que estão lendo neste momento.

Eu sempre amei distopias e eu vou me deixar levar essa.

Não vou dizer que nem sempre é fácil e não é porque a frase é clichê. Digo que nunca é fácil, nem por um momento, ser adulta e permanecer sonhando. A jornada dupla, tripla, quádrupla, às vezes, o cansaço no topo da alma, os olhos pesando e aquele fogo na alma que implora para escrever só mais uma linha.

Eu tô aqui ainda, eu tô na luta ainda.

E eu vou ficar.

Despedidas

Hoje era o grande dia pelo qual esperou a vida toda.

Não era a única, porém. Milhares de jovens haviam se preparado e ansiado por aquele momento, mas a glória viria para poucos. Apenas algumas dezenas teriam a oportunidade de mudar seu destino para sempre.

Lívia olhou pela janela, para o caos que chamava de lar. Não concordava com o tipo de vida que levava naquele lugar, ninguém a merecia. Por isso, havia abdicado de tudo para sair dali.

Precisava confessar que parte daquela persistência tinha a ver com Ric.

Fechou o zíper de seu macacão de proteção, como todos os dias, nos últimos dez anos. Sua arma radioativa apitou o recarregamento, então ela tirou de seu case e colocou na cintura.

Admirou-se no espelho. Dura, fria, quase como aço. Havia anos que se proibira de demonstrar suas fraquezas, como o nervosismo que sentia naquele dia tão importante. Depois de tanto batalhar, estava na hora de sua formatura e ela tinha esperanças de conseguir sair dali.

Esperança é para fracos, se repreendeu. Dera tudo de si pelo seu futuro, assim como seu irmão fizera antes dela, mas a garota que foi um dia ainda vivia dentro daquela carcaça de frieza e, embora se recusasse a demonstrar, sentia o frio na barriga.

— Você conseguiu — disse a si mesma encarando, em seu reflexo no espelho, as marcas da noite má dormida. — Ninguém pode ter sido melhor que você. Hoje é o seu dia e todos eles sabem disso.

Por alguns segundos, enquanto se admirava no espelho quebrado, deixou sua máscara cair. O medo e a insegurança a fizeram morder os lábios e ela viu a garota que deixou para trás com o medo estampado em seus olhos esverdeados, tão comuns aos expostos à radioatividade. Apertou as pálpebras e respirou fundo, buscando forças. Quando se encarou novamente, a garota tinha se ido.

Passou a mão pelo rabo de cavalo impecável, enrolando-o até formar um coque, permitindo que seus movimentos fossem tão ágeis quanto o possível e virou-se de costas para o espelho, renegando suas fraquezas. Era uma mulher feita agora e deixaria tudo para trás.

Pegou-se encarando o quarto ao seu redor, as memórias cobrando o preço em seu coração destroçado. O olhar fixou-se em sua cama, muito mais velha que ela, pertencia a alguém que morrera nos bombardeios antes de seus pais colocarem em seu quarto. Tivera oportunidades de trocá-la por modelos mais novos e confortáveis, mas nunca quis. Era uma das únicas coisas que tinha apego

emocional, uma de suas poucas fraquezas expostas que ficaria para trás. Podia jurar que ainda sentia o cheiro de Ric nela.

Em seu armário, pelo buraco onde houvera uma porta algum dia, viam-se poucas cores. Duas peças de roupa ficaram para trás, além de poucas roupas íntimas. O restante, a maioria macacões de treinamento, tinham tomado seus novos espaços na mochila que levava em suas costas.

Aquilo era tudo que tivera nos últimos dezenove anos e não era estranho que tivesse desejado mais. Mesmo assim, havia uma pontada no meio de seu coração que lhe dizia que sentiria saudades.

Saiu do quarto e desceu as escadas, deixando sua bolsa bater nas suas costas a cada degrau. Seu esforço em parecer indiferente ao dizer adeus aos seus pais era visto pela linha franzida de sua testa. Ela lembrava como tinha sido difícil quando

Estava tentando parecer indiferente para dizer adeus aos seus pais sem transparecer suas emoções, mas ela lembrava como havia sido difícil quando Denis se formou. Era ainda a menina doce e apaixonada, lembrava-se de ter afundado o rosto em seu peito e chorado por uns dez minutos de saudade antecipada. Não tinha planos de segui-lo, naquele momento, mas todo aquele ano fora difícil para Livia e tudo tinha mudado desde então.

Sua mãe abriu os braços e a chamou para um chamego assim que a viu surgir das escadas. Livia não ficou muito animada com a perspectiva das despedidas, mas deixou sua mãe lhe apertar quando alcançou o térreo.

Sua mãe, assim que a viu surgir pelas escadas, abriu os braços e a chamou, mas percebendo a vontade mínima que ela tinha, caminhou até ela e a abraçou assim mesmo. Livia conformou-se em olhar para o teto e aguardar o momento acabar.

— Minha querida filhinha — disse, afastando-se para passar as mãos em seus cabelos de uma forma que não fazia há muito tempo porque Livia estava sempre fugindo dos seus aconchegos. — Estamos tão orgulhosos de você. — Ela abraçou de novo e, dessa vez, Livia deixou os olhos baixos apenas para ver seu pai caminhando aos tropeços para se despedir também. — Diga ao Denis que nós o amamos, certo?

Sua mãe se afastou chorando e Livia virou para olhar para o seu pai. Ele havia perdido uma perna em um bombardeio, pouco antes de Denis se formar e usava uma bengala para se apoiar quando queria andar pela casa ou os arredores da vizinhança, mas não era muito comum. O tempo e a radioatividade já lhe cobravam caro. Caminhou até ele, impedindo que ele continuasse se esforçando tanto só por causa dela.

— Pai — disse, por fim. Sua voz mais firme e dura do que esperava.

Seu pai sorriu, orgulhoso e a abraçou de lado, dando-lhe tapinhas nas costas. Ele também tinha dificuldade de expressar seus sentimentos.

— Quantos pais podem dizer que mandaram todos seus filhos para um lugar melhor? — Perguntou.

Lívia deixou-se sorrir para ele, mas, em sua cabeça, a resposta para a pergunta foi muitos. Muitos pais podiam dizer aquela frase, mas não com o mesmo significado deles. Denis e Lívia continuavam vivos.

Olhou para seus pais por um último momento, os olhos esverdeados não-naturais lhe encarando com emoção. Sua garganta fechou e ela sentiu que estava prestes a deixar as emoções transbordarem. Seus pais estavam passando dos quarenta anos e era sorte dela terem chegado tão longe. Não viveriam muito além disso, ela tinha certeza. Mesmo assim, não conseguiu dizer-lhes o que queria.

— Tchau. — disse, apenas.

O esverdeado dos olhos de sua mãe se acentuou quando as lágrimas apareceram e Lívia desviou o olhar para seu pai, que apenas lhe acenou em reverência. A aprovação e o orgulho encheram seu peito a ponto de um leve sorriso preencher sua face, um raro gesto seu. Ela não tivera muitos motivos para sorrir nos últimos anos.

Arriscou olhar a casa por alguns segundos, guardando-a na memória como a justificativa clara do porquê queria tanto abandonar a vila 364, uma das únicas da série 360 que ainda continuava populosa, apesar de sofrer intensos bombardeios.

Saiu para o chão de terra batido ainda um pouco lamacento da chuva da noite anterior. As casas ao redor da sua eram, em sua maioria, ruínas, demonstrando o quanto a vila já tinha sofrido e o quão perto da morte ela já estivera tantas vezes.

Ela olhou para o céu e identificou pontinhos pretos entre as nuvens. Aquela guerra com seres de outros planetas que queriam extrair os recursos de Esmeralda para seu uso próprio vinha se estendendo por décadas. Recursos que eles batalharam para recuperar depois de quase perderem o planeta todo em uma guerra nuclear, milhares de anos atrás.

Todo ano, os melhores homens e mulheres eram escolhidos para a inteligência de guerra, Globo do Mar, uma cidade protegida, livre de radioatividade, que orquestrava as lutas contra seus invasores espacial. Seu irmão Denis fora escolhido há cinco anos e ela pretendia se juntar a ele agora.

Abaixou o olhar, apertando os olhos por causa da claridade anterior e respirou fundo, buscando a confiança de sempre. O pensamento veio com força: nunca mais terei que correr dessas bombas malditas. Nunca mais ver meus

vizinhos e familiares feridos ou mortos.

Ela sabia que os bombardeios não parariam quando ela fosse embora, mas ela não os veria. E, de Globo do Mar, teria a chance de mudar as coisas. Com a tecnologia e o apoio necessário, pretendia melhorar a infraestrutura e a segurança das quatro vilas restantes da série 360 logo em seus primeiros dois anos.

Parada, observando a vizinhança, sacudiu a cabeça para afastar seus pensamentos. Dois de seus vizinhos já haviam lhe acenado uma despedida à distância e percebeu que deveria estar parecendo boba. Com um aceno educado, ela pôs-se a caminhar até o centro de treinamento.

O final da vila ficava perto de sua casa e logo se viu próxima à área mais perigosa da série, os estreitos caminhos que ligavam as dez vilas, hoje quatro, ao centro de treinamento. Algumas pessoas haviam desistido da vida nas vilas e espreitavam às grades, escondidas na floresta, prontas para atacar em prol de conseguir comida. As cercas da vila 364 tinham algumas falhas, mas ninguém tentava atacar Livia há anos, desde que recebera a honra de portar uma arma de carregamento automático.

Mesmo assim, era a primeira vez em anos que ela parava naquele ponto da cerca, o mais frágil, aonde era possível ver o desencaixe do arame, fácil de passar para dentro ou para fora da vila. Seu olhar estava além árvores, fixado no passado. Conseguia sentir o cheiro da água, o barulho dela nas pedras. Deixou-se sorrir.

— Vou achar você, Ric — prometeu à memória. — Vou descobrir o que esses bastardos fizeram com você e vou te encontrar.

Ouviu as sirenes começarem a soar, indicando um novo bombardeio e seu rosto fechou-se novamente, como se não tivesse se permitido sorrir.

— Vou te encontrar — murmurou uma última vez, antes de correr para o lugar seguro mais próximo que conhecia.

O Centro de Treinamento

— Obrigada, Senhora Astraregi — Lívia disse.

A mulher concordou com a cabeça, apenas. A conversa entre as duas havia se reduzido a uma simples troca de sentenças jamais elaboradas, sempre repetitivas, desde que Ric sumira. Lívia entrava na casa aonde Ric cresceu, muitas vezes sem avisar, para fugir dos bombardeios e as duas mantinham-se escondidas durante os longos minutos de explosões para, então, se despedirem, muitas vezes sem nem trocar nada além de um olhar de reconhecimento.

Era doloroso, ainda, para as duas.

Desta vez, porém, Lívia tinha que falar alguma coisa. Podia ser a última. Devia ser. Ela chegou a abrir a boca para falar sobre Ric, mas nada saiu. A outra mulher observou-a por um momento e sorriu, entendendo a garota.

— Boa sorte hoje — ela murmurou, a voz rouca pelo pouco uso. — Ele desejaria isso pra você.

Estava sendo um dia difícil para Lívia; estava brigando internamente com a sua antiga personalidade, que queria sair e demonstrar a todos o quão intensa ela era, enquanto a pessoa que ela havia se tornado em tantos anos de dor e tormento desejava se manter firme às despedidas. Diante da senhora Astraregi, mãe do grande amor de sua vida, ela cedeu. Apertou os olhos em dor à menção de Henrique, a saudade gritando em seu peito. Quase – e foi por muito pouco! – chorou.

— Eu sinto muito a falta dele — confessou, em um sopro de sussurro, quase impossível de se escutar.

A senhora Astraregi concordou com a cabeça, exibindo suas lágrimas como um troféu. Perder um filho não era incomum na vila 364, mas seu caso fora diferente. Lívia nunca compreendeu como ela superou tão facilmente que Ric tivesse desaparecido.

— Eu também, querida — disse.

Lívia se dignou a concordar com a cabeça e saiu porta afora sem se despedir, antes que seus sentimentos aflorados a traíssem o suficiente para deixar marcas em seu rosto. Não podia exhibir fraqueza alguma para onde estava indo. Precisava manter-se firme, de nariz em pé, em frente a todos que lhes desprezavam.

Dali até o centro de treinamento não era uma caminhada muito difícil, mas o bombardeio recente deixara pedaços de tudo pela rua. Lívia também podia ouvir gritos e choros, mas poucos eram os que ainda paravam a vida por isso. Há muito se acostumaram com as perdas e os destroços.

Passou por escombros recentes de uma casa e por duas vizinhas que se abraçavam chorando, o cheiro de carne queimada incomodando suas narinas, e ela, assim como a maior parte dos passantes, ignorou.

Voltou ao caminho linear e estreito entre as grades que ligava a vila 364 ao centro de treinamento da série 360. Ela podia ver alguns de seus companheiros tomarem o mesmo caminho, tanto à frente quanto às suas costas, mas eles não se falavam. Não havia motivos para fingirem amizade com ela, não depois de tantos anos de provocações. Um deles iria roubar todo o futuro dos outros e Lívia tinha feito de tudo ao seu alcance para que fosse ela a escolhida e, por isso, a odiavam.

A maioria também a achava louca por causa do sumiço de Henrique.

Lívia caminhava pensativa, com a cabeça baixa e os pensamentos embaralhados. A mochila estava pesando um pouco mais do que deveria e era por causa do sentimento de estar levando toda a sua vida dentro dela. Deixou sua mania mais frequente aflorar e apertou o pingente do único cordão que usara a vida toda, que Ric havia lhe dado há tanto tempo, e admirou uma das rachas na grade, decidida.

Selecionada ou não, ela nunca voltaria. Não tinha pelo que voltar.

Seus pais estavam nos seus últimos meses de vida, definhando pouco a pouco à superioridade da radioatividade e ela não tinha perspectiva naquela vila além de morrer em breve. Se tudo desse errado, tentaria viver na floresta, longe dos aglomerados e dos bombardeios. Tinha quase certeza de que podia caçar e sobreviver.

— Boa sorte hoje, Esterfonte — Lucas passou por ela, debochando, como ele sempre fazia.

Seu concorrente mais irritante a tirou de seu devaneio e a fez encará-lo com um olhar de puro ódio que reservava apenas para ele e seus amigos mais próximos. Foram os mais cruéis com ela durante o período pós perda de Henrique, quando seu sobrenome tinha virado piada dentre toda a série. A namorada do garoto abduzido, a fonte estelar.

— Eu não preciso de sorte, Diontê — Lívia falou, se recuperando do momento de susto com a máxima dignidade.

Apesar de ter-se permitido ser emocional durante todo o dia, Lucas estava distante de abalar a certeza que tinha de que merecia ser a escolhida naquela tarde. Já fazia muito tempo em que tinha parado de ouvir as provocações de Lucas, ele nunca tinha algo minimamente útil para falar além de frases incômodas sem sentido, então ela apenas continuou andando enquanto o garoto a acompanhava da melhor maneira que podia. Lucas riu de sua resposta, como se não acreditasse que ela fosse tão firme quanto parecia ser, mas ela continuou

fazendo o que fazia de melhor quando se tratava dele: ignorar.

— Eu posso apostar que precisa — Disse. — Nós dois sabemos que eu sou uma opção melhor... sua sanidade é questionável. Imagine só você gritando em meio à central da guerra que há uma invasão alienígena acontecendo? Você nunca teve chance alguma. É uma piada pra todo mundo.

Algo em suas palavras cruéis fez a pálpebra de Lívia tremer, mas ela se concentrou em ajeitar a mochila em suas costas. Lucas a irritava desde que ambos conseguiram aprender a andar. Por anos, ele a perseguira por todos os lugares, falando coisas cruéis para diminuir ela e seu melhor amigo, Henrique. As coisas pioraram quando Ric e ela começaram a se relacionar. Ric acreditava que Lucas sentia ciúmes dela e qualquer aproximação do garoto acabava em briga. Isso deu alguns problemas, no começo, quando os três conseguiram suas primeiras armas, ainda não mortais, mas fortes o suficiente para deixá-los com hematomas por alguns dias. Quando Ric desapareceu, Lucas se aproximou, parecendo preocupado com Liv, mas dois dias depois ela pegou-o contando para todos, de forma totalmente debochada, a história da abdução.

Quatro anos se passaram e ele ainda usava isso contra ela, aumentando e inflando todos os jovens da série 360. Lívia teve que aprender a não se importar e o isolamento foi apenas um detalhe importante em seu foco para chegar ao que ela queria.

— Se você não entender que agora, neste momento, sorte não ajuda em nada, creio que tem péssimas chances — Lívia seguiu seu caminho, com Lucas logo atrás de si, fingindo não estar com raiva. — O treinamento já definiu tudo, não há nada que sorte possa alterar. E eu, não tenho dúvida, fui a melhor. Principalmente nas bombas.

Se a pele de Lucas fosse um pouco mais clara, Lívia o teria visto corar, mas apenas olhou para trás para o sorriso amarelo que ele lhe oferecia, a memória da semana anterior ainda fresca. Em um dos últimos testes, Lívia desarmou uma bomba no melhor tempo da turma, enquanto Lucas não conseguiu fazer em tempo hábil, a bomba simulada encenou uma explosão que indicava a morte dele e de toda a armada de sua missão.

— Um detalhe que não vai apagar o meu sucesso ao passar dos anos — Lucas disse, tentando desestabilizá-la.

— É claro que não — Lívia concordou, andando alguns passos a frente dele e virando-se, para continuar uma parte do caminho de costas. — Mas eu já estava na sua frente antes, como pode achar que consegue me passar depois disso?

Com um pequeno sorriso de quem saíra ganhando mais uma vez, ela virou-se de costas para Lucas, continuando seu caminho na certeza de que não

seria mais perturbada por ele. Porém, as palavras dele deixaram seu coração apertado e confuso. Desde os quinze anos, quando Ric desaparecera, a única perspectiva de vida dela era conseguir sair dali, consertar o descaso com a vila, tão malcuidada e destroçada e, com sorte, saber o que havia acontecido com Ric.

Lívia desejava entender por que ele fora abduzido, ele, dentre todas as pessoas. Nunca ela ouvira falar de ninguém abduzido e, se ela não tivesse visto com os próprios olhos, não teria acreditado. Assim como quase ninguém acreditara nela.

Um olhar à frente e ela conseguia ver a grande estrela de dez pontas que era o centro de treinamento. Ao lado, já conseguia visualizar dois caminhos de grades das vilas vizinhas. Ela deu uma olhada quase esperançosa para a floresta, sentindo o cheiro da liberdade que ela teria ao fim do dia, sendo selecionada ou não. Quase conseguia sorrir.

Todos os dias em que ela se contaminara mais do que deveria, se ralara, destruíra armas e macacões de treinamento... Todas as provas, os testes e às noites que ela chorara em silêncio e solidão, escondida em um canto do seu quarto... Tudo iria se definir naquele momento. Quando ela cruzasse aquela porta.

Alguns poucos passos a separavam de seu futuro. A jovem respirou fundo e parou, apenas por um momento, para se preparar para o que deveria esperar por ela.

— Tá com medo? — Lucas passou, perguntando.

Lívia deu mais um de seus raros sorrisos.

— Não, Lucas — respondeu. — Estou apenas guardando a sensação de vitória para me recordar no futuro.

Lucas levantou a sobancelha para ela e ela balançou a cabeça, levemente, de olhos fechados, admirando a sensação, ainda com o sorriso no rosto. Com um suspiro, ela voltou a caminhar e passou por Lucas boquiaberto por sua audácia e sua demonstração de sentimentos, entrando no centro de treinamento.

A Seleção

Lívia entrou na área aberta do centro de treinamento, depois de enfrentar uma pequena fila, ainda com o sorriso no rosto. Dali, podia-se ver vários outros concorrentes tomando o mesmo caminho que ela, admirando-a com inveja no olhar enquanto ela caminhava, parecendo despreocupada, com a certeza de quem havia ganhado. Ela não tinha essa certeza, na verdade, mas a perspectiva de, mesmo assim, sair daquele lugar, estava dando-lhe um ar muito mais solto do que nos últimos quatro ou cinco anos.

Atravessou o campo livre em um piscar, entrando na sala de reuniões onde quase uma centena de jovens já aguardavam por seu destino. Seu coração deu uma pequena fisgada de nervosismo, mas ela tentou parecer confiante com todos aqueles olhares em cima dela.

— Leitura habitual — um rapaz aproximou-se dela, ainda na entrada da sala de reuniões, com um aparelho que ela já tentara se acostumar, mas nunca conseguira. Ele aproximou-o de seus olhos e a luz cegante e radioativa leu sua retina. Uma pequena projeção dela apareceu acima do objeto, com algumas numerações sobre seu porte físico e capacidade de realizar certas tarefas. Liv piscou por alguns momentos, tentando se recuperar, enquanto o rapaz lia suas recomendações. — Obrigado, Senhorita Esterfonte. Pode subir na esteira?

Lívia franziu a testa, mas subiu na estranha e rústica estrutura corrente, obrigando-a a correr. O visor, à sua frente, mostrou-lhe seu peso exato, enquanto a máquina a obrigava a correr cada vez mais rápido. Antes que a garota se cansasse, o rapaz parou a esteira. Ela parou, a postura ereta, mãos atrás das costas e a respiração quase não ofegante, admirando Lucas, sendo avaliado ao seu lado, ofegando o suficiente para fazê-la estufar o peito.

O rapaz com a leitura pareceu fazer algumas anotações na projeção, enquanto a avaliava cuidadosamente. Lívia quase podia ler seus pensamentos: *Como uma garota tão franzina pode estar entre os melhores desse lugar?* Porque ela, com certeza, estava.

Enquanto Lívia aguardava pacientemente os resultados, Lucas estava tentando controlar sua raiva. Ela o ouviu perguntar se poderia tentar de novo. Ele era assim, sempre querendo tentar de novo porque era incapaz de acertar na primeira tentativa. Como se ele fosse bom demais para tentar, realmente, na primeira.

Mas não era com ele que ela se preocupava.

Havia um garoto da vila 367 que era o que mais tinha chances de tirá-la do lugar pelo qual ela lutara aquele tempo todo. Avaty Dickens, um loiro e

ridiculamente branco para sobreviver nas provas ao ar livre tinha feito ela provar o gosto do inferno. E, no momento, enquanto ele desfilava pela área da sala de reuniões, recebendo elogios de todas as garotas que tinham quedas por ele, congratulando-o pela vitória ainda não conquistada, Lívia tinha o gosto amargo na boca. O gosto do *quase-lá*.

— Senhorita Esterfonte, posição de descanso.

Liv suspirou e balançou o pescoço, apenas para relaxar. Deixou seus ombros caírem apenas um pouco enquanto o fiscal sorria para ela, em aprovação. E, então, no segundo seguinte, ele havia largado o leitor no chão e estava com o braço em seu pescoço. Ela arregalou os olhos e, por alguns segundos, achou que eles sabiam de suas escapadas para floresta, quando era mais nova... Mas, ao olhar para o lado, Lucas estava na mesma situação.

Com uma suspirada, ela girou, escapando da chave de braço e levando o rapaz ao chão. Ficou encarando-o, enquanto tentava não olhar para Lucas, tendo um pouco de dificuldades para se soltar do aperto do seu próprio analisador. O rapaz levantou os olhos para Lívia, admirado com sua habilidade e rapidez. Sorriu para ela, que continuou encarando-o sem expressão.

Ele levou a mão à ela, pedindo-a ajuda para se levantar, o que ela fez, sem pestanejar. Ele passou as mãos pelas roupas, limpando a sujeira que adquirira com o tombo, ao mesmo momento em que Lucas, finalmente, levava seu analisador ao chão.

— Ótimos movimentos – o rapaz disse à ela. – Uma garota como você... Poderia ser usada na resistência.

Lívia piscou, seu interior inflando de orgulho e esperança. Ela meneou a cabeça, mordendo o lábio para segurar qualquer expressão de prazer incontido que pudesse acabar se demonstrando.

— Obrigada – disse.

Sem avisar, o analisador colocou duas esferas geladas em suas têmporas e ela o encarou meio sem entender o que estava acontecendo. Lucas já havia sido liberado e uma garota de cabelos dourados estava tomando seu lugar na análise.

— Seu intelecto é extremamente elevado – Estava lendo suas informações no projetor. – Um dos maiores da sua turma, e isso é extremamente bom para uma garota Tão jovem. Não é comum cérebros femininos demonstrarem inteligência militar. Temos garotas no Globo que não tem metade dos seus conhecimentos. Bom... Muito bom mesmo – Lívia estava ficando um pouco tonta, o que a levava a acreditar que aquela leitura era com um nível um pouco mais alto de radioatividade da qual ela estava acostumada. – Algumas infrações por brigas... Muito bom – Ele desconectou o leitor e Lívia suspirou de alívio. – Um pouco desconfortável, não é? Desculpe por isso – ela concordou

com a cabeça e ele colocou a mão em seu ombro, um sorriso de aprovação no rosto. – Espero encontrar com você em alguns meses no Globo, você seria, sem dúvidas, uma ótima aquisição. Está liberada.

Lívia concordou com a cabeça e virou-se de costas para ele, para tomar seu caminho para as cadeiras de ordem alfabética, fechando os olhos, quase não contendo sua felicidade. Ela teria um futuro, um onde ela poderia não se preocupar se seria acertada por uma bomba no dia seguinte ou de fazer alguma coisa importante antes dos seus quarenta anos, idade onde ela, provavelmente, morreria. Ali, quase em suas mãos, estava a oportunidade de viver quase até os cem anos ou, com sorte, um pouco mais. E fazer tantas coisas importantes quanto o possível.

— Ei, Liv – um rapaz da 363, de sobrenome Stalei a chamou. Suspirando, Lívia foi se posicionar ao seu lado, sabendo, em nove anos de treinamento, que seu lugar estaria ao lado dele. – Nervosa? – Ele perguntou-a, assim que ela o alcançou.

Os olhares das gêmeas Orion, sentadas à frente deles, desviaram para Lívia e sua expressão vazia.

— Não – respondeu. – Apenas desejando acabar com tudo isso logo.

Arnold Stalei riu. Lívia, se fosse ele, estaria escondida no banheiro. Se tinha alguém com menos chance de ser escolhido naquele dia, aquele era Arnold. Ele levava tudo na brincadeira, inclusive o fato de ter engravidado uma garota de catorze anos no mês retrasado, acabando com qualquer chance dela ser a escolhida na turma dela, em alguns anos.

— É claro que sim – ele disse. – Você vai levar um pouco dessa sua dignidade inabalável para o oceano, não vai? – Ele estava rindo, fazendo piada mais uma vez. – Bom, é uma coisa pela qual esperamos. Ao menos você pode tentar fazer algo pela gente, enquanto o Dickens... – Lívia deixou seu olhar cair em Dickens, recebendo beijinhos na bochecha, de duas garotas ao mesmo tempo.

— Vai pedir para entrar na frente de alguma batalha e morrer em dois dias. Olá Esterfonte, Stalei. – Orcande, um garoto negro e sarcástico da 369, se aproximou, metendo-se na conversa. – Ao menos Esterfonte pode tentar erradicar um mal que está assolando a Terra há anos... A abdução, é claro.

As gêmeas Orion, além de outras pessoas que estavam ouvindo a conversa sem serem tão descarados, começaram a rir. Lívia revirou os olhos, enquanto Arnold estava tentando encontrar algum caminho de volta à conversa despreocupada.

E era sempre assim. Ali, ela sempre seria a garota esquisita que falara que seu namorado fora abduzido. A maior parte das pessoas achava que ela o matara por traição e soltara essa mentira deslavada e, por mais que ela se

esforçasse para que eles a vissem de outra forma, lá estava ela como a garota esquisita novamente.

— Vamos ver quem vai estar rindo ao final do dia, Orcande – Livia disse.

Orcande levantou uma sobrancelha e soltou uma risada meio que contida, enquanto se sentava, finalmente, ao lado de uma das gêmeas, seu lugar de sempre.

— Certamente não será você, Sterforte – Ele disse. – Rir não é uma das suas especialidades.

Não, realmente não era. E, por isso, Livia apenas balançou a cabeça, tirando a mecha de cabelo da frente do olho, olhando para outro lado, decidida a ignorar tudo e todos.

Para sua sorte, antes que alguém mais voltasse a fazer piadinhas às suas custas ou Arnold voltasse a puxar conversa, a diretora da série 360, Caroline Dantei subiu ao palco à frente deles. Eles a aplaudiram, como sempre faziam, embora poucos tivessem alguma admiração pela Senhora Dantei. Ela tinha pouco mais que trinta anos e sua vida era simplesmente fingir que se importava enquanto as vilas explodiam aqui e ali. Às vezes, ela aparecia nos treinamentos para falar que torcia que um ou outro garoto chegasse ao Globo do Mar e a ajudasse a salvar as vilas. Na semana seguinte, o garoto aparecia com a história de ter dormido com ela e feito coisas que o universo duvida.

Livia escondia seu desagrado muito bem, como todos os outros sentimentos que ela escondera por todos aqueles anos.

— Bom dia, pequenos guerreiros – ela saudou-os com um sorriso vermelho sangue. – Hoje é o grande dia de vocês e não queremos estender muito mais – Com um gesto, apontando para o telão, ela mostrou os nomes que apareciam ali.

Eram os dez melhores dos seis quesitos mais importantes no desenvolvimento. Combate, Inteligência, Sobrevivência, Resolução, Físico e Resistência. Livia fechou os olhos por três segundos, vendo o seu nome em primeiro em quatro daqueles quesitos. Quando os reabriu, viu a média final, seu nome em primeiro. Seus olhos azuis, sempre tão gelados, brilharam em realização e seu rosto, sempre tão determinado em transparecer nada, transbordou felicidade com um sorriso de lado.

Ela se levantou, parecendo tão esnobe quanto poderia ser.

— Bom, eu espero que seus últimos vinte anos sejam agradáveis, Orcande – ela lhe disse, com um sorriso, fazendo Arnold rir. – E você – apontou para Arnold. – Tome jeito, cuide do seu bebê e veja se consegue mandá-lo pra mim.

Arnold concordou com a cabeça, feliz por ela. E ele parecia ser o único.

Quando Livia alcançou a diretora, os olhares invejosos quase podiam arrancar pedaços dela, mas ela estava tentando não ligar. Ela merecia. Todos sabiam que seria ela. Com isso, ela voltou a se fechar e a encarar a todos com sua expressão vazia, mas com um tom de superioridade que ela acabava de adquirir.

— Não estamos surpresos, estamos? – A diretora sorriu para ela, mas Livia tinha a impressão de que era a primeira vez que realmente a notava. – Parabéns, querida. Venha, o instrutor tem algumas coisas para dizer para você.

Livia se viu sendo guiada para área restrita do Centro de Treinamento. Ela ainda se obrigou a olhar para trás, vendo Dickens parecendo bastante arrasado, mas sendo consolado por algumas meninas que, com certeza, esperavam estar grávidas dele em menos de um ano. E Lucas com o olhar em chamas de ódio.

Voltou a olhar para o seu caminho. Mais que ter conseguido o que queria, ela agora teria alguma coisa que poderia chamar de *vida*.

A ganância dos homens

— Aqui estamos. — A diretora anunciou, abrindo a porta. O analisador que a atendera estava lá dentro e ele sorriu ao vê-la. — Volto em meia hora — anunciou.

Pela olhada que deu para o rapaz antes de fechar a porta, Livia sabia que ela estava intencionada a se aproveitar dele.

Acabou por entrar na sala com cuidado e um leve temor de suspeita, acostumada a não confiar em nada, admirando como a sala era ligeiramente mais quente e escura que o resto do ambiente do centro de treinamento. A pele de Livia já emitia um brilho verde, bem fraquinho, devida a radioatividade alta pela qual ela fora exposta durante toda vida. O rapaz, ao contrário, parecia nunca ter sido exposto.

A desintoxicação, Livia pensou.

— Você está limpo — disse, quando ele lhe estendeu a mão para que ela apertasse.

Livia não queria que transmitir mais radiação a ele, não quando ele já tinha se livrado de boa parte dela; mas o garoto apenas riu, então ela arriscou apertar sua mão, ainda insegura quanto a isso.

— Não se preocupe — o rapaz assegurou-lhe. — Não me faz mal. Me chamo Jerrade, à propósito.

Ela concordou com a cabeça, soltando a mão de Jerrade e sentando-se na cadeira que ele estava oferecendo à ela.

— Obrigada — Livia agradeceu, sentando-se.

Jerrade sentou-se ao outro lado da mesa, sorrindo para Livia, que o encarava de forma impassível.

— Estou muito feliz que seja você, a escolhida. Em breve nos reuniremos em Globo do Mar, mas antes disso... — Jerrade pareceu levar os pensamentos longe, antes de balançar a cabeça em negação. — Tem uma projeção que você precisa assistir... E prestar bastante atenção nela.

Livia concordou com a cabeça. Jerrade avaliou-a por uns momentos antes de apertar o dispositivo que estava no centro na mesa, entre eles.

No segundo seguinte, a sala inteira estava envolta de cores, imagens e sons dos quais ela não jamais estivera acostumada. A Terra atualmente era resumida em preto, cinza, marrom, verde e vermelho, mas ali estavam cores que ela não conseguia nomear. O Sol estava brilhando de uma forma intensa e diferente de como brilhava agora. As construções eram diferentes, algumas tinha palavras esquisitas que brilhavam, outras refletiam as outras construções, como espelhos.

E as pessoas... elas eram diferentes. Pareciam despreocupadas, mas apressadas. Umas passavam correndo por grandes faixas cinzas, onde circulavam máquinas rolantes esquisitas que faziam muito barulho, outras faziam sinais para máquinas rolantes da cor do antigo Sol, que paravam para elas e as engoliam.

Tudo era muito estranho para Lívia.

Ela se levantou, se sentindo na visão. Ela deu alguns passos, deixando uma das máquinas rolantes atravessá-la, franzindo a testa à realidade das imagens se dissipando à sua frente.

E a voz falou:

“Cinco mil anos atrás, as coisas eram diferentes. Terra tinha mais cor, mais vida, mais condições. Era um lugar acolhedor, embora muito barulhento”

Lívia olhou ao seu redor, quase assustada. Nunca tinha visto nada daquilo, não estava nem um pouco perto de sua zona de segurança. Deu uma volta ao redor de si, admirada.

E a imagem mudou. De uma agradável e barulhenta população rolante para um caos generalizado. Pessoas corriam com seus pertences em extensas superfícies cinzas, de onde entravam por grandes portas para naves.

“Mas a ganância gerou o pânico descontrolado; e as pessoas que tiveram chances correram por suas vidas. O mundo, como conheciam, estava para acabar. Por recursos naturais, que eles mesmos destruíram, fizeram a Terra desenvolvida conhecer o seu fim com bombas que nunca deveriam ser usadas”.

As pessoas corriam para abrigos em baixo da terra. Lívia já havia visto alguns desses abrigos ela mesma: eram grandes para caber milhares de pessoas, mas fediam e não tinham muito suporte. Mesmo assim, na época, era a única chance de sobrevivência para eles. E, então, o abrigo se fechou. As bombas estouraram e tudo ficou tão claro que Lívia fechou seus olhos para reabri-los, momentos depois, em uma Terra escura e sem vida.

“Todo o hemisfério norte se tornou sem vida, tanto na superfície quanto os que tentaram os abrigos nucleares daquela região. No hemisfério sul, houveram sobreviventes na superfície, mas acabaram morrendo em cerca de quinze de anos, sem herdeiros, pois toda criança nascida sob aquela atmosfera não conseguia sobreviver”.

Lívia acompanhou uma mulher fraca e grávida dando a luz, com olhos arregalados. A criança nascera com três olhos e apenas uma perna, já quase sem vida. A mulher, frustrada, deixou-se desfalecer nos momentos seguintes.

E tudo estava escuro, como uma noite sem fim. Lívia podia sentir o pânico dos sobreviventes, morrendo aos poucos. E, então, não havia mais ninguém.

“Dentro dos abrigos, centenas de anos se passaram antes que alguém se arriscasse a sair. A radioatividade ainda estava forte quando o fizeram, mas as doenças de estarem presos ali estavam se tornando cada vez piores”

Então ela pode ver os abrigos em seu ápice: lotados de pessoas, crianças, imundos até o teto porque não havia escape para todo aquele lixo. E, além disso, o cheiro, ela pôde sentir. Era terrível, as pessoas tossiam e muitas acabavam tendo infecções e doenças por contato com o lixo ou, simplesmente, por não conseguir sobreviver àquele ar.

“A radioatividade foi extrema, ainda, para alguns dos que se arriscaram a sair. Foi decidido, então, fazer a transição aos poucos, enquanto se organizava uma espécie de divisão de bens para que cada parte da população pudesse aproveitar e se responsabilizar por uma parte de Esmeralda”.

A vanguarda estava sob tratamento, tentando entender e reverter os sintomas de doenças que a radioatividade lhes provocara. Enquanto isso, as comportas dos abrigos foram abertas e pessoas podiam sair um pouco, enquanto seus organismos tentavam se acostumar com todo aquele material estranho à sua natureza.

“Mesmo assim, foi impossível não sofrer os efeitos. Houveram mutações antes que nosso organismo se adaptasse. Muitos morreram antes que pudessem completar vinte e cinco anos... E a população quase chegou ao seu fim, mas somos sobreviventes”.

Mostraram as vilas sendo construídas, suas cercas e as pessoas tomando posse das casas, as crianças, aos poucos, crescendo... E então, sobrevivendo em meio à floresta Esmeralda, forte e viva, como se nem tivesse se abalado com seu ambiente altamente nuclear.

“Sobrevivemos a era mais negra de nossa história, nos tornando resistentes ao nosso pior inimigo, acoplando-o a nossa natureza de forma gradual, até os tempos atuais, onde podemos chegar quase aos cinquenta anos: uma vitória além do sonhado”.

A projeção se encerrou e Livia percebeu que estivera segurando a respiração. Puxou o ar com força, fazendo Jerrade rir um pouco dela.

— É eletrizante, não é? – Perguntou-a. – Finalmente entender como a gente chegou até aqui...

Livia encarou-o, meio sem saber o que pensar. Sua respiração ainda estava tentando voltar ao normal naquela saleta quente.

— É... Enojante – disse, por fim.

Jerrade meneou a cabeça, parecendo considerar o ponto de vista da garota, tão decidida, que parecia que sempre soubera o que acontecera e tivera tempo de pensar no que achava sobre isso, o que não era verdade.

Tirando os escolhidos, ninguém sabia o porquê eles viviam assim. A maioria achava que era natural, alguns acreditavam na lenda da guerra, mas pouquíssimos tinham conhecimento total da situação.

— Ver como chegamos ao limite... Por causa de uma discussão que podia ter sido resolvida com repartição de recursos, como fazemos agora? – Jerrade disse, com as sobrancelhas arqueadas, quase parecendo irônico. – Sim, parece enojante, mas pense que, agora, somos mais desenvolvidos que nossos antepassados. Talvez eles não entendessem como... resolver.

Mesmo não acreditando muito em como alguém pudesse ser tão burro ao ponto de quase dizimar sua espécie por causa de árvores, ela concordou com a cabeça, não querendo discutir sobre isso.

— Talvez você tenha razão – disse, por fim.

Seu olhar torceu o ambiente, como se ela ainda estivesse vendo as imagens anteriores. E, provavelmente, ela as veria durante toda sua vida, da forma em que elas pareciam ter sido gravadas em sua mente.

— Certo – Jerrade disse. – Tenho mais projeções para você.

O imperador do universo

A segunda projeção escureceu tanto o ambiente em que estavam que Livia emitiu sua luz esverdeada de forma que nunca emitira antes. Distraiu-se, então, olhando para sua mão por um momento antes de arregalar os olhos para a imagem à sua frente.

Era uma nave espacial tão grande, maior do que qualquer coisa que ela já tivera visto e estava bem à sua frente. O pânico, inserido tão profunda e intimamente nela desde àquela tarde em que Ric fora tomado na sua presença, a fez recuar instintivamente até a parede mais próxima.

— Está tudo bem? — Jerrade perguntou, estranhando sua fraqueza tão evidente, quando a garota mal demonstrava satisfação.

Livia não dignou-se a responder, continuando a encarar a grande nave espacial com os olhos arregalados. A nave estava pairando em meio ao nada, mas, em uma manobra, girou e voltou parte do caminho, com a projeção a acompanhar.

“A medida em que nós, seres humanos, consertamos nosso planeta, seres de outro mundo foram admirando nossos vastos recursos naturais, além de nossa inesgotável fonte de radioatividade”

Ao longe, podia se ver a Terra rodeada por outras diversas naves espaciais, de diversos tamanhos e formatos.

“Na Terra, tudo estava correndo na mais perfeita harmonia. Havíamos, finalmente, aprendido a como plantar no nosso solo prejudicado, a como preparar nossa comida e estávamos começando a desenvolver novas tecnologias para nos ajudar a sobreviver nesse mundo quase destruído, ao nosso olhar”.

Livia podia ver uma vila muito parecida com a dela. As pessoas, despreocupadas, caminham livremente pelas ruas, conversando com seus vizinhos e ajudando-os com plantios, com os animais que eles possuíam... Parecia perfeito.

“E, então, quando achamos que o mundo estava de volta em seu lugar, começaram os ataques”.

Um barulho ensurdecedor foi ouvido e a poeira subiu. Ao lado de uma garota de cabelos vermelhos, da projeção, Livia olhou para o alto, ato que a garota imitou segundos depois. Ao mesmo tempo em que Livia admirava a bomba se aproximando, o grito da garota a fez tampar os ouvidos.

A bomba caiu exatamente à frente delas e Livia acompanhou, impassível, o que ela tivera que assistir durante toda sua vida: Casas sendo destruídas, pessoas carbonizadas ou apenas destroçadas. Era cruel porque, além de tudo, eles não estavam preparados. Eles tinham uma vida tranquila e perfeita.

“Sem nenhuma piedade, o Imperador do Universo atacou diversas vilas da Terra, há quase cem anos. Desde então, vivemos em um mundo que não sabemos quanto tempo podemos durar”.

A projeção arrisca uma panorâmica de diversas vilas destruídas em sequência. Algumas tem sobreviventes que choram suas feridas e seus mortos. A cada nova imagem, Lívia apenas pôde ver mais e mais destruição e, a cada nova imagem, mais ela sentia raiva dos causadores.

Todas as famílias que se perderam, todo o sofrimento que aquilo causou, apenas por algumas árvores e por um pouco de radiatividade, coisas que eles tinham em uma abundância tão assustadora que não se lembravam nem de que podia ser valioso.

Algumas imagens fortes foram exibidas: uma criança pequena chorando entre os corpos carbonizados dos pais, corpos despedaçados, um cachorro chorando no meio de uma vila onde ele parecia ter sido o único sobrevivente. Tudo era muito repugnante para Lívia, que sabia que aquelas situações eram normais, quase tão frequentes que ninguém mais se abalava.

A imagem mudou e Lívia se viu dentro de uma estrutura de metal. Ela encarou Jerrade por um momento e ele balançou a cabeça em concordância. Ela quase está em pânico outra vez, vendo-se dentro da nave do Imperador do Universo.

“A frota do Imperador do Universo nunca teve piedade de seus oponentes, mas, por algum motivo, ele não dizimou nossa população, mantendo-a sob terror durante todo esse tempo. Há teorias de que, enquanto isso, ele está retirando radioatividade da nossa atmosfera para atacar com nossa própria defesa, em grande escala.”

A imagem se arrastou pela nave, pelos corredores iluminados até uma porta se abrir. Ali, parado de costas para a projeção e admirando a Terra através de um vitral, estava o homem que Lívia mais odiava no mundo todo.

Aquele era o homem que roubara o futuro que ela desejava para si, que roubara a única pessoa em quem ela confiava, sua única e perfeita companhia. Henrique Astraregi, antes de mais nada, era seu melhor amigo, mas em um mundo aos pedaços, isso significou que eles tinham outro caminho a tomar e eles tomaram-no sem medo.

Lívia o amava com sua própria existência. Ele era destemido de uma forma que ela não compreendia, mas o acompanhava mesmo com medo, porque ela tinha certeza que ele a protegeria. Aos quinze anos, eles já eram mais que amantes. Ric fora aceito sem nenhuma discussão em sua casa, onde eles partilhavam seu pobre quarto e cama, mas viviam muito felizes.

E, então, em uma de suas viagens costumeiras ao lago, além das grades

da vila, ele fora tomado de si violentamente. Seu rumo, seu futuro, seu chão... Tudo se esvaía de uma forma tão absurda que Livia nunca mais fora possibilitada a voltar a ser a garota apaixonada que era antes, a mulher que se tornara era o quase o oposto do que havia sido. Antes calma, sorridente, apaixonada e agora bruta, fria, distante.

Ela chegou a trincar os dentes e a quase urrar diante daquela imagem, buscando seus instintos mais animais naquela situação. Teve que obrigar a dizer à sua mente que era apenas uma imagem ou ela o teria atacado.

“Os ataques continuaram sem nenhum momento de sossego. Logo foi visto a necessidade de retorno. Então, o governo de Esmeralda tomou para si uma ilha, há muito tempo não habitada, e reforçou suas defesas, recebendo jovens de todo o continente para ajudar a criar alguma maneira para defendermos”.

A imagem mostrou Globo do Mar sendo construída. Livia admirou sua grande cúpula sendo fortificada, os destroços virando materiais para construção de novas habitações... Ela desejava muito aquilo.

A projeção arriscou mostrar toda a construção de Globo do Mar, de maneira gradual. Ela viu cada elemento, cada construção e, então, a chegada dos primeiros jovens, bastante animados em ajudar tanto na construção, quanto em cálculos e papeladas para tentar vencer suas primeiras batalhas contra o Imperador do Universo.

“Aos poucos, vencemos algumas lutas”.

Livia pode ver uma das naves recuperadas do Imperador. Destruída, mas não o suficiente para que eles não pudessem estudá-la. Ela, animada em tentar entender, se aproximou o suficiente da projeção da nave para que ela se dissipasse em suas mãos, tentando alcançá-la.

“E, com nossas pequenas vitórias, começamos a desenvolver uma tecnologia quase equivalente a de nossos inimigos extraterrestres”.

Com um sorriso de lado, Livia acompanhou os jovens montando seus primeiros experimentos tecnológicos e seu sucesso. Não muito depois, toda uma sala de comando e cálculo estava montada para os novos escolhidos.

“A cada ano, mais jovens brilhantes são salvos dos bombardeios frequentes para se juntar ao Globo do Mar, na nossa constante batalha contra o Imperador do Universo. Porém, não há espaço para todos. Por isso, decidimos treinar os jovens antes de selecioná-los, para além de escolher os melhores, os que permaneçam em suas vilas também possam se defender e lutar com o que aprendem”.

Então foi possível ver os Centros de Treinamento sendo instalados e as primeiras turmas, de apenas um ano e, após, mais anos e anos, cada vez mais

tempo para que todos pudessem aprender a lutar.

Nem tudo é o que parece

A imagem de Globo do Mar foi se afastando, subindo até que Livia pudesse ver toda a extensão de Esmeralda, o que a fez arregalar os olhos. Nunca em sua vida ela pensara que a floresta pudesse ser tão grande.

Ela começava em um estreito, quase no limite com o Norte destruído e descia, abrindo-se em todo o continente, indo até o Sul, onde ela tinha uma versão mais espaçada, mas, ainda assim, ela estava lá. De Norte a Sul, de Leste a Oeste. Esmeralda dominava todo o espaço, tirando pelos pequenos campados e os desmatados para construção das centenas de vilas.

“Esmeralda é o que restou de nossa Fauna e Flora, o sobrevivente de tudo que tínhamos, mesmo antes da Grande Guerra. Ela é nosso suspiro de alívio e a nossa melhor amiga na batalha contra todas as adversidades. Nossa função é protegê-la de tudo e de todos que querem-lhe mal”.

E, então, a imagem foi se afastando ainda mais e Livia arregalou os olhos ao ver Esmeralda se afastando, para que ela pudesse visualizar o mar azul, mais escuro ao Norte, junto com as terras cinzentas e despovoadas, mortas pelas bombas nucleares. E, então, ela se viu no espaço, admirando o planeta.

E ele era redondo, como bolhas de ar subindo pelo lago. Pegou-se assombrada, vendo a rotação da Terra, e, então, encontrou-se olhando para as terras do Oriente, amarelas, secas e quase sem vida.

“Ouro não teve a mesma sorte que nós, de Esmeralda. Quando saíram de seus abrigos, encontraram suas terras desmatadas e quase sem vida, excetuando a grande ilha do Sul, para onde a maioria migrou e sobreviveu por algumas centenas de anos, antes que a fartura se tornasse escassez e seus recursos se esgotassem”.

Livia encarou as terras secas de Ouro, sua aproximação com as terras mortas do Norte, com exceção da ilha do Sul, talvez ajudando com a falta de fauna e flora da região. A imagem se aproximou um pouco e Livia pôde ver que as casas formavam pequenas aldeias, mas não havia organização. A projeção avançou pelo mar, onde diversos barcos atravessaram e, então, estavam na Ilha do Sul, onde a vegetação era forte o suficiente para alimentá-los, mas foi, aos poucos, se esgotando. Era óbvio que seus vizinhos do Oriente não haviam aprendido a lição.

“Vieram, então, atrás de ajuda. E nós temos lhes mandado recursos sempre que podemos, mas é cada vez mais difícil”.

Livia encarou a projeção com os olhos cerrados, vendo um avião voando lentamente entre os continentes. Por que eles não mandavam mais recursos? Por que eles não transportavam as pessoas de Ouro para Esmeralda?

E, então, o avião foi explodido no ar e Livia fechou os olhos, compreendendo.

“A viagem para Ouro é longa, dura e desprotegida. São raras as vezes em que um de nossos aviões consegue ir e voltar sem ser atingido. Perdemos muitos de nossos jovens brilhantes nessa jornada e não podemos arriscar muito mais. Torcemos para que Ouro consiga sobreviver com o que lhe enviamos para plantar”.

A projeção rodeou por toda Terra, voltando à Esmeralda e, então, subindo um pouco para mostrar algumas ruínas cheias de poeira nuclear, mesmo passado milênios a fio. Livia suspirou, balançando a cabeça. Como poderiam ter chegado àquilo?

Então, a imagem se afastou, mostrando toda a Terra e os pequenos pontos com naves espaciais do Imperador do Universo.

Letras balançaram pelo espaço, finalmente formando a frase “Nem tudo é o que parece ser”, antes da projeção ser encerrada e Livia piscar os olhos longamente, antes de encarar Jerrade.

— Ouro sobrevive? – Perguntou-lhe.

Jerrade concordou com a cabeça, cerrando os olhos para sua pergunta. Ele achava a garota esperta demais. Demais, talvez, até para o seu próprio bem. Aquela não era, exatamente, a pergunta apropriada.

— Sim – respondeu-lhe. – Com o que consegue.

Ele apontou a cadeira para a garota e ela caminhou de volta ao seu lugar, sentando-se com uma graciosidade que ele não esperava que ela o tivesse. Olhou-a, novamente, dessa vez com outros olhos. Ela não era apenas um bom soldado, ela era bonita. Seus olhos verdes eram fixos e cristalinos, mesmo que ela sempre encarasse a todos com uma dureza impressionante. Aquela era uma que podia dominar a qualquer um com seu olhar. O cabelo era loiro, mas de um tom escuro, um quase castanho, que se escurecia ainda mais quando ela o prendia sobre a cabeça, como no momento. A pele era escura, de quem não se poupava de passar tempo no Sol, treinando para chegar aonde havia chegado. Contrastando com toda a sua atitude, a garota tinha feições delicadas, lábios finos, nariz pequeno... Se ele não tivesse visto por si mesmo do que ela era capaz, nunca teria apostado nela.

Era o tipo de garota que não se encontrava com facilidade em Globo do Mar.

— Bom, Livia – Jerrade cortou-a, antes que seus pensamentos fossem um pouco mais além. – Antes de nos encontrarmos em Globo do Mar, você tem que se provar mais uma vez. Você terá que passar por um teste na floresta.

Ela cerrou os olhos para ele, mas concordou sem nem pestanejar.

— Certo.

Jerrade, mesmo que a garota não aparentasse medo, ficou preocupado que ela estivesse assustada com sua última tarefa.

— Você vai tirar de letra, não se preocupe – ele lhe deu uma piscadela de olho, o que apenas fez Livia sentar-se diferentemente, como um felino se preparando para o ataque.

Ela olhou para a porta, sentindo a movimentação do lado de fora. Voltou a olhar para Jerrade quando a porta voltou a se abrir, a presidente da série adentrando o aposento.

— Okay – ela lhe disse. – Quando eu começo?

E com um sorriso sádico, a presidente lhe respondeu:

— Agora. Acompanhe-me, senhorita Esterfonte

Apenas um teste

Lívia lançou um último olhar a Jerrade, balançando a cabeça em despedida. O rapaz sorriu-lhe e ela conseguiu olhá-lo com descaso, no momento. Assim que a diretora se livrasse dela, iria atacar o rapaz. Isso a enojava.

— Boa sorte, soldado Esterfonte – ele disse. – Espero que nos encontremos em breve.

Ela concordou com a cabeça, seguindo a diretora para fora da saleta, sem pronunciar uma palavra. Lívia era, de todo, uma pessoa corajosa e forte, mas durante toda a sua vida, ela sabia o que esperar e o que fazer. Se bombas caíam, corria pro proteção e ajudava se alguém precisasse de ajuda para se salvar; se tinha um teste para fazer, dava o melhor de si, sabendo que teria assistência para se curar, caso se machucasse.

Aquilo seria diferente. E, mesmo com pavor de admitir para si mesma, estava assustada. Tão aterrorizada que não pudesse conseguir fazer aquilo sozinha que suas mãos tremiam de forma incontrollável.

Disfarçando o nervosismo, passou as mãos em suas coxas para secar o suor que se acumulava e prendeu as duas mãos no cinto da arma, esperando que aquilo mascarasse seu tremor.

Lívia não precisava se preocupar se estava pagando de menina assustada, não para a diretora da série 360. Na verdade, ninguém sabia como aquela mulher chegara a um cargo tão alto... Ela era fútil, odiava pessoas e simplesmente desejava que o mundo todo tivesse se explodido. Mas Caroline Dantei tinha algo especial: um instinto de sobrevivência aguçado. Ela queria viver longe da radioatividade e esperava conseguir sobreviver um pouco mais que os meros mortais... Tinha feito escolhas inteligentes e ali estava ela: a poderosa mulher de toda uma série, se aproveitando de adolescentes cheios de hormônios para lhe dar prazer.

E quando ela recebia os inteligentíssimos e fortes garotos de Globo do Mar... Ah, ela tinha que aproveitar quando a sorte sorria para ela, não?

— Não pense que você me engana. Eu bem vi seus olhos de animal acanhado para ele, Esterfonte – disse à Lívia.

A garota, distraída com seu próprio nervosismo e lutando para esconder suas mãos trêmulas da mulher à sua frente, pouco entendeu do que ela falava. Franziu a testa, meio embasbacada e gaguejou um fraco:

— Como é?

A senhora Dantei apenas parou no meio do caminho, braços cruzados e uma expressão dura que teria assustado a qualquer um, mas Lívia não se assustou. Lívia não era intimidada com facilidade e toda a sua área emocional já

estava reservada para os tremores do seu último teste.

— Seu olhar para Jerrade – Caroline disse. – Quase implorando que ele lhe jogasse a mesa e metesse entre suas pernas.

Lívia balançou a cabeça, quase chocada demais para reagir. O linguajar... Ela nunca ouvira algo tão rude. As pessoas, em sua vila, eram tranquilas e educadas. Alguns jovens falavam coisas consideradas erradas, se provando entre eles mesmos, mas nada como aquilo. Nunca. Aquilo era ridículo.

— Você não pode estar falando sério sobre isso – Lívia disse, sua voz quase arranhando, no máximo de seu autocontrole. – Eu acho que eu tenho coisas muito mais preocupantes para pensar agora... Nem todo mundo pensa em... Nessas coisas... O tempo todo.

Caroline analisou-a por uns momentos, tentando descobrir se a garota estava sendo sincera ou não. Aquela garotinha era um bichinho do mato com um pouco de sorte. Nunca chegaria ao Globo do Mar, nunca teria Jerrade para ela. Pobre desgraadinha. Que destino trágico.

A senhora Dantei sorriu ao imaginar Lívia perdida e morrendo na floresta.

— Tem razão – disse, por fim, o sorriso estampado no rosto. – Vamos.

Com um suspiro aliviado de ter se livrado do conflito, Lívia seguiu a senhora Dantei para muito além do que ela jamais tinha ido no Centro de Treinamento. Ao passar por três portas de tranca automática, Lívia teve quase certeza absoluta que aquela era uma área *proibida*.

A garota só pensava em que diabos de teste maluco na floresta aquilo deveria ser quando Caroline parou mais uma vez, em frente à uma porta de aparência frágil. Ela tirou chaves do bolso e colocou uma delas na fechadura, abrindo-a.

— Entre – ordenou para Lívia.

Caroline tinha um sorriso sádico maluco no rosto, mas Lívia não ponderou. Com passos corajosos, perpassou o limite da porta, vendo-se em um pequeno saleta onde ela quase não podia se mover. A mulher jogou uma mochila aos seus pés e, sem nenhuma cerimônia, arrancou a sua própria, jogando para longe dela.

— Dentro da bolsa, além de provisões, há um mapa. Tem duas marcações: Uma, um local próximo daqui, onde você encontrará seu parceiro de viagem; Duas: O porto onde você encontrará embarcações que possam te levar à Globo do Mar.

Automaticamente, Lívia se abaixou para pegar a mochila e a abriu. O mapa estava logo por cima e ela o avaliou, procurando onde estava e até onde deveria ir primeiro. Não era muito mais que um dia de caminhada, mas era

distante. Seu coração acelerou, já lançando adrenalina por todo o seu corpo.

— Todo o seu treinamento não valerá de nada se você não passar por esse seu último teste. Muitos não passam por ele – Caroline continuou, aterrorizando-a. – Somos duas mil vilas, duzentas séries e cem duplas são enviadas para a floresta todo o ano. Muito dificilmente, um número maior que vinte duplas consegue chegar Globo do Mar e, normalmente, são de séries mais próximas a ele que nós.

Lívia apertou a mochila com força, esquecendo-se de que ela estava sendo jogada para fora de suas proteções. Ao ouvir aquilo, sua mente voltou para alguns anos antes, quando ela ainda usava vestidos e ria como uma menina boba.

O dia em que ela se despediu de Denis.

— Meu... Meu irmão – Lívia gaguejou, quase se entregando às emoções. – Meu irmão. A senhora sabe se ele conseguiu?

Caroline apenas olhou-a com pena e, embora soubesse a resposta à pergunta, nada lhe disse. Seu lado sádico imaginou que a garota nem ao menos conseguiria encontrar sua dupla, que morreria assim que pisasse fora das cercas.

— Boa sorte, soldado Esterfonte – disse, embora seu desejo fosse de extremo azar.

Então a porta se fechou e o pequeno cômodo se locomoveu, lançando Lívia para longe

Sozinha como nunca

Lívia aterrissou em um campo do lado de fora das cercas e levantou o olhar a tempo de ver a fina caixa que havia lhe expulsado do centro de treinamento retroceder até voltar a fazer parte da construção.

O Sol já tinha chegado ao alto quando Lívia olhou ao redor e percebeu que estava bastante distante das cercas de proteção. Seu medo, criado após o sumiço de Henrique, voltou com força total e ela sentiu sua respiração ficar falhada ao ponto de precisar ajoelhar-se sobre a grama para tentar se controlar.

Levada ao esgotamento físico e emocional, deixou lágrimas de medo e saudade escaparem.

Medo que não encontrasse Denis, mesmo se chegasse em Globo do mar.

Ali, no campo além das cercas, ninguém poderia vê-la sair de sua carapaça dura e inquebrável. Ali, ela era a garotinha assustada que sempre precisara de proteção. Que precisava de Henrique.

Ela abriu seus olhos embaçados e encarou o céu com o coração acelerado. Chegara até ali: seu caminho estava livre para conseguir uma vida melhor, uma perspectiva. Em Globo do Mar prosperaria, seria coordenadora de proteção e poderia fazer tudo em seu alcance para cuidar das vilas mais bombardeadas. E, talvez, conseguisse descobrir o que havia acontecido a Ric.

Lívia levou a mão à única lembrança de Ric que tinha: o cordão que ele havia lhe dado, que fora de seus pais no tempo deles. O coração estrelado, um pequeno pingente prateado em formato de coração com duas estrelas, interligadas, gravadas nele. Ric tinha um igual e toda vez que Lívia apertava suas mãos nele, ela sentia como se ele estivesse fazendo o mesmo... Sentia quase como se eles estivessem juntos de novo.

Tudo o que ela queria era voltar no tempo e desejar ter ficado em casa naquele dia. Nada de floresta, nada de banho no lago... E talvez ainda o tivesse ao seu lado.

Não, negou a si mesma, balançando a cabeça para afastar os pensamentos que ocuparam sua mente por todos aqueles anos. Lívia passara tempo demais se martirizando por isso, sofrendo em silêncio, mudando. Agora estava forte e precisava ser. Alguém tinha que fazer alguma coisa pelas pessoas que estavam morrendo aos montes em sua vila, já que Denis provavelmente tinha morrido.

Secando suas lágrimas com raiva pelo momento de fraqueza, ela sentou-se em um pulo. Tinha que se organizar e começar a marchar para o ponto de encontro, a fim de encontrar sua ajuda para levar aquilo adiante. Ela conseguiria, sempre conseguiu. Não ia se acovardar diante de um desafio só porque ele... Bom, era do lado de fora das cercas.

Nunca achou que precisaria enfrentar a floresta para chegar em Globo do Mar. Imaginou que aviões buscariam os vencedores, mas, pensando bem, fazia sentido. Como você protege seu território se não o conhece? Como se tornar digno de protegê-lo se você mesmo não sobrevive a ele? Era dito que somente os melhores dos melhores tinham lugar em Globo do Mar e assim era feito. Ela devia ter esperado.

Não se deixaria ser pega de surpresa outra vez.

Em uma injeção de praticidade, Livia abriu sua mochila e espalhou seus novos pertences no chão. Encontrou algumas mudas de roupa, o que a fez suspirar aliviada, já que a viagem seria longa. Além disso, um carregador de arma (e, embora não pretendesse precisar descarregar a energia dela em nada, era uma boa aquisição) e um bastão de luz (que Livia escondeu no fundo da mochila para tentar evitar a vontade de utilizá-lo à noite e chamar a atenção para si no meio da floresta).

Havia comida: algumas pílulas-biscoitos, água e um pouco de carne ressecada. Não era muito, mas seria o suficiente por uns três dias. Até lá, ela e seu companheiro de viagem poderiam montar suas próprias provisões, se encontrassem o que caçar ou pescar, o que provavelmente não seria uma coisa muito difícil de se fazer em uma floresta.

Por último, tinha uma faca. Livia encarou-a por uns momentos, já que fazia um tempo que não via uma. Facas não eram permitidas nas vilas por causa do alto nível de assassinatos de familiares, para evitar seu sofrimento e incerteza. Armas eram permitidas aos portadores responsáveis, com uma trava de segurança que mantinha um nível baixo de descarregamento ao apertar o gatilho, mas um tiro radioativo, se não fosse muito de perto e em pontos específicos, não matava de imediato. Facas... Facas eram certas e, forçando um pouco sua mente, Livia tinha certeza que poderia utilizar uma muito bem.

Com um suspiro, Livia a prendeu em seu cinto, próximo à arma.

Guardou suas provisões de volta na mochila, analisando o mapa e tentando se situar na floresta. Ele estava marcando o ponto exato onde ela estava e o ponto para onde ela deveria ir. Era distante, então preferiu começar logo, esperando encontrar sua dupla antes da noite cair.

O dia foi extremamente cansativo e solitário para Livia: quase como um dia comum. Ela andou pela floresta, ignorando seu coração acelerado e buscando o conforto no pingente de Henrique e nas suas duas armas quase o tempo inteiro. Isso a deixava com uma pequena sensação de segurança.

Parou por pouco tempo, apenas o suficiente para engolir duas tiras de carne ressecada e alguns goles de água. Mais à frente, parou ao encontrar um riacho e resolveu repor a água em seu odre.

Estava tudo bem até o momento em que Livia percebeu que a noite começara a cair. Ela nunca estivera na floresta à noite e isso lhe dava calafrios. Embora esgotada, seus passos foram mais firmes e rápidos em chegar ao seu destino. Dali, de onde estava, conseguia ver a colina marcada como ponto de encontro. Só de poder vê-la, Livia já relaxou, mesmo com o Sol abaixando-se e os dois pequenos globos prateados de luz estivessem tomando seu lugar para iluminar fracamente a escuridão esverdeada da noite.

Ali, na floresta, tudo era muito verde brilhante. Nas vilas, era fácil ver o tom esverdeado que a pele de cada sobrevivente emitia durante a noite. Era brilhante e iluminava o suficiente para que lessem alguma coisa sem ter que acionar as luzes de emergência. Ali fora, no entanto, toda a floresta brilhava. Brilhava como ela.

Pela primeira vez, Livia pegou olhando para sua pele, admirada com o quanto ela podia brilhar na escuridão total da noite. E, em meio às árvores, era facilmente camuflada. Com um suspiro, admirou-se em não encontrar vestígios assustadores na noite da floresta. Tudo parecia meio verde e familiar.

Resolveu parar por um momento para recuperar a respiração. Sua proximidade com a colina era suficiente para que ela se sentisse segura, além das luzes verdes que a camuflava na floresta. E, então, levantou o olhar para o movimento, no topo da colina.

Muito treinada, se jogou atrás de uma árvore e observou, mas estava muito baixo para que conseguisse ver o que se passava. Com um impulso, alcançou o galho mais baixo da árvore e a escalou com facilidade, podendo ver o rapaz andar de um lado para o outro na colina, parecendo ansioso. Seus olhos se cerraram, acostumados a uma noite menos esverdeada que aquela. Mesmo assim, seu coração disparou de medo, resignação e raiva pela certeza do que via:

O garoto não emitia nenhum brilho.

A colina à meia luz

Lívia não sabia desde quando a pele humana tinha começado a brilhar - certamente tinha acontecido gerações após a saída dos abrigos em resultado às sucedidas adaptações de sua espécie à radiatividade mortal da atmosfera.

Ela também sabia que nem a desintoxicação conseguia limpar aquela característica por completo, mantendo um brilho fraco e discreto até o resto da vida.

Todos os habitantes da Terra emitiam brilhos esverdeados, mais fracos ou mais fortes.

Aquele garoto não tinha nenhum.

Aquele garoto de pele negra, ombros largos e corpo esguio e forte, caminhando de um lado para o outro, era um ponto opaco diante da noite verde.

Seus dentes trincaram com a mais óbvia explicação para aquilo: ele não era um habitante da Terra.

Não era uma explicação comum; Lívia tinha sido zoada a vida inteira por acreditar nas abduções e contato de humanos com extraterrestres, porém era a única explicação que passou em sua mente naquele momento.

Toda a raiva acumulada desde que Henrique desapareceu veio à tona e, ao contrário do que esperava de si, ela não sentiu medo. Estava pronta para o ataque.

Com cuidado para não fazer barulho, Lívia desceu da árvore em três pequenos pulos. Ao alcançar o chão, agachou-se, sentindo o coração martelar em seu peito. Aguardou, silenciosamente, até que achasse seguro para se movimentar sem ser percebida.

Por entre as árvores, começou a caminhar em direção à colina, admirando o rapaz. Ele, sem dúvidas, aparentava ter a mesma idade que ela, talvez um pouco mais velho. O tom de sua pele era diferente... Cor de madeira velha e ressecada, como seu armário de roupas. Ele andava de um lado para o outro, parecendo bastante impaciente. Como se esperasse alguma coisa... Ou alguém.

Ela.

Quase próximo o suficiente, Lívia se escondeu por detrás de um arbusto brilhante e continuou a admirá-lo. Tinha uma mochila jogada em um canto, a luz de emergência estava acionada aos seus pés e ele tinha uma expressão meio louca. Sua barba rala escondia levemente a carranca que ele fazia. Parecia falar consigo mesmo, mas Lívia não conseguia entender o que ele dizia da distância em que estava.

Ele passou a mão pelo cabelo e olhou ao redor. Depois disso, olhou para cima e o coração de Lívia disparou. Para ele, um olhar casual de quem deseja manter sua segurança; Para ela, o sinal que faltava para confirmar que ele estava esperando uma nave para levá-lo dali.

Como uma pena caindo, Lívia se movimentou silenciosamente até a árvore posicionada exatamente atrás dele enquanto ele ainda encarava o céu. E, antes que ele pudesse perceber ou prever, saiu da árvore em um pulo, subindo a colina quase como se não necessitasse tomar fôlego e pulou nas costas dele, segurando e levando ao seu pescoço a arma mais mortal que tinha: a faca.

— Onde está sua nave, huh? – Inquiriu rapidamente ao sentir o coração dele pulsar contra seu peito. – Está vindo te pegar?

De costas para ela, ele arregalou os olhos. Pelo pouco que Lívia poderia ver de sua expressão, era puro pânico. A lâmina estava bem posicionada e Lívia o mantinha de uma forma que ele não conseguiria se soltar sem correr o risco de sofrer um corte fatal. Mesmo assim, uma de suas mãos segurava a faca junto com ela, tentando afastá-la, mas a garota mantinha-a tão firme contra seu pescoço que ele não duvidava que ela poderia cortá-lo a qualquer momento, mesmo que sem querer.

E ele deveria estar em pânico. Lívia era uma pessoa simples: tinha sentimentos, claro, e os escondia para sua proteção. Isso a tornava prática e raramente mostrava-se para os outros, excetuando a raiva e a ira, que mostravam-se com facilidade devido ao seu instinto. Porém, por ser uma pessoa calma e de metas, raiva e ira não eram sentimentos que Lívia costumava ter. Mas quando o assunto era alienígenas, não tinha dó.

Havia uma especialização de luta corporal na formação, mas não era obrigatória. Lívia não pestanejou em participar das aulas, perguntando sobre seus adversários alienígenas e qual era a forma mais fácil de matá-los, mesmo que isso tivesse aumentado um pouco mais as piadas a seu respeito.

Tinha valido a pena por aquele momento.

Se ela tinha aprendido algo era que, na dúvida, a cabeça precisava ser removida.

— Minha... Minha o quê? – Gaguejou.

Lívia apenas apertou a faca com mais força contra seu pescoço. O garoto engoliu a seco sobre a ameaça tão explícita dela. Como uma garota tão pequena conseguia ser tão... Cruel?

— Não se faça de tolo – rosnou, cheia de raiva. – Eu sei o que você é. A noite entrega todos vocês.

Desconfortável, ele se mexeu rapidamente, conseguindo se soltar do aperto dela. Três segundos depois, estava jogado ao chão, ela sobre ele e a faca

de volta em seu pescoço.

— Responda minhas perguntas ou eu mato você tão rápido quanto eu te levo ao chão – resmungou. O garoto apenas arregalou os olhos para ela, concordando com a cabeça. – De onde você vem?

Ele engoliu a seco e puxa um pouco de ar como se estivesse sufocando. Lívía afastou um pouco a faca de seu pescoço, mais alerta que nunca.

— Da... Da vila 377 – disse.

Impiedosa, Lívía voltou a pôr a faca em seu pescoço. Dessa vez, com força o suficiente para lhe fazer um pequeno corte.

— Mentira – disse. – Se fosse, você teria luz.

Ele a olhou nos olhos, ignorando a ameaça da garota. Pegou, então, sua mão e juntou com a dele. A dela, clara e de luz esverdeada. A dele, cor de madeira e opaca. Completamente diferentes. Não lhe admirava que ela estivesse acusando-o de ser alienígena.

Ela curvou-se sobre ele, levando seu peso à sua ameaça. Ele respirou fundo antes de lhe responder:

— Minha vila... Tem proteção – murmurou, de voz engasgada entre a pressão e o medo. – Eu acho seu brilho muito bonito, não temos quase nada disso por lá. A radiação pouco atravessa nossa proteção, mas, mesmo assim, poucos somos os que passamos dos cinquenta.

Atordoada, Lívía continuou encarando-o, tentando notar qualquer traço de mentira em sua expressão. Ao perceber isso, o garoto continuou:

— Posso te levar lá, se quiser. Sai um pouco da nossa rota por mais de um dia de viagem, três dias se formos contar a volta, mas se isso te deixar mais confortável...

Convencida e atordoada, Lívía afastou a faca de seu pescoço com um suspiro fraco, na intenção de acalmar seus batimentos cardíacos e diminuir a sensação de pânico que crescera dentro dela.

— Desculpe – finalmente lhe falou.

Ele deu um sorriso de lado e ela deslizou para longe dele, tirando seu corpo de cima do dele e deixando-o respirar. Ele apenas a olhou, meio arteiro.

— Oh, não, não – disse. – Você pode ficar mais tempo aqui, se quiser. Está ótimo para mim.

Olhando para ele, Lívía sorriu-lhe falsamente, pegando a faca e cravando-a na grama. Sorriu para ele apenas um pouco mais, uma ameaça tão clara para o garoto que ele não teve escolha a não ser demonstrar o pânico que a companhia dela estava causando-o.

A estranha companhia

— Vamos acampar – Livia disse, sem cerimônia alguma.

Ela se levantou em um pulo, mas o rapaz continuou impassível a observá-la, indeciso entre a admiração e o espanto. Liv começou a descer a colina sozinha, sem esperá-lo, mas um olhar ameaçador em sua direção foi o suficiente para que o garoto começasse a se mover.

Alcançou-a quase tropeçando em seus próprios pés quando o declínio se encerrou. Parou ao lado dela, tentando lançar-lhe um sorriso encantador.

— Meu nome é Jefferson. Tony Jefferson. Ou Jeff. Sou da vila 377... – E continuou, com uma voz grossa como se estivesse anunciando:. – *Estruturada para o futuro.*

Jeff riu sozinho de sua própria piada enquanto Liv o encarava, sem entender aonde estava a graça. Quando percebeu que estava rindo sozinho, Jeff limpou a garganta e olhou para a mulher desconfiada ao seu lado.

— Livia Esterfonte. 364 – Disse, finalmente, percebendo que estava sendo mal educada com o garoto por causa de uma desconfiança boba.

Com um sorriso de orelha a orelha, Jeff a observava enquanto a garota avaliava a situação e o local, buscando uma boa alternativa para montar o acampamento. Achou que não tinha se saído muito bem com o parceiro de viagem que haviam lhe arrumado; ele era todo risadas, sorrisos arteiros e flerte velado. Livia conhecia muito bem seu tipo e nunca tivera problema algum em se manter longe.

O problema era que não podia se livrar de Jeff. Precisaria dele.

Teria que aturá-lo.

— Nenhum apelido? – perguntou, parecendo decepcionado. Ela olhou-o, mortalmente e o garoto corrigiu-se. – Sobre a vila, quero dizer.

Livia fechou os olhos, revirou-os e suspirou. Seria um costume de onde ele vinha?

— Lá vem a bomba? – Livia arriscou.

O garoto parou por um momento, a risada vindo-lhe bem do fundo. Escorou-se em uma árvore para sustentar e Livia revirou os olhos mais uma vez. Por fim, resolveu se render à própria piada e arriscou um sincero sorriso divertido.

— Ah, olhe, a belezinha não é de ferro – Jeff disse.

O sorriso de Livia se desfez quase que instantaneamente, o que fez a risada de Jeff se esvaír logo em seguida.

— Não me teste – disse, jogando a mochila no local que escolheu.

Seu tom de voz fez Jefferson engolir a seco enquanto a admirava. Ela era ameaçadora, confiante, forte, linda, inteligente... Irresistível.

Sentou-se no lugar escolhido com a mochila da garota aos seus pés, vendo-a inspecionar os arredores como uma águia em busca de caça. Estava bastante admirado com a garota, era magra, esguia, um pouco mais alta que a média e poucos centímetros mais baixa que ele, mas não duvidava que ela fosse mais forte, embora os músculos da garota fossem discretos e não destoassem de seu porte físico. O cabelo loiro escuro estava preso em um rabo de cavalo, mas a floresta já tinha estragado o penteado há muito: estava desganhado e com pedaços de folhas e galhos. Os olhos dela eram de um verde límpido, dominador e gelado. Mas gelo, ele sabia por experiência própria, se quebrava para revelar lindos lagos, rios e tudo mais.

Ela era linda demais para que deixasse uma oportunidade passar.

— Eu não faço a menor ideia de como você conseguiu ser o melhor da sua série – ela resmungou, voltando com o braço cheio de gravetos, jogando-os em uma pilha desordenada à frente dele.

Ajoelhou-se entre ele e a pilha de gravetos, mexendo nos bolsos atrás de seu acendedor.

— O que diabos você está fazendo? – Jeff inquireu.

Ela virou a cabeça para olhá-lo, a mão ainda no bolso da calça da sua roupa de treinamento. Levantou a sobrancelha, debochando.

— Não é óbvio? – Perguntou.

Achou o acendedor no fundo do bolso e levou-o até o graveto. Em um estalar, tentou guiar seu pequeno fogo até que a madeira finalmente se acendesse.

— Você quer nos matar? – Ele perguntou. No segundo seguinte, estava ao lado dela, tirando o acendedor de sua mão. – Essa é a única coisa óbvia até o momento. Porque, eu tenho certeza, o calor da fogueira vai trazer umas anteninhas até aqui – e, então, o garoto caiu para o lado, segurando seu joelho com uma expressão de dor. – Droga - xingou.

Lívia encarou o rapaz por um momento, encurvando-se de dor por sobre seu joelho, onde havia um pequeno rasgo em sua calça e uma mancha de sangue avermelhado crescia sobre o tecido. Com praticidade e sem parar para respirar, tirou sua camiseta de dentro da calça e rasgou as bordas da peça.

Se Jefferson já estava embasbacado com a garota, nesse momento ele babou. Mal piscava enquanto ela amarrava o tecido arrancado por cima do ferimento com uma destreza analgésica. Além de todos os elogios que ele já poderia ter listado, suas mãos eram delicadas e gentis, contrastando com o

ambiente e o teste em que estavam.

— Você está me devendo uma blusa nova, Jefferson – anunciou, fazendo-o rir. – Amanhã procuramos algumas plantas para ajudar isso a melhorar.

Ele concordou com a cabeça, totalmente encantado pela garota. Havia poucas coisas capazes de encantá-lo no universo, mas ela... Ela tinha conseguido em menos de uma hora.

— Obrigado – murmurou, assim que ela terminou.

Ela levantou o olhar, parecendo estranhar a palavra. Chegou a franzir as sobrancelhas com o agradecimento. A nova dinâmica era estranha, dificilmente ouvia aquela palavra de pessoas de sua idade; e não era como se tivesse feito o curativo porque queria sua gratidão, ela apenas desejava apoio durante a viagem que estavam por fazer.

— Não me agradeça – disse, sentindo que não era merecedora de sua gratidão. – Como você arrumou isso? – Perguntou-o.

Jeff suspirou, olhando ao redor. Passou a mão de leve pela bandagem improvisada, avaliando se ela conseguiria ficar ali por muito tempo. Parecia firme.

— Eu fui avaliar o terreno – disse, por fim. – Subi em uma árvore, mas um dos galhos não aguentou meu peso. Então eu escorreguei e cortei minha perna numa pedra.

Lívia concordou com a cabeça, sentando-se encostada à uma árvore, ao lado de sua mochila. Pegou uma de suas pílulas para que pudesse comer alguma coisa, mesmo que não estivesse com fome.

— Genial – sentenciou, enquanto mordiscava uma das pílulas. Não tinha gosto algum, era apenas sustento.

Ele olhou para ela, as sobrancelhas arqueadas, estranhando sua movimentação. Pegou sua própria mochila e, dois segundos depois, jogou-a uma barrinha nutritiva.

— Bem melhor – disse. – O que eles te deram?

Lívia encarou a barrinha nutritiva. Fazia anos que ela não via uma daquelas e ela bem lembrava o quão maravilhosas eram. Sem nem pestanejar, abriu o pacote e enfiou quase metade na boca, fechando os olhos para apreciação. Pôde ouvir a risada anasalada de Jefferson, mas não ligou. Abriu os olhos novamente, agraciada.

— Carne ressecada, pílulas e água – respondeu, antes de dar mais uma mordida na barrinha.

Ele balançou a cabeça negativamente, checando sua mochila mais uma vez.

— Sua comida é quase uma tortura – disse. – Tenho barrinhas nutritivas, tabletes-refeição e mais um pouco de água.

Jefferson estava rindo diante da avaliação de Livia. Ela olhava-o como se quisesse entender como ele conseguira aquela comida toda.

— Parece bem melhor que a minha.

Ele apenas balançou a cabeça, rindo. Livia continuou comendo sua barrinha em silêncio, enquanto o garoto resolvia comer um tablete. Ficaram assim por alguns momentos, até que ele não resistisse em puxar mais um pouco de conversa.

— Então – – Como foi pra você... Andar por aí?

Livia levantou o olhar da embalagem vazia da barrinha para encará-lo. Ela chegou a abrir a boca, mas seus olhos se arregalaram e o coração acelerou com o barulho ensurdecedor que tomou a floresta.

Invasores

Jefferson pôs-se de pé rápido demais para quem estava com a perna machucada e tomou uma posição defensiva, mas sem saber de onde viria ameaça.

A rapidez e a destreza da sua movimentação fez Livia entender como ele tinha sido o melhor de sua série.

Em pânico e com alguém já tomando a dianteira da situação, ela engatinhou até estar protegida pela árvore e se escondeu, ocultando o seu brilho fantasmagórico com o da planta. Jefferson, ao entender sua ideia, saiu da posição exposta e encolheu-se ao lado dela.

O barulho da nave ficou ainda maior e entrou no campo de visão deles, pairando logo acima de onde estavam anteriormente, como se os tivessem procurando.

Livia começou a tremer descontroladamente, certa de que aquilo era culpa do filete fino de fumaça que subia de um galho meio queimado, ao qual Jefferson tentara apagar antes de se tornar uma fogueira.

— Ei – Jeff chamou-a. – Acalme-se.

Livia tentou respirar fundo da forma mais silenciosa que conseguiu, mas não conseguia se acalmar. O dia tinha sido extremo, estar fora dos limites da cerca não era algo que ela tinha se preparado para enfrentar e era um dos seus medos mais antigos - e agora aquilo. Tudo remetia ao dia do seu pior pesadelo, ao dia que Henrique fora abduzido.

Ela se lembrava tão bem que doía. Ela e Ric haviam fugido da vila em um dia quente para tomar um banho de riacho e namorar um pouco longe dos olhos ameaçadores do pai dela. Eles dormiam juntos toda noite, mas o senhor Esterfonte ainda avaliava a situação com vários pés atrás.

Livia pulou no lago antes de Ric. Ele tinha se enrolado com a camisa apertada que usava... tinha crescido muito nos últimos meses. Ela estava rindo, enquanto ele tentava tirar a cabeça pela gola. Quando finalmente conseguiu, o vento encheu o lugar. Eles olharam para cima, curiosos. A luz cegou Livia por alguns momentos e, quando ela procurou por seu namorado, ele havia desaparecido.

Precisou fazer um esforço maior para controlar sua respiração porque estava fazendo barulho demais. Forçou-se a engolir seu nervosismo e deixou seus olhos vaguearem até que pudessem analisar a nave.

Cinco anos desde que vira uma tão de perto assim.

A maioria dos habitantes da Terra não poderiam dizer que já tiveram tal

desprazer.

Cinco anos. Cinco anos desde o clarão e o sumiço de Henrique.

Cinco anos que moldaram sua personalidade à ferro e fogo.

Cinco anos desde os vestidos de menina.

Cinco anos de pesadelos e pavor.

O pingente estava apertado em sua mão antes que ela tomasse conhecimento e seu coração disparou em seu peito. Com anos de treino, Livia aprendera a controlar suas emoções, mas ela estava ultrapassando todas as suas áreas de conforto de uma só vez.

Era apenas um pouco demais para ela.

O silêncio da noite era ensurdecedor enquanto ela aguardava que explodisse sob os destroços de uma bomba, mas tal coisa jamais aconteceu.

Seu olhar se perdeu na nave, admirando o quanto ela era parecida com os aviões de guerra que havia visto na simulação.

A nave começou a se mover e isso voltou a assustá-la. Jeff a segurou pela cintura, puxando-a para um canto relativamente mais protegido, protegida da visão superior. Eles também não conseguiam mais ver a nave, apenas ouvi-la ao longe.

Assim que o zumbido característico se afastou, Livia percebeu o quão descontrolada ela estava. Encarou suas mãos, trêmulas demais para sequer segurar uma arma. Sentiu-se frágil e impotente como há muito não sentia.

Ela era humana, afinal, podia ser dominada pelos seus sentimentos.

— Fique aqui — Jefferson disse a ela. — Eu vou buscar nossas coisas.

O pânico a tinha dominado de forma tão irracional que ela arregalou os olhos e segurou a mão do rapaz, impedindo-o que se afastasse. O trauma estava controlando os músculos de seu corpo e ela não queria que Jefferson tivesse o mesmo fim de Henrique, não conseguiria lidar com tanto azar.

O garoto travou-se, encarando o ponto em que suas mãos se encontravam e sua surpresa fez Livia sair do transe em que estava, soltando-o e se encolhendo em um casulo de pernas e braços. Sua testa foi ao joelho, a respiração começou a ser contada - ela tinha aprendido a lidar com seus estresses ao passar dos anos e sabia como se curar.

Ao ouvi-lo se afastar, levantou o rosto e esfregou-o com força para afastar os fantasmas do passado que haviam voltado com força total. Cinco anos e ela ainda tinha um tremor incontável de medo dentro de si. Ali, naquele lugar perigoso, desconhecido e hostil, tudo o que escondera dentro de si tinha aflorado e nem parecia que ela tentara se preparar para aquele momento.

Encarar um alienígena desprotegido e sozinho em uma colina... Tudo bem. Seu organismo só ainda não aceitava o enfrentamento com naves, tão

imponentes e poderosas. Conhecia seu poderio bélico muito bem, sabia que poderiam reduzi-la à cinzas em meio segundo.

Livia havia treinado para controlar a guerra dentro do centro de inteligência, não em um combate a campo aberto, sem ferramentas e em clara desvantagem.

E, então, ela era jogada ali, no meio da floresta. Sem aviso, sem treinamento...

Era como um descaso. Como se não se importassem, no geral, se algum jovem chegaria vivo ao Globo do Mar.

Ela afastou o pensamento amargo com uma balançada de cabeça e concentrou-se no que poderia fazer agora. Seu olhar encontrou Jefferson recolhendo suas mochilas, apenas alguns passos dali. Ela se preparara para aquele momento a vida inteira, sem nem perceber. Afinal, para que todas aquelas aulas de sobrevivência se ela deixara tão claro que não pretendia lutar nas frentes de batalha?

Ela não ia pegar um avião e sair pilotando por aí, atrás de uma nave para jogar um míssil.

Não, Livia era mais esperta que isso.

Engoliu um grito de frustração por não ter conseguido esconder suas fraquezas. Já tinha ido tão longe, fora escolhida a melhor das nove vilas. Ela era o que eles tinham de melhor, a sua única esperança. Os rostos de seus pais, da mãe de Ric, de Stalei e seus vizinhos passaram por sua mente. Eles dependiam dela e ela daria o seu melhor. Não por ela, mas por todos aqueles que sofriam ao ver seus entes queridos caindo, dia após dia, aos bombardeios, à fome, às más condições que viviam.

Ela tinha grandes planos para as vilas. Por que não conseguir uma proteção como as vilas de Jefferson? Quem sabe não transferi-los para lá? Não restavam muitos, se fizessem uma fusão...

A barulheira de Jefferson a tirou de seus pensamentos. Livia podia jurar que aquele garoto nunca tinha passado por uma classe de sobrevivência em lugares hostis, mas ali estava ele. Ela levantou o rosto para olhá-lo, enquanto ele abandonava as mochilas no chão e se sentava. Liv só pensou que, se eles estivessem planejando caçar naquela noite, teriam acabado de espantar todos os animais em um raio de cinco quilômetros.

— E, então... — Jefferson disse, tentando iniciar uma conversa, apenas mais uma vez, para desgosto de Liv. — Aliens, huh?

A maneira com que ele dizia aquilo soava como se fosse uma piada, uma piada da qual Livia estava longe de entender. Ela apenas o encarou com sua

expressão facial livre de qualquer sentimento, fazendo Jefferson sorrir para ela, como se isso o agradasse mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Me desculpe – sussurrou, depois de um tempo. – Só queria aliviar a situação. Você está bem?

Vergonha foi a primeira coisa que Livia aprendeu a suprimir, então não deixou transparecer que seu surto e a preocupação do garoto a teriam feito corar em um tempo longínquo. As piadinhas que fizeram sobre a abdução de Ric ao passar dos anos tinham lhe ensinado a fingir indiferença como ninguém.

— Estou – respondeu, apenas.

Obviamente, Jefferson estava esperando uma resposta mais longa, mas estava começando a entender como a garota funcionava. Embora ainda tivesse fraquezas, inspirava poder. E Jefferson sempre fora apaixonado por poder.

— Bom... – murmurou, sem saber o que dizer, mas incapaz de dar o assunto por terminado. – Você quer um pouco de água?

Livia cerrou os olhos, não muito familiarizada com esse tipo de gentileza vinda de algum colega, com exceção de Stalei, todos esperavam que ela caísse para passar por cima. E se ela não caísse, eles dariam um jeito de empurrá-la.

E, então, ela lembrou-se: não estavam mais em treinamento. Já eram os melhores. Não havia mais motivo para competição.

E, então, ela aceitou o gole d'água.

Semelhanças

Jefferson estava alerta – e ficara assim a noite inteira. Quando a manhã pareceu que ia dar o ar de suas graças e as luzes da radioatividade começaram a ficar mais fracas com a claridade do céu, percebeu na hora que as pálpebras da garota estavam em movimento.

Ela dormira razoavelmente bem para uma primeira noite no lugar que mais a assombrava no mundo. Sonhara, inclusive. Embora assustada, a presença de Jefferson estava a tranquilizando um pouco. Por isso, deixara-se ter algum momento de paz.

Não que ela fosse admitir.

De alguma forma, sabia que Jefferson a estava encarando e abriu os olhos para confirmar. O garoto apenas sorriu por ser pego em sua pequena travessura e Livia cerrou os olhos em sua direção para exemplificar seu desagrado.

— Boa manhã – murmurou, olhando para o céu por uma pequena fresta entre a copa das árvores. – Bela manhã, aliás.

Livia não se dignou a responder. Empurrou a mochila que tinha lhe servido de travesseiro e sentou-se, deixando Jeff ver que ela havia dormido com a faca apertada em sua mão. Ele suspirou e quase deixou-se revirar os olhos pela desconfiança constante da garota.

— Você não precisa fazer isso – disse, se levantando e tirando as folhas secas que haviam grudado em seu macacão de proteção durante a noite.

Jeff cerrou os olhos para ela, levantando-se também, percebendo que teria que se acostumar com a praticidade dela. Não, nenhum momento de preguiça ao acordar. Com ela, era direto ao ponto.

— Isso o quê? – Perguntou, não entendendo com qual das partes ela havia ficado ofendida.

Afinal, parecia que ele fazia um monte de coisas que ela desaprovava.

Livia olhou para ele apenas por um segundo antes de se abaixar, pegar a mochila e jogá-la contra as costas, arrumando-se para começar a caminhada. Jeff a imitou sem pestanejar e ela cerrou os olhos para a sua vontade de parecer prestativo, acompanhando-a sem nenhuma reclamação.

— Ficar de vigia a noite toda – decidiu, olhando ao redor, tentando identificar a localização que estavam e para onde deviam ir. – Devia ter me acordado. Temos que revezar.

Jefferson estalou a língua, pegando o mapa em sua mochila e empurrou-o nas mãos dela, que franziu a testa para o ato, mas aceitou o papel de bom grado. Passou o dedo pela floresta e pelo caminho que haviam feito, apontando para sua direita, começando a andar, com Jefferson atrás de si. Dobrou o mapa e guardou-

o ao lado da sua arma.

— Fiquei preocupado com você – confessou, sem rodeios. – Você pareceu ficar nervosa demais com aquela... *nave*.

Lívia olhou para trás apenas por um segundo, para ver se ele estava fazendo chacota dela ou se estava realmente preocupado. Ao ver que ele parecia genuíno, deu de ombros.

— Não foi nada – suspirou a resposta.

Jefferson apertou o passo e logo estava ao lado dela, encarando-a avidamente em busca dos sinais quase inexistentes de emoção.

— Não foi nada? – Ele riu. – Vamos, isso com certeza vai acontecer de novo até chegarmos no cais. Qual é o seu problema com as naves? É por causa do *lá vem a bomba*?

Lívia apertou os olhos apenas por um segundo, mas Jeff estava observando atentamente seu rosto e percebeu. Segurou seu braço e a fez parar.

— Não vou contar – rosnou, puxando seu braço do aperto dele. – Todo mundo acha que é piada, de qualquer maneira.

Jeff meneou a cabeça e franziu a testa. Ela dizia que não queria contar, mas suas palavras demonstravam que queria. Ela percebeu isso em si, também. Jefferson tinha mantido uma distância agradável e respeitado sua crise do dia anterior; não queria admitir, mas estava começando a confiar *um pouquinho* no rapaz.

— Seja o que for – murmurou. – Não vou fazer piada alguma.

Jefferson a encarava com tanta avidez por respostas que Lívia se deu por vencida. Era bom que pudesse contar aquela história para alguém que a compreendesse e, só mais uma vez, deixou-se acreditar que ele a entenderia.

— Eu tinha um namorado, alguns anos atrás – sussurrou em segredo. Olhou-o de rabo-de-olho e viu seus olhos se cerrarem. – Nós costumávamos sair para a floresta algumas vezes, para namorar sem meu pai ficar enchendo o saco. Tinha um lago que gostávamos de ir, perto da nossa vila e fomos para lá. Eu entrei no lago, estávamos nos divertindo e eu fiz alguma piada sobre as roupas dele estarem pequenas porque ele não conseguia tirar a camisa. Quando olhei pra trás, tinha uma nave em cima dele. Houve um clarão e ele simplesmente... Ele desapareceu. Ela esfregou o rosto, incomodada. Fazia muito tempo que ela não contava essa história. Era incrível como a sensação de desespero ainda voltava à ela com a mesma força.

E ela aguardou. Aguardou que Jeff fizesse uma piada, que risse dela, que a acusasse de tê-lo matado e todas as outras coisas que ouvira nos últimos anos.

Mas ele não riu. Ele fez totalmente o contrário: levou sua mão a dela e a apertou, como conforto.

— Por que eu ria disso? – Questionou. – Dois amigos do meu pai foram abduzidos antes de colocarem a proteção na nossa vila.

Ela era tão cuidadosa em não demonstrar emoções, tão atenta em esconder seus sentimentos e evitar a transparência que exibia em sua adolescência precoce... Mas Lívia esperava uma rejeição e sua expressão se desmontou e suavizou com a compreensão de Jefferson e a revelação que Henrique não tinha sido o único.

— Isso é sério? – Ela questionou, a esperança brincando no seu tom de voz. – Aconteceram abduções na sua vila?

Jeff concordou com a cabeça, tão admirado com a mudança repentina na garota que mal percebeu os motivos pelos quais ela estava tão envergonhada antes.

— Muitos, por isso conseguimos a proteção – respondeu. – Não acontece na sua?

Lívia negou com a cabeça, sua mente viajando tão longe que seu coração estava disparado apenas com a expectativa.

— Não, ele foi o primeiro. E único.

A melhor notícia que podia receber em todo o mundo. Ric não era exceção. A vila de Jeff tinha abduções constantes, então, talvez, eles usassem humanos para mão de obra em algum lugar. Isso podia significar que Ric ainda estava vivo e que ela conseguiria salvá-lo, mesmo estando um pouco atrasada.

Jeff deu de ombros e continuou a andar. Achou bobagem todo aquele medo dela, mas entendeu. Todo mundo tinha medo de alguma coisa, por mais forte que fosse.

Lívia o acompanhou, a mente tão longe quanto era possível. A caminhada foi longa, dura e não falaram muito. . Lívia, embora abalada por suas emoções, voltou a sua forma natural, distante e fria, fazendo com que Jeff tivesse que se esforçar muito para manter uma conversa entre os dois.

Logo, coisas em comum deixaram o trabalho mais fácil. Ambos gostavam do treinamento e achavam a floresta complicada e assustadora. Ambos queriam chegar a Globo do Mar para trabalhar na inteligência e ajudar suas vilas a se protegerem melhor. Ambos queriam uma vida melhor e maior.

Ao anoitecer, quando armaram acampamento mais uma vez, Lívia se prontificou a ficar de guarda primeiro, então Jeff encostou-se em uma árvore e fechou os olhos.

— Porque não há nada mais confortável que uma árvore brilhante – disse.

E Lívia riu.

Olhares descabidos

Uma semana de viagem se passou até que eles finalmente ouviram o barulho de água corrente. Com a economia feita, os cantis ainda duravam, mas estavam nos últimos goles. Quando perceberam o barulho de água, os dois se entreolharam e Livia chegou a suspirar, aliviada. Estivera tão preocupada que não pudessem continuar por muito mais tempo naquelas condições que só de ouvir o barulho, deixava-se sentir sua sede saciada.

Alcançaram o rio com a maior rapidez que suas pernas cansadas lhe permitiram. Livia ajoelhou-se na borda e pegou um montante de água com as mãos, bebendo-a, agraciada. Jeff, por outro lado, jogou a cabeça na água e engoliu o máximo que conseguia.

— Estou cheio – Jeff declarou, uns cinco minutos depois, jogando-se deitado no chão, com a mão sobre a barriga.

Livia revirou os olhos e balançou a cabeça com um sorriso leve no rosto. Pegou-se fechando a sua expressão rapidamente. Jeff estava fazendo-a se sentir cada vez mais confortável em sua companhia e aquela era uma fraqueza que não gostaria de desenvolver. Não mais. Não depois do que ela confiara em Lucas e ele a fizera ser chacota de toda a população da série 360.

— É claro que está – Livia disse, soando mais amigável do que realmente gostaria. – Você não sabe se controlar.

Ela afundou seu cantil pela terceira vez, enchendo-o para sua apreciação. Jeff levantou a sobrancelha para ela.

— Bom, o seu jeito demora demais – disse, se sentando. – Eu vou ver se consigo pegar alguma coisa pra gente comer enquanto você se diverte.

Ele se levantou com Livia o observando e pegou a lança que haviam feito no segundo dia de viagem, quando as barrinhas nutritivas estavam começando a chegar ao fim. Naquele dia, eles pegaram um esquilo e tiveram um banquete que há muito não tinham. Desde então, nada mais de comida ensacada, tinham caçado e colocado ao fogo – durante o dia para não chamar a atenção das naves – e comido muito bem.

Assim que ela não pôde mais ouvir Jeff, o que significava que ele estava há uma longa distância, Livia olhou novamente para o rio e avaliou a situação.

Estava caminhando pela floresta há uma semana, suja, lavada por água da chuva há três noites.

A ideia de tomar um banho de rio pareceu-lhe muito atraente.

Com rapidez, tirou seu macacão de proteção, ficando apenas de roupas íntimas. Olhando ao redor, separou uma muda de roupa limpa e posicionou a sua lança nas margens do rio para pescar assim que conseguisse se limpar.

Afundou na água, esfregando a sujeira para fora de seu cabelo com alívio. Permitiu-se despir ainda mais para lavar as peças e vesti-las novamente. Esfregou cada canto da sua pele com força, removendo a crosta de sujeira de sua pele, o suor e a lama.

Liberta da sujeira, pegou sua lança e resolveu tentar pescar peixes de um caminho de pedras no meio do rio.

Atenda à movimentação das redondezas, pôde concluir que teria tempo de se vestir antes que Jeff retornasse de mais vazias..

Se lhe perguntassem, Livia não diria que ele era um imprestável completo, mas com sua personalidade falante e expansiva, ele a irritava com certa frequência e fazia barulhos demais para conseguir uma boa caça. Mas Jeff também era um ótimo companheiro de viagem, ao contrário dela mesma. Sua falação constante a distraía, não só com os assuntos, mas também com sua irritação por ele não calar a boca e isso a fazia esquecer de todas as dores, da fome, da sede, do medo...

Jeff simplesmente gostava de falar sobre tudo. E saber sobre tudo. Ele já havia lhe perguntado sobre os pais, sobre sua vila, o treinamento. Tudo respondido com poucas palavras. Exceto quando ele perguntara sobre Ric, essa pergunta Livia se recusara a responder.

E ele sabia um monte sobre plantas, tanto quanto Livia achou que era possível saber. Sempre que achava alguma interessante, ele a fazia parar por alguns momentos para explicá-la sobre. Apesar de achar que aquilo prolongaria sua viagem, Livia parava. Era sempre bom aprender algo e era sempre bom poder descansar por alguns minutos.

Odiava a admitir, mas já o via como um amigo, coisa que ela não tinha desde que Ric se fora. Ela até gostava da companhia de Jeff. Sentia falta de suas falações quando se afastavam por algum motivo.

Com um suspiro irritado por sentir-se emocional o suficiente para admitir isso para si mesma, Livia empurrou a lança contra um peixe que brilhava na escuridão do fundo do rio.

— Droga! – Xingou, puxando a lança enquanto o peixe nadava de forma circular, abaixo dela.

Livia ouviu, então, uma risada e levantou os olhos, arregalando-os para perceber que Jeff estava de volta, deitado à margem do rio, admirando-a. No susto, Livia escorregou no limo da pedra onde estava e afundou na água, apenas vendo o peixe tentar fugir à sua frente. Aproveitando a oportunidade, agarrou-o com as duas mãos e voltou à superfície, levantando ele acima de sua cabeça.

Jeff riu e levantou sua caça, um coelho cinzento.

Livia caminhou até a margem, batendo com o peixe contra uma pedra

para que ele parasse de se mexer, deixando-o ali. Jeff continuava a encarando, quando voltou a olhá-lo, e isso fez suas bochechas ganharem cor.

Ele sorriu, claramente percebendo o efeito que causara na garota e ela mergulhou a cabeça, escondendo-se dele enquanto tentava fazer suas bochechas voltarem à coloração normal.

— Estava pensando se eu poderia me juntar a você – Jeff falou, assim que ela voltou a superfície.

Lívia cerrou os olhos para ele, achando que aquela era alguma de suas brincadeiras. Ao ver que era realmente sério, engoliu a seco.

— Não, já estou saindo – respondeu, encarando-o avidamente, como se esperasse algo. Jeff franziu a testa, não entendendo o que ela queria. – Dá pra você olhar para o outro lado?

Jeff gargalhou.

— Por que? – Ele perguntou, virando de costas mesmo assim. – Você nem tá pelada.

Lívia respirou fundo, tentando evitar que suas bochechas ganhassem cor novamente. Era por conta daquilo que ela odiava se aproximar das pessoas. As emoções logo acabavam traindo-a de alguma forma.

Ela se enfiou rapidamente dentro do seu macacão limpo, fechando o zíper antes de responder:

— Vê se tome banho, Jefferson – disse. – Você fede.

Jeff riu deliciosamente, se levantando e caminhando até ela, apenas para lhe dar um empurrãozinho, antes de começar a retirar suas roupas.

— Dizendo isso apenas porque está limpinha agora, não é, Esterfonte? – Ele riu – Meia hora atrás, você fedia como eu.

Lívia apenas se concentrou em tentar acender uma fogueira para assar o coelho e o peixe, evitando olhar para um Jefferson seminu às suas costas.

Barreira ultrapassada

— Porque é sempre constrangedor estar de short e top – Jeff soltou.

Ela revirou os olhos. Dois dias depois do ocorrido, ele ainda estava soltando todas as piadinhas que podia sobre o episódio do rio. Lívía estava envergonhada dele tê-la visto com poucas roupas, mas Jeff fazia tudo piorar, dizendo que ela tinha ficado toda balanceada porque ele estava vendo-a em *roupas íntimas* e se jogou na água por conta disso.

Ela estava se perguntando qual a parte do *eu escorreguei* que ele não havia entendido.

— Não entendo o que você vê de tão engraçado nisso – resolveu responder às provocações..

Suas piadas não a incomodavam.

Lívía havia aprendido a lidar com comentários constrangedores durante sua vida.

Não era como se ela fosse assumir, mas estava sentindo falta do Jefferson de antes, cheio de assuntos que passavam longe de frases que continham “Lívía” e “roupa íntima”.

— O engraçado é você – disse. – Você se faz de toda durona e, então, fica completamente incomodada em ser vista de short e top. Sabia que de onde eu venho as meninas saem de casa vestindo roupas menores do que isso?

Lívía deu de ombros, pulando por sobre uma raiz, tentando se concentrar em toda a praticidade que tinha para não se importar *tanto* com aquela conversa. O caminho estava ficando cada vez mais complicado – e conviver com Jeff estava cada vez mais difícil

A distância era sempre agradável para alguém que não queria se envolver.

A proximidade mudava isso.

Jeff estava próximo demais.

Lívía tinha muita coisa para resolver antes de voltar a pensar em gostar de alguém. Começando por tentar esquecer Henrique.

— Ainda não consigo entender o porquê do meu pudor ser motivo de chacota – murmurou.

— Pudor? – Jeff achou o uso da palavra engraçado e desatou a rir.

Lívía fez uma carranca que ele não pôde ver porque ela bateu os pés, saindo em sua frente, como se sua companhia a estivesse cansando.

— Qual o problema com pudor? – Questionou, bastante zangada. – Eu sou uma mulher decente.

Jeff percebeu que ela não havia gostado nem um pouco da sua

brincadeira e engoliu o riso. Ele estava morto de cansaço e não fazia ideia de quanto mais tempo ele e Livia aguentariam naquela floresta. Quanto mais faltava para chegarem em Globo do Mar? Já haviam passado uma semana e meia em condições precárias. O humor de Livia estava cada vez pior, cada vez mais intragável. Tudo o que ele tentava era manter as piadas nas conversas para aliviar toda a realidade da situação que estavam.

Porque, além de tudo, embora não dissessem, ambos achavam que estavam totalmente fora do curso.

— Você vai me dizer que aquele seu namorado nunca te viu com menos roupa que isso? – Brincou.

Livia estagnou no caminho. Era difícil para ela lembrar-se de Ric e, embora Jeff soubesse disso, continuava a rodear o assunto, sempre voltando para aquele ponto, sempre tentando saber mais. Jeff deu a volta nela e parou à sua frente, esperando a sua reação.

Então achou que talvez fosse a hora de falar mais coisas. Porque, enquanto ela não falasse, ele não iria parar de irritá-la.

— Era diferente, está bem? – Disse, por fim, olhando-o nos olhos e vendo que havia uma curiosidade genuína em cada centímetro da expressão do negro. – Nós nos conhecíamos desde sempre. Era natural. Era pra ser.

Jefferson cerrou os olhos para a sua declaração e, inesperadamente, sorriu, virando-se de costas para ela.

— Quem diria – disse, caminhando à sua frente. – Você, uma romântica.

Livia estufou o peito e o seguiu de perto, incomodada. Aquele adjetivo era como a descreveriam, anos atrás, quando ainda usava seus vestidos floridos e não sonhava com nada além de ser feliz por poucos anos ao lado de Ric. Ela não tinha vergonha dessa parte sua, ainda estava por ali, em algum lugar. Porém não acreditava que ainda existissem motivos pelos quais ser romântica, não quando seus olhos se abriram para o mundo quebrado que estava ao seu redor.

— E qual o problema disso? – Questionou, ofendida.

Ela acreditava que ser romântica a permitia enxergar um mundo onde todas aquelas coisas erradas poderiam ser corrigidas. Sonhar além. E isso lhe dava forças para continuar lutando. Lutando por um lugar utópico que só existia em sua mente, mas que valeria todo o seu esforço só para plantar a semente.

Talvez, um dia, garotas como ela pudessem viver nesse lugar perfeito que ela idealizara.

Talvez elas pudessem escolher amar e viver.

Livia teve que escolher entre amar ou viver.

— Nenhum – Jeff disse, por fim. – Só achei surpreendente. E bonitinho.

Livia balançou a cabeça, achando graça. *Bonitinho?* O fato dela ser

romântica? No máximo era trágico. Talvez ele não soubesse o quanto de si ela tinha que ter anulado para se tornar a pessoa que ela era hoje.

— Estou com fome – desabafou após alguns minutos tentando se concentrar em seus problemas físicos porque desaprendera a lidar com os emocionais.

Jeff concordou com a cabeça e, após encontrarem um lugar mais agradável, eles sentaram no chão e desembrulharam as carnes que haviam assado no dia anterior.

O silêncio se fez por alguns minutos enquanto eles se alimentavam, perdidos em pensamentos, dores musculares e tentavam evitar o sono de noites mal dormidas.

Incomodado com a falta de conversa, Jeff logo procurou um assunto:

— O que você espera sobre Globo do Mar?

Lívia estava bebendo um gole de água quando ele proferiu a pergunta e quase se engasgou, na vontade de responder rapidamente. Aquele era um raro assunto do qual não se incomodava de falar e ela precisava admitir que o silêncio a estava incomodando.

— Quero um lugar melhor pra viver – respondeu – E melhorar as coisas na minha vila e nas vilas da série. Quero fazer alguma diferença nesse mundo.

Jeff sorriu, seus olhos escuros brilhando de uma forma que não tinha reparado antes. Três globinhos de luz ao redor de sua pupila chamaram sua atenção, eram fracos, mas pareciam emanar uma luz própria quando ele sorria.

Ric tinha os mesmos três globinhos.

A similaridade a deixou enjoada.

Enquanto Lívia refletia sobre a forma com que os olhos dos dois pareciam ter essa semelhança, diferindo de todas as outras pessoas que ela conhecera, Jefferson continuou, provavelmente avaliando todo o romantismo dançando por sobre suas palavras e sobre sua expressão pensativa. Ele brincou com um pouco de carne e jogou-se contra uma árvore, tentando relaxar.

— Eu só espero uma vida despreocupada – ele confessou. – Quero casar e ter um monte de filhos sem ter que me preocupar todos os dias se eles estão se intoxicando demais ou se uma bomba vai cair bem em cima deles.

Lívia olhou para baixo automaticamente, vendo-o encará-la de forma intensa. Ela não estava gostando do rumo daquela conversa, mas estava disposta a não transparecer o desconforto.

— E ainda sou eu a romântica? – Inquiriu, em tom de brincadeira, surpreendendo-o com um sorriso de lado.

Jeff riu, completamente encantado com a forma com que Lívia estava se

quebrando, até com mais rapidez do que ele esperara, a princípio.

— Pode deixar que, quando eu resolver ter uma família, eu vou arrumar uma forma bem romântica de convencer você a fazer parte dela.

Foi como se um balde de gelo tivesse sido jogado em cima de Lívia. Ela olhou de um lado para o outro, desconfortável, e, sem saber como sair disso, pegou sua lança, parecendo bastante interessada nela.

— Você não acha que minha lança precisa ser afiada? – Disse, fugindo do assunto. – Acho que eu não consigo caçar mais nada com ela, olhe!

Ela empurrou a ponta da lança em direção à Jeff para que ele voltasse a atenção ao objeto e esquecesse o assunto anterior. Infelizmente, a lança estava devidamente afiada, então ele revirou os olhos, arrancou a lança de suas mãos e escorregou para frente, sentando extremamente perto da garota, segurando suas mãos.

Lívia não tinha muita prática em puxar assunto e mudar a conversa ao seu favor.

— É sério, Liv – disse, usando seu apelido, coisa que ela sempre reclamava para ele não fazer. Ali, porém, a situação era tão desconfortável que aquele simples detalhe não a incomodou. — Eu realmente gostaria de formar uma família com você. Você é forte, bonita, inteligente e eu acho que as coisas entre nós podem fluir.

Lívia puxou sua mão de volta ao seu domínio, olhando para longe dele. Ela não queria, nem tão cedo, se imaginar com outra pessoa. Principalmente depois que a esperança de encontrar Henrique se acendera dentro de si.

Era difícil deixá-lo ir, aceitar que ela talvez nunca mais o visse. E, desde que ele se fora, toda sua vontade de montar uma família, ter filhos... Tudo aquilo desaparecera com ele. E ela acreditava que seria incapaz de trazer aquela vontade de volta.

— Eu tenho planos, Jefferson – disse, fria. – Em nenhum deles, cabe uma família. E eu não pretendo alterá-los. Tenho certeza que terão outras garotas para você importunar quando chegarmos lá.

Jefferson continuava a encará-la, decidido. Lívia resolveu não cortar seu contato visual, mostrando, também, que ela não estava disposta a ceder.

— Nós podemos tentar adequar nossos planos um ao outro – sugeriu, incapaz de desistir.

Lívia riu de seu esforço, o que deixou Jeff ligeiramente ofendido e com seu ego machucado.

— Apenas tente, Jefferson – desafiou. – Tente me convencer.

Ele levantou-se da frente dela, indo em direção à sua mochila, deixando extremamente claro que o momento de descanso havia acabado. Lívia levantou-

se também, recolhendo suas coisas.

— Pode deixar, Esterfonte – aceitou, de costas para ela e começando a caminhar. – Eu vou conseguir.

E Lívia negou com a cabeça, certa de que estava se enfiando em grandes problemas.

Confusão

Lívia tentou não transparecer, mas ela ficara devidamente confusa com a declaração de Jefferson. Não podia negar que sempre tivera vontade de ter uma família, de ter algo especial como seus pais haviam tido, ver seus filhos crescerem e serem melhores do que sequer havia sonhado para eles.

Ela sonhara com esses momentos enquanto estivera com Ric. Eles chegaram a tomar esse caminho, moravam juntos e só estavam esperando terminar o treinamento para procurar por uma casa para os dois. E ela havia ficado feliz só com a expectativa.

Mas era Ric que sempre guardara seu coração. Ele estava entranhado em cada pedaço dela, era inegável, e ela nunca fora capaz de superá-lo. Nunca fora capaz de se sentir nem um pouco perto do que ele a fazia sentir. Nunca deixara outro garoto, qualquer um, se aproximar o suficiente.

Até agora.

Jefferson havia enchido seu dia-a-dia com conversas marotas, conhecimento e piadinhas. Ela conseguia vê-lo engatinhar em direção a ela, enquanto se abria e deixava-se pensar nele.

E, quando eles acharam que se passava duas semanas que haviam começado aquela caminhada, Lívia parou e pensou se aquilo realmente era possível. Se conseguia esquecer seu passado, guardar Ric em uma caixinha de boas lembranças, manejar seus planos e tentar encontrar uma maneira de ser feliz.

Depois de pensar um pouco, começou a imaginar que seria possível.

Sem conseguir evitar, começou a olhar Jefferson de uma maneira diferente. Passou a reparar mais em seus olhos escuros e em como se assemelhavam aos castanhos de Ric, com toda aquela luz extra. Depois que percebeu, ficou cada vez mais fácil avaliar quando os olhos dele pareciam brilhar. Era quase igual.

Ele estava sempre alegre. Nada parecia abalar seu bom humor. Se eles estivessem sem água, Jeff faria piadas; se estivessem sem comida, diria que estavam de dieta; se seus músculos estivessem cansados demais para continuar andando, diria que o treinamento os deixaram moles demais. Nada o abalava, ele era uma constante, mesmo que irritante.

Lívia gostava de constância.

Naqueles quatro ou cinco dias que eles passaram caminhando pela floresta incansavelmente e com a sombra da última conversa pairando, deixando um rastro de confusão e desconforto, Lívia tentou se imaginar como uma esposa

e como uma mãe.

Ea desejou poder.

Quando estava com Ric, tinha essa vontade tão aflorada que chegada a doer. Ela cuidava dele como se ele fosse tudo que tinha – e, de certa forma, era. Ela vigiava se ele estava comendo o suficiente, porque ele tinha mania de comer menos para deixar mais comida para os outros, vigiava se ele tinha se machucado nos treinamentos porque ele sempre fingia que estava bem e que nada havia acontecido. Sempre parecera um sonho à ela. Como poderia ter tanta sorte de ter uma pessoa tão especial quanto Ric ao lado dela? Ela, que era somente uma garota boba, de vestidos coloridos e que não sabia nada da vida. Como poderia ele, tão bonito, forte e decidido, ter escolhido à ela? Como ele poderia falar de casamento e filhos com ela quando tinham garotas muito mais apropriadas para ele na vila?

Lívia se sentia sortuda ao lado de Henrique. E protegida. Era como se a vida dela fosse para ser assim e estava sendo perfeita.

Perdê-lo, de forma tão estranha, havia sido brutal em todos os aspectos.

Não estava em seus planos se apaixonar mais uma vez.

Não estava em seus planos sofrer por seu coração mais uma vez.

E Jefferson ativara aquele lado de Lívia que ela estava tentando esconder com todas as forças, trazendo seus desejos de maternidade e casamento de volta à lembrança breve. Não entendia ainda o que sentia por Jeff, mas era alguma coisa que ela preferia não nomear, por enquanto.

— Ei! – Jeff cutucou-a, fazendo-a sacudir a cabeça para prestar atenção no que ele dizia. Pelo sorriso dele, ele já havia tentado tirá-la de seu devaneio antes. – Olhe! Lá em cima. O que você acha que é?

Lívia deixou o olhar seguir para onde ele apontava. Estavam à beira de um morro, tentando controlá-lo. Mas, lá em cima, algo brilhava. Algo de metal.

Uma porta.

— Um abrigo? – Lívia disse, em tom de pergunta, mas certa de que era aquilo.

Jeff ficou instantaneamente animado.

— Ah, será que podemos passar a noite lá? – Questionou. – Deve ser mais confortável dormir... Ah, vamos poder dormir mais e melhor!

Lívia sorriu diante da sua animação e dos seus olhos brilhando daquela forma encantadora que parecia tanto com Henrique e a fazia amolecer. Não teve escolha a não ser concordar com a cabeça e tentar segui-lo pelo caminho íngreme e mal estruturado até a porta do abrigo.

— Deve ter uma vila aqui perto – Lívia soltou, tentando ver algo daquela altura. – Normalmente tem toda uma série perto dos abrigos. Mas não vejo

nenhuma.

Quando ela olhou ao redor, não pôde mais Jeff. Arriscou olhar para dentro do abrigo e ele não parecia tão fétido quando o que ela visitara, próximo à sua vila. Estava até limpo para um lugar aberto no meio da floresta.

— Você não vai *acreditar*! – Ouviu Jeff dizendo, de dentro do abrigo. Entrou, admirando com o quão pequeno ele era. Parecia até luxuoso, comparado com o que havia gerado a série 360. Devia ter servido à gente importante. – Tem um colchão aqui! – Ela ouviu um barulho fraco – Ah, e ele é delicioso!

Lívia não conseguiu segurar o riso fraco e caminhou até de onde podia ouvir sua voz, para encontrá-lo em um quarto, deitado com a cara enfiada no colchão, parecendo muito feliz consigo mesmo.

— Acho que nós vamos poder dormir bem hoje – concordou.

Ele levantou a cabeça, ouvindo sua voz mais próxima e sorriu para ela.

— Vamos poder dormir ao mesmo tempo! – Animou-se.

Mesmo que Lívia não gostasse da ideia de não ter nenhum vigia durante a noite, percebia que não havia necessidade. Ela retornou à porta do abrigo apenas para checar suas condições – perfeitas, mesmo depois de todo aquele tempo. Era óbvio que aquele abrigo tinha manutenções constantes, talvez até mesmo para os escolhidos viajantes terem algum lugar decente para ficar.

Lívia ficou contente, certa de que aquilo significava que estavam no caminho certo. E ponderou se seria fácil encontrar mais daqueles pelo resto do caminho. Eles jantaram o resto de sua última caçada sem nem se preocupar em acender uma fogueira para esquentá-la. Pra quê fariam isso? Eles já tinham conforto demais naquela noite. A docilidade de uma futura noite bem dormida mexia com o humor de ambos, deixando-os mais tranquilos e até Lívia parecia mais alegre.

— Eu tranco, pode deixar – Jeff se ofereceu, quando ela se levantou para fechar a porta.

Lívia pensou em ponderar, mas não importava. Ele podia fechar a porta tão bem quanto ela. E, então, com um sorriso leve, se encaminhou até a cama e jogou-se em cima dela da maneira que havia desejado no momento em que a vira. Parecia que seu corpo todo estalara para se adequar àquele lugar, nunca havia deitado em nada tão confortável.

Ela se encolheu, agraciada, e deitou-se na ponta do colchão, fechando os olhos. Logo, sentiu a movimentação de Jeff, ao seu lado.

Lívia sentiu-o se aproximando, mas nada fez para impedi-lo. Devia confessar que ela até queria aquilo. Sentiu o nariz do rapaz encostar em seu ombro e seus dedos escorregaram pelo seu braço, enquanto ela acompanhava-os com o olhar, impassível diante dos arrepios que ela estava sentindo.

Sua mão, finalmente, encontrou a dela e ele empurrou o corpo em sua direção, encaixando-os bem próximos, percebendo que ela não oferecia resistência alguma. Livia suspirou, deixando a tensão toda sair de dentro de si, percebendo que era somente isso que ele faria. Era o bastante para deixá-la perdida em pensamentos novamente.

E, protegida nos braços dele, adormeceu.

Fogo cruzado

Embora a confusão sobre Jeff não deixasse a cabeça de Liv por muito mais que poucos minutos, tudo pareceu se encaminhar com tranquilidade na semana em que completaram um mês de viagem por Esmeralda. . A rotina cansativa não parecia abalá-los tanto quanto no começo da viagem e Livia começava a classificar tudo aquilo como *natural*.

Por diversas vezes, pegou-se sorrindo enquanto andava atrás de Jeff. Sorrindo com a perspectiva de estar chegando onde deveriam chegar, de conseguir o que ela sonhara a vida toda e sorrindo pela boa companhia. Ela costumeiramente sacudia a cabeça para afastar a imaginação de um futuro ao lado de Jeff. Ele parecia cada vez mais entranhado nos seus dias e não conseguia mais ver como não poderiam funcionar juntos.

E, então, ela se lembrava de Ric e da possibilidade de estar vivo, fazendo seu coração quebrar em dois pedaços gigantes e indecisos. Como poderia deixar-se levar com Jeff sem saber sobre Ric? Mas e se não houvessem mais chances para Ric, simplesmente negaria Jeff pelo resto da vida e se deixaria longe de algo que ela tão desejava apenas pela esperança de encontrar seu primeiro amor?

Ela não sabia a resposta certa e apenas classificou que era cedo para decidir. E Jeff pareceu entender isso, mesmo que ambos não proferissem uma palavra sobre o assunto.

A relação deles era calma e natural, respeitando limites imaginários e confusos. Eles caçavam, pescavam, comiam e andavam o dia inteiro com Jeff falando qualquer coisa para mantê-los de bom humor.

Bom humor. Algo que Livia se acostumou a ter ao lado dele. Começou a sorrir mais sem notar, a rir das piadas dele. Na sua companhia, a menina que ela era antes começou a aflorar e a mostrar vestígios de que ainda estava por ali, por detrás de toda a carranca que ostentara por tantos anos.

Quando a noite caía e conseguiam encontrar um lugar um pouco mais seguro para dormir, apenas deitavam abraçados e deixavam-se adormecer com as sensações que o corpo de um provocava no outro.

Após um tempo, Livia deixou-se admitir que dormir com os braços do garoto ao seu redor a tranquilizava de uma forma tão surreal que ela não se lembrava mais quando havia se sentido assim pela última vez.

Antes de Ric ser abduzido, talvez.

Em algum momento da caminhada, Livia insistiu que deixassem o caminho do alto das montanhas para seguirem em descida pelo vale que avistaram. O motivo: um rio tranquilo bem ao meio do vale, perfeito para encher suas garrafas e caçar os animais que rodeavam aquela fonte de água.

— Estou estranhando isso aqui – Jeff disse, parecendo preocupado. Ao perceber sua expressão, Lívia franziu a testa. Jeff, sempre otimista, não era de se preocupar por qualquer coisa, ao contrário dela, então se removeu de seus devaneios com urgência e se pôs a observar ao redor com máxima atenção.

Não demorou para encontrar coisas que a deixassem bem mais preocupada do que Jeff parecia: havia muito lixo acumulado no caminho, coisas queimadas e destroços. Parecia que estavam perto de alguma vila desativada e Lívia sentiu seu coração acelerar quando a proteção das árvores se encerrou, exibindo um grande descampado enlameado, com ainda mais destroços que antes.

— Não podemos ficar aqui – sussurrou.

Jeff parou e olhou para ela, mordendo o lábio em indecisão. A iluminação clara do dia estava se encerrando e não tinham para onde ir antes que escurecesse. Evitavam com todas as forças continuar caminhando depois que a noite caía, principalmente em um local como aquele, próximo demais de uma possível população de esfomeados..

— Você tem uma ideia melhor? – Questionou. – Você sabe que deve estar cheio de malucos aí fora.

Lívia suspirou e meneou a cabeça, ponderando. Estalou a língua, mostrando que ele tinha razão. Olhou ao redor, para o terreno maltratado às costas de Jeff, a floresta voltando a dominar em mais alguns dez minutos de caminhada.

— Vamos ter que dormir na beirada da floresta – disse, totalmente contrariada. Apontou com o nariz para continuarem caminhando à frente, antes que decidissem por voltar.

A noite caiu apenas alguns momentos após eles encontrarem um lugar protegido, ainda à margem da clareira. Abandonaram as mochilas em um canto da floresta e desempacotaram suas comidas, sentados um de frente ao outro, a tensão explícita no ar.

Jeff entrelaçou as pernas nas delas e lançou-lhe um sorriso contido, prontamente correspondido em uma intensidade inferior a qual ele já estava acostumado. Lívia, ainda um pouco sem jeito, pegou seu cantil e sacudiu.

— Estou quase sem água – comentou, parecendo mais cansada do que parecera durante todo o dia.

Jeff pegou o próprio cantil, sacudindo-o também. O barulho foi menor; ele tinha ainda menos água que ela.

— Acho que chegamos no seu rio amanhã – anunciou.

Ela balançou a cabeça afirmativamente, esperando que sim, e bebeu mais um gole de sua água. Se não chegassem ao rio no dia seguinte, pouco teria o que

beber na próxima noite. Jeff fez o mesmo e os dois se encararam por um momento, analisando a situação sem dizer uma palavra.

Embora não tivessem conversado sobre, ambos estavam no limite do cansaço. Não sabiam quanto mais duraria aquela viagem e o desespero estava começando a brilhar em seus olhos.

— Eu pego a primeira vigília – Lívia disse.

Embora Jeff tivesse protestado bastante contra isso nos primeiros dias, agora já se acostumara com Lívia sempre desejando vigiar primeiro. Então, sem questionar, encontrou uma posição confortável ao lado dela, encostou a cabeça na curva de seu quadril e adormeceu instantaneamente.

Lívia sorriu de lado e acariciou o cabelo ralo do rapaz, olhando ao redor. Durante as horas de sua vigília, ela se manteve ligada em qualquer barulho que pudesse ser perigoso. E, embora tivesse escutados passos,, estavam longe demais para que pudessem ser considerados um problema.

— Jeff – acordou-o levemente. Em um segundo, ele estava sentado, coçando os olhos e já desperto. – Ouvi pessoas – disse.

Ele concordou com a cabeça e ela escorregou para poder se deitar. Jeff sorriu levemente e puxou-a para perto, deitando a cabeça da garota em suas coxas e ela estava cansada demais para recusar.

Um pouco mais tarde, ele a sacolejou com pressa e ela levantou com a faca já em punho, os olhos arregalados como se não tivesse adormecido.

— O que foi? – Sussurrou, não encontrando nenhum motivo para ter sido acordada tão bruscamente.

Antes que Jefferson pudesse responder, porém, uma saraivada de tiros ecoou não muito distante dali. Lívia arregalou os olhos para Jeff, que apenas meneou a cabeça, sem saber o que fazer.

Não eram bombas usadas para destruir vilas e causar pânico. Não eram armas radioativas usadas para alvos próximos. Eram tiros de longa distância do alto, para alvos selecionados.

Assassinato piedoso

Eles respiraram aliviados quando o barulho de tiros cessou, mas a calmaria durou pouco. Voltaram a atirar e, por parecer mais alto, souberam que estavam mais próximos. Domado pelo desespero, Jefferson puxou Lívia para mais dentro da floresta e os dois engatinharam, buscando uma proteção maior da copa das árvores, mesmo que suas mochilas tivessem ficado para trás.

Encontraram uma árvore oca e entraram, aliviados com a proteção extra. Ele encostou as costas na borda da árvore e Liv se posicionou à sua frente, encaixada entre suas pernas, de costas para ele, ambos olhando para fora, como se pudessem ver o que estava acontecendo.

— Eu nunca ouvi nada assim – sussurrou.

Ele chiou, pedindo silêncio Lívia sentiu a mão do rapaz em seu quadril, puxando-a para encostar o corpo no dele. Ela trincou os dentes por estremecer ao sentir o hálito dele em seu ouvido.

— Eu não sei o que é – sussurrou, ainda mais baixo do que ela havia feito. – Só que eles estão atirando em *alguém* e eu não quero ser esse *alguém*, então fique calada, por favor. Você é boa nisso.

Lívia fez uma careta que ele não pôde ver, mas não o questionou. Durante o longo minuto de tiros em que eles ficaram escondidos e os outros dez que eles se mantiveram encolhidos esperando que o tiroteio realmente tivesse acabado,, Jeff aproveitou-se que estavam despertos e grudados para passar o braço pela cintura de Lívia em mantê-los com os corpos grudados. Em um momento específico, Lívia acreditou que ele estava prestes a beijar seu pescoço, mas pareceu se controlar no mesmo segundo, apenas mantendo sua respiração ali, tão próxima que arrepiava todos os pelos de seu corpo.

Ela não queria admitir, mas suas pernas estavam bambas quando finalmente decidiram que era hora de deixar a proteção da árvore para sair de volta na noite brilhante da floresta.

Lívia, como estava na frente, foi a primeira a sair, engatinhando para fora, analisando a situação do exterior. Eles não ouviram a nave se afastando, mas também não ouviram mais nada que pudesse lhes dizer que ela ainda estava por ali.

— Eles devem ter ido para o outro lado – sussurrou, ajoelhando-se e virando para trás, apenas para encontrar Jeff olhando para sua bunda.

Ela arqueou uma sobrancelha, dividida entre a surpresa e a indignação. Ele apenas sorriu, engatinhando para fora da árvore também, com a expressão lívida e inocente, como se não tivesse feito nada *errado*.

— Tenho certeza que sim – murmurou, enquanto ela se levantava.

Espreguiçou-se e a acompanhou. – Vamos pegar nossas mochilas. Acho melhor a gente passar o resto da noite dentro dessa árvore.

Lívia entendia a praticidade do discurso de Jeff, mas a adrenalina em suas veias jamais a permitiria relaxar, muito menos adormecer novamente. Ainda faltavam umas três horas para o dia amanhecer e ela queria encontrar algo para ocupar sua mente e seu corpo até que voltassem à caminhada.— Eu acho que nós tínhamos que dar uma olhada no que eles estavam atirando – sussurrou, decidida.

Ao olhar para Jeff, pôde constatar que ele estava negando veementemente com a cabeça.

— Isso só vai dar problemas, Liv – respondeu. – E eu pretendo ficar vivo, sabe como é, né?

Lívia revirou os olhos e, sem questionar, trotou até onde eles haviam abandonado as mochilas. Jeff apenas a acompanhou, parecendo despreocupado. Quando ele a viu colocar a mochila nas costas e analisar o terreno, empertigou-se.

— Você não pode estar falando sério, está? – Ele questionou. Ela apenas o ignorou e começou a marchar de volta para o descampado que antes era uma vila – Lívia, sério, isso é perigoso.

Lívia suspirou, virando o rosto na direção de Jeff, um sorriso triste brilhando em seu rosto, iluminado pela luz esverdeada que a própria pele emitia.

— Tudo é perigoso por aqui, Jefferson – disse.

Alguns passos à frente, os dois se depararam com um pedaço de grade ainda de pé. Lívia entrelaçou os dedos nos buracos da mesma e empurrou o corpo para frente, tentando ver ao redor. Ao apoiar na grade, ela cedeu com o peso da garota, que pulou para trás, sendo amparada por Jeff.

— Tudo bem? – Ele questionou, com os braços ao redor da cintura de Lívia, que encarava a grade como se não conseguisse entendê-la.

Ela desvencilhou-se dele sem jeito, cerrando os olhos para a grade caída. Ela caminhou de volta à ela e chutou a base da grade, curiosa.

— Parece derretida – sussurrou. Virou-se para olhar para Jeff e ele ainda a encarava, preocupado – Estou bem. – garantiu-lhe, voltando a chutar a base da grade, inspecionando-a.

Jeff se aproximou dela e aproveitando que ela não parecia ter se zangado por ele tê-la abraçado, colocou a mão na cintura dela, inspecionando a grade também, como se estivesse interessado (o que não era bem o seu caso).

— Alguma bomba deve ter caído por perto, mas não o suficiente para derrubá-la – explicou.

Lívia apenas concordou com a cabeça e deu um passo à frente,

afastando-se do abraço dele, mas sem conter um sorriso, que não passou despercebido por Jeff. Ele ficou muito contente consigo mesmo e com seus avanços com ela.

Enquanto Jeff continuava se gabando, Livia caminhou para o centro da clareira, onde parou, cerrando os olhos para tentar ver melhor. Ela acenou meio desesperadamente demais para Jeff.

— Vem... Vem aqui – chamou, meio incerta.

Jeff se aproximou e procurou encontrar o que a garota via. Entortou a boca ao encontrar o porquê de sua alteração repentina.

Ainda bastante distante deles e um pouco afastados, dois corpos estavam estirados no chão, ambos em macacões negros como os que eles vestiam. Ambos escolhidos, tão próximos deles que eles não conseguiram evitar pensar que poderiam ser os dois.

— Você acha que eles estão mortos? – Perguntou, olhando para ele.

Jeff ainda estava entortando a boca como se não soubesse o que dizer. Mesmo dali, eles conseguiam ver a poça avermelhada ao redor dos dois corpos. Concordou com a cabeça e voltou o olhar para Livia, que balançou a cabeça, seriamente chateada e voltou a olhar para os corpos.

Naquele momento, um dos corpos, se moveu e ela correu em direção a ele sem dizer nenhuma palavra, sendo seguida rapidamente por Jeff, desesperado pelo comportamento suicida dela.

Livia se jogou ao lado da garota assim que conseguiu alcançá-la. Uns metros à frente, o corpo de outra garota estava jogado e, pelos ferimentos, Livia sabia que ela não estava mais viva. Mas a companheira ainda vivia e ela parou por alguns momentos com a mão por sobre seu corpo, sem saber como reagir, decidindo por pegar em sua mão, sentindo a garota apertá-la com muita força.

E, então, ela cuspiu um monte de sangue fazendo Jeff soltar uma expressão não muito adequada.

A garota olhou para Livia com toda a intensidade que ela ainda poderia ter.

— Me mate – sussurrou, fraca. – Por favor.

Queimando sonhos

Prática como sempre, Lívia tirou a faca do cinto e levou ao peito da garota, que apertou os olhos com um sorriso no rosto. Apesar daquilo ter-lhe sido pedido, Lívia não conseguia fincar a faca, não conseguia sequer se mexer.

— Liv? – Jeff chamou-a, como se apressasse.

A garota tossiu e mais um montante de sangue saiu de sua boca. Seu peito subiu com sua respiração falhada e Lívia levantou a faca por um momento, parecendo tomar força para afundá-la, mas sua mão apenas continuou no ar, trêmula.

— Por favor – a garota sussurrou mais uma vez. – Por favor, por favor.

A mão de Lívia continuava no ar, tremendo mais do que quando ela levara o primeiro susto com as naves extraterrestres. E ela se viu ali, prestes a tirar uma vida e, embora a garota estivesse lhe pedindo, não tinha certeza se seria capaz.

Elas poderiam ter se encontrado em algumas horas e seguido juntas para Globo do Mar. Poderia ter sido Lívia, deitada ali, implorando para morrer, se eles tivessem escolhido acampar do outro lado da floresta.

Ela apenas não conseguia fazer.

— Lívia? – Jeff apressou-a mais uma vez.

Ela afundou a faca na terra ao seu lado e apertou a mão nos cabelos em um claro momento de desespero. Virou-se para Jeff, inconformada e ele deixou o queixo cair ao ver que haviam lágrimas brotando em seus olhos.

— Eu não consigo – quase gritou, a voz em uma oitava completa acima do normal. – Okay? – Ela perguntou, como se fosse realmente difícil admitir.

Ela voltou a olhar para garota e Jeff pôde ver um movimento brusco de sua mão em sua bochecha. Ela estava chorando e nunca iria admitir aquilo, mas ele teve que fazer alguma coisa.

— Por favor – a menina sussurrou. – Por favor, eu... preciso. Está doendo.

Lívia estava perdida em seus sentimentos confusos. Sempre estivera tão forte, tão decidida. Como poderiam seus sentimentos traírem-na daquela forma? Ela precisava tentar ajudar aquela garota, mas tudo o que conseguia fazer era encarar seu sofrimento. A linha do assassinato era algo que ela não parecia ser forte o suficiente para cruzar.

Assustando-a, Jeff sentou-se ao lado dela e tirou sua arma radioativa de seu cinto, posicionando ao peito da garota. Puxou a mão de Lívia, colocando-a junto com a sua, a segurar a arma.

— Quando um companheiro pede pela sua morte, Liv – sussurrou, sua

voz muito mais profissional do que ela jamais ouvira. – Você tem que atender.

A garota apertou os olhos e Lívia ainda conseguiu ver um sorriso brincar seu rosto antes de Jeff apertar o gatilho. Uma pequena explosão de luz e o corpo dela arqueou-se, para desabar em seguida, já sem vida.

— Por mais duro que seja – Jeff continuou.

Jeff soltou a mão dela e a arma enquanto Lívia continuava a encarar o corpo sem vida da garota, sem exibir nenhuma reação. Após um tempo, puxou o ar com força, como se tivesse esquecido de respirar. Jeff sorriu-lhe de forma triste e arriscou depositar um beijo em sua testa.

Ela permaneceu de luto ao lado da garota e sobrou para Jeff ser o prático da equipe: recolheu as mochilas das companheiras abatidas, verificando se havia algo que pudessem utilizar. Ele estava contente apenas por poder pegar seus odres de água e ter mais espaço para carregar o líquido por aí. Mais tempo de hidratação; menos economia.

Quando ele finalmente olhou para Lívia, ela continuava parada na mesma posição, mordendo o lábio. E mesmo sabendo que estava tentando manter-se com a mesma carranca de sempre, ele sabia que ela estava definhando e transbordando emoções de uma forma que ele nunca vira.

Ela pareceu perceber que ele estava encarando-a e finalmente se moveu, olhando para ele. Ele sorriu triste para ela, que apenas suspirou.

— Podia ter sido nós dois – finalmente disse.

Jeff não queria dizer, mas eles ainda poderiam ser vítimas se continuassem ali por muito tempo, então apenas guardou os odres de água e as facas das duas garotas na mochila e foi sentar ao lado dela.

— Poderia – sussurrou – E se eu estivesse como ela e lhe pedisse para morrer, eu gostaria que você o fizesse sem questionar. Você parecia bastante decidida quando me conheceu, na verdade.

Ele conseguiu o que queria: Lívia arriscou um raro sorriso de lado e seu olhar pareceu menos sofredor. Durou apenas um segundo, antes que suspirasse e voltasse a parecer tão arrasada quanto antes.

— Você já tinha feito isso antes? – Questionou. – Matar? De verdade?

Jeff concordou com a cabeça e Lívia franziu a testa para ele, curiosa, mas levou seu olhar para o chão, tentando esconder que ainda estava com as emoções à flor da pele.

— Uma vez, estavam fazendo manutenções na nossa cúpula e tinha um buraco. Eles tamparam como podiam, mas... Bom, era complicado – suspirou, dobrando a perna e colocando um braço por cima. – Um desses caras estranhos que vive na floresta entrou e resolveu que deveria invadir minha casa e atacar minha mãe... Então eu o matei – terminou, simples, sacudindo os ombros como

se não se importasse muito com isso.

Lívia balançou a cabeça, meio incrédula, deixando de encarar o chão para olhá-lo.

— Eu não fazia ideia de que era tão difícil – sussurrou. Jeff sorriu levemente, achando que ela parecia apenas uma garota normal ali. E ele a adorou ainda mais. – Você acha que eles são assim... Como nós?

Ele não teria entendido se ela não tivesse levado o olhar para o céu, seus olhos verdes, às vezes tão opacos à noite, por causa da luz esverdeada que emanava dela e de todo o lugar, brilharam com uma intensidade impressionante.

— Sim, Liv – sussurrou. – Acho que alguns deles devem ser exatamente como nós – suspirou profundamente. – Venha. Vamos queimar os restos delas e sair logo daqui.

Quase lá

Na metade do dia seguinte, eles chegaram ao rio e encheram os odres. A noite mal dormida pesava em Livia, mas a pior parte tinha sido encarar a morte tão de perto.

Por mais que não quisesse admitir, estava com medo.

O que mais a assustou foi ter passado o resto da noite de olhos fechados, sem conseguir dormir, pensando no que faria se fosse Jeff.

E doeu.

Isso significava que ela se importava.

Por anos, manteve-se afastada das pessoas, evitando se envolver; Jeff era o primeiro com quem ela se importava em muito tempo e isso era muito complicado de lidar.

— Nós devíamos seguir o rio por um tempo – Jeff sugeriu.

Livia concordou com a cabeça, mas mudaram o curso ao fim da tarde, acampando no pé de um morro. O dia seguinte seria um dia cansativo de subidas para sair do vale.

— Você está bem? – Jeff perguntou pela décima vez naquele dia.

Livia torceu a boca, se encolhendo no canto da pequena proteção que havia conseguido para tentar dormir. Uma rocha protuberante do morro criava uma pequena cobertura acima do seu acampamento.

— Estou – murmurou.

Jeff a acusava de mentirosa em seu olhar, mas resolveu não ponderar sua resposta. Estava irritado com ela, depois de tanto trabalho para fazê-la rir e ceder aos seus encantos, estavam de volta à estaca zero.

Ele se deitou um pouco afastado dela, de barriga para cima e com a cabeça apoiada em suas mãos. Embora ambos estivessem com a cabeça fervilhando de pensamentos, o cansaço predominou e eles apagaram rapidamente.

Embora um pouco fria, a noite foi tranquila e sem nenhuma interrupção. Na primeira luz da manhã, Livia acordou, espreguiçando-se e se sentindo renovada. Ao ouvi-la sentar, Jeff pulou, acordando instantaneamente alerta, apenas para revirar os olhos e respirar fundo, se acalmando ao perceber que a movimentação era apenas a colega.

— Boa manhã – disse à ela.

Livia apenas concordou com a cabeça, já recolhendo sua mochila e tomando um gole de água. De pé, ela circulou Jeff e deixou-se analisar o morro que teriam que subir. — Péssima manhã? – Ele arriscou, vendo-a apertar os olhos por causa do Sol, o olhar preso no cume do morro.

Lívia finalmente arriscou um sorriso. Ela nunca iria admitir, mas adorava a forma com que ele tentava fazer algo ruim soar como uma piada. — Acho que a gente vai ter que ir por ali – disse, apontando mais à frente – É menos inclinado e parece que dá pra subir melhor.

Jeff concordou com a cabeça e se pôs de pé. Lívia saiu na frente, mas pegou-se olhando para trás, para checar se Jeff ainda estava ali o tempo todo. Ele, incomumente, estava calado e parecia um pouco chateado, o que a deixou um pouco assustada. E em um desses momentos de distração e pensamentos confusos, seu pé prendeu em uma raiz de árvore mais alta e ela foi ao chão.

— Au – reclamou, sentando rapidamente e puxando o pé mais para perto de si, para avaliá-lo.

Jeff abaixou-se ao lado de Lívia rapidamente ao ouvir sua expressão de dor. Lívia não costumava reclamar de dor ou cansaço, então lhe pareceu que teriam um problema.— Não acha melhor tirar o sapato? – Questionou.

Retirou a mão dela do entorno do tornozelo para avaliar por ele mesmo. Parecia inteiro, mas ainda podia ser uma luxação ou uma torção. Tirou o sapato da garota e moveu o pé de um lado para o outro.

— Está doendo? – Inquiriu, encarando-a.

Ela fez uma careta, mas negou com a cabeça, afastando a mão dele e apertando o pé em alguns lugares específicos. Jeff suspirou e olhou ao redor. Estavam com sorte, haviam parado em lugar de algumas árvores e estariam seguros por hora.

— Só está incomodando um pouco agora – disse. – Não acho que seja grave.

Jeff segurou a revirada de olhos que ele gostaria de dar. Mesmo se fosse grave, tinha a impressão de que ela não diria nada, então sentou-se de frente para ela, bocejando como se ele precisasse de um tempo pra respirar.

— Bom, vamos ficar um pouquinho aqui – decidiu. – Aí a gente dá um tempo pra ver qual o problema com o seu pé. Podemos tentar fazer uma bandagem com os uniformes daquelas garotas que eu peguei.

Ele arrependeu de ter aberto a boca no momento em que proferiu as palavras. A menção às garotas atacadas a fez torcer os lábios e abaixar a cabeça para fingir que estava avaliando o pé outra vez.

— Liv, olha... – Ele tentou dizer.

— Você não acha estranho que nós só tenhamos encontrado as duas durante toda a viagem? – Questionou, interrompendo-o.

Jeff bufou, impaciente e nervoso. Ele sabia que a garota estava pensando que estivessem no caminho errado outra vez, por mais que olhassem o mapa todo dia e tentassem se colocar junto com os rios que achavam. O pessimismo

dela o irritava bastante, mas mesmo assim, ele a adorava.

— Olha, eu acho que tem um monte de gente por aí, mas talvez na nossa frente e atrás de nós – entoou, convencido. – Saímos todos ao mesmo tempo e de lugares diferentes. E esse mapa velho não nos ajuda muito, talvez estejamos em rotas diferentes? Essa floresta é muito grande! – Explicou, esticando o braço para englobar a floresta.

Lívia não se convenceu, contudo. Ela continuava encucada com a falta de companheiros na estrada.

— E se nós estivermos fora do caminho? – Perguntou. – Se a gente estiver indo pro lado errado? E se... - Não completou, mas sua mente estava indo para caminhos tortuosos de dúvidas sobre a seleção dos escolhidos e o real propósito daquela última prova.

Ele deu de ombros e se espreguiçou, encostando a cabeça na árvore atrás de si e respirando fundo.

— Bom, a gente vai acabar chegando no oceano em qualquer uma das direções, não? – Ele riu. – Aí é só encontrar um barco e sair por aí.

Ela riu e ele levantou a sobrancelha, admirando-a.

— Parece que tudo tem uma solução pra você – disse, de uma forma meio suspirada.

Lívia ainda sorria de forma doce quando colocou uma mecha de cabelo solto atrás da orelha e voltou a encarar e analisar o pé.

— Tudo tem solução quando a gente não pensa demais nas coisas – filosofou. Ela levantou o olhar pra ele e ele lhe piscou um olho. – Quer que eu faça a bandagem ou não? – Questionou – Porque eu quero chegar do outro lado do morro antes de anoitecer, não vou gostar de dormir inclinado.

Lívia franziu as sobrancelhas contendo um riso de estranhamento, mas concordou com a cabeça. Momentos depois, estava com os restos de um dos macacões amarrado em seu pé e eles voltaram a caminhar pelo morro, ela com um pouco mais de dificuldade.

O caminho ficou ainda mais inclinado e eles tiveram que seguir engatinhando, segurando-se nas raízes da árvore e, embora Jeff tenha insistido em seguir atrás e Lívia estivesse incomodada com isso por já tê-lo pego olhando para a sua bunda, ela aceitou porque seu pé não estava firme e tê-lo atrás de si lhe dava mais segurança.

— Que cheiro é esse? – Perguntou, após um tempo, forçando o corpo para cima, apoiando-se em mais algumas raízes.

— Não sou eu – Jeff brincou. Mas parou e soltou um suspiro de admiração, como se tivesse acabado de perceber o que ela estava falando. — Eu acho que eu sei o que é – disse. Lívia olhou para ele e pôde perceber o sorriso

em seu rosto. – Apenas continue subindo, estamos quase no cume e vamos poder ver.

Lívia franziu a testa, não entendendo nada, mas concordou. Forçou seu pé machucado por mais um tempo de subida. As árvores acabaram e ela apoiou as mãos na pedra do cume e forçou o corpo para cima, congelando em seguida.

— Minha nossa! – Exclamou.

Ela nunca pensou que veria algo assim. Enquanto admirava o mar, Jeff empurrou-a para cima, reclamando que queria ver também, mas ela não estava nem aí que ele estivesse sendo rude e apressado.

— É lindo – sussurrou e soou como uma confissão apaixonada, mas não se importou.

Jeff olhou do mar para Lívia e de volta para o mar com um sorriso estonteante no rosto. Ele mal podia se conter.

— Estamos chegando! – Anunciou, com um berro.

Tão embasbacada como estava, Lívia se pegou gargalhando da mais pura felicidade.

Protegida

— Eu nunca vi nada assim – murmurou, encerrando o silêncio entre os dois.

Jeff ainda estava sorrindo abertamente para o mar e ela ainda mantinha o mesmo olhar de admiração apaixonada. Eles ainda levariam uns dois ou três dias para chegar até onde as ondas quebravam, isso se o pé dela não os atrapalhasse.

— É muito, muito bonito mesmo – Jeff disse, suspirando.

Sem dizer uma palavra, os dois concluíram que passar um momento naquela pedra, admirando o horizonte, seria uma boa ideia, então almoçaram com aquela vista maravilhosa. Livia se sentiu leve como há muito tempo não se sentia.

Ela balançou a cabeça com um sorriso leve no rosto. Deviam estar parados há quase meia hora, mas não queria ser a que iria interromper aquele momento, não depois de tanto tempo em apuros. Então, deixou-o curtindo enquanto analisava o terreno com seus olhos críticos.

A descida era tão íngreme quanto a subida fora. Com as árvores espaçadas, não teriam muito apoio das raízes para não escorregar, nem muitos lugares para se esconder. Livia sentiu um calafrio e arrumou-se um pouco mais alerta. O barulho a fez segurar no braço de Jeff com força.

— Jeff... – sussurrou.

Não foi preciso dizer mais nada. A nave se aproximava enchendo o ar com sua costureira barulheira e ele se levantou rapidamente, ajudando-a. Os tiros começaram a estourar atrás deles e eles pularam, se agarrando nas árvores para tentar não escorregar.

— Vamos! – Jeff berrou, os tiros já estourando na pedra onde eles estavam segundos atrás.

Livia arfou, o pé reclamando do esforço de correr e se jogar e tentar se manter em pé no declive. Ela ficou claramente para trás, mesmo tentando com tudo que tinha. Jeff já estava três árvores abaixo quando olhou para trás e a viu desesperada, tentando firmar o pé para escorregar até o próximo apoio.

— Mas que droga! – Berrou, voltando automaticamente para buscá-la.

Livia não percebeu que ele estava voltando até ver as mãos dele se apoiando nas raízes da árvore para qual ela estava tentando ir.

— Não! – Reclamou. – Vai embora! Eu consigo sozinha, estarei bem atrás de você!

Jeff revirou os olhos e virou as costas pra ela, tentando convencê-la a subir em seus ombros. Ela empurrou-o levemente.

— Bem atrás é o que você quer dizer – resmungou, sacudindo os ombros.

– Ande, eu não vou sair sem você, então se você não aceitar isso, vamos morrer nós dois.

Lívia soltou um urro de indignação, mas sem tempo para reclamar e contrariar, pulou nas costas dele, fechando as pernas ao redor da cintura e as mãos ao redor dos ombros.

— Isso, se segura que eu estou indo – disse.

E Jeff voltou a pular entre as árvores com a mesma facilidade que estava pulando antes, como se o peso de Lívia não fosse nada para ele. Ela é quem teve dificuldade de se manter no mesmo lugar com toda a locomoção e os solavancos dos pulos do rapaz e ele parecia estar se divertindo.

Seria mesmo divertido se a nave não estivesse circulando toda a área, atirando por todo o lugar e eles não estivessem vendo a terra e as árvores estourando com cada bala que as atingia.

— Jeff! – Lívia bateu no ombro dele e apontou para uma das árvores.

Jeff escorregou, os dois caindo deitado em meio às raízes, mas engatinharam-se para onde Lívia havia apontado: uma árvore com metade das raízes para fora da terra, formando uma gaiola de proteção. Era a melhor chance que eles tinham.

Os tiros passaram estourando em frente a árvore onde eles se escondiam e Lívia acabou soltando uma expressão de surpresa e susto. Jeff a abraçou, colocando a mão em sua boca, o que apenas resultou com uma Lívia ofendida, empurrando-o. Jeff apenas revirou os olhos e levou o indicador à boca, pedindo silêncio, o que, mesmo irritada e contrariada, Lívia fez.

Os tiros continuaram por mais alguns minutos, chegando perto demais e fazendo o coração de ambos acelerarem, mas cessaram. Eles ainda ouviram a nave ir e voltar pela área, como se procurasse movimentação. Dados por satisfeitos com a calma do local, eles logo a ouviram se afastar. Mantiveram-se em silêncio por quase meia hora depois de deixarem de ouvir o barulho da nave.

— Desculpe – Lívia sussurrou, quebrando o silêncio quando achou que já estava seguro o suficiente.

Jeff piscou e franziu a testa para ela. Ainda no buraco, ele espreguiçou-se e tentou se ajustar de forma mais confortável, fazendo uma careta de dor pela posição incômoda e congelada que estivera na última hora.

— Pelo? – Ele questionou, confuso.

Lívia bufou e revirou os olhos, levando a mão ao pé e tentando sentir o quão pior ele estava depois da correria.

— Por tê-lo feito me carregar – disse, por fim. – Eu não quero ser um fardo pra você e sei me cuidar sozinha.

Apesar da resposta ríspida, Jeff achou engraçado e riu dela – o que não

foi nem um pouco bom para o humor de Livia.

— Claro que sabe —disse e, embora ele parecesse divertido com o assunto, não soou debochado. — Mas você está bem, não está? — Ela estranhou a pergunta, mas confirmou com a cabeça. — Ótimo, então está tudo bem.

Livia negou com a cabeça como se aquilo fosse a coisa mais estranha que ela já ouvira, mas deu de ombros.

— Certo — disse. — Se você não quer passar a noite nessa espelunca, é melhor levantar a bunda daí.

E, resmungando, saiu da proteção das raízes da árvore, deixando Jeff rindo para trás.

Descuido

Lívia ficou de pé do lado de fora da proteção das raízes e seu pé falhou um pouco e ela não pôde evitar soltar um resmungo de dor. Jeff saiu franzindo a testa pra ela, que olhou para o outro lado e apertou o pingente do colar, incomodada. Para disfarçar, ela olhou para o alto, como se estivesse procurando um vestígio das naves, mas isso não distraiu Jeff de forma alguma.

— Seu pé está pior, não está? – Perguntou.

Ela não respondeu, mas ele conseguia ver que mantinha o pé machucado quase sem encostar no chão, deixando o peso todo sobre o outro. Suspirou e puxou sua faca de seu cinto. Sem dizer uma palavra ele subiu meio metro da árvore e se dependurou no galho mais baixo da mesma, forçando seu peso até que ele se quebrasse.

Sob o olhar atento e questionador de Lívia, cerrou um pedaço de galho com cuidado, até que estivesse sem nenhum galho menor e de um tamanho apropriado.

— Você não está fazendo isso... – ela resmungou, impaciente.

Jeff suspirou, cansado de ter que lidar com toda a independência e teimosia de Lívia.

Mais alguns minutos e a bengala improvisada estava pronta. Ele levantou-se e andou até ela, que estava sentada por cima de uma das raízes da árvore onde eles se esconderam. Estendeu a bengala, que apenas negou com a cabeça.

— Eu não preciso disso, é só um *machucadinho* – reclamou.

— Um *machucadinho*? – Ele riu. – Você está fazendo caretas e reclamando de dor. Tenho convivido com você no último mês e sei que pra você estar fazendo isso... É porque está doendo de verdade. Então seja boazinha e aceite a minha bengala e a *minha ajuda* – empurrou a bengala pra ela, que fez uma careta e finalmente aceitou. – Ótimo. Agora vamos lá pegar aquele mar.

Lívia riu e, sem reclamar, deixou ele circular sua cintura e passou o braço pelo ombro dele, se apoiando com a bengala com a outra mão. Lentamente e com muito cuidado, eles desceram o morro durante todo o resto da tarde.

— Praticamente um dia perdido – Lívia reclamou, quando montaram acampamento do outro lado do morro. Ela estava realmente zangada.

Jeff escorregou uma pedra até o pé dela para que ela mantivesse o mesmo levantado durante a noite. Ela revirou os olhos, mas não reclamou.

— Posso ver como está? – Perguntou.

Ao não obter nenhuma resposta furiosa, acreditou que podia, então retirou o sapato da garota e todo o pano amarrado ao redor. Suspirou. Ela escorregou o

braço para cima do rosto, escondendo sua expressão.

— Bom, está inchado. Sinceramente, Liv, está doendo? – Ela suspirou e confirmou com a cabeça. – A boa notícia é que tenho certeza que podemos encontrar umas plantas boas pra isso por aqui. Mas só de manhã. – Ele a ouviu suspirar e torceu os lábios em desagrado. – Você quer dormir com ele solto assim?

Ela negou com a cabeça, ainda com o rosto escondido. Jeff gostaria de poder fazer algo para ajudá-la, mas não podia simplesmente carregá-la nos ombros pelo resto da viagem. Se eles conseguissem manter o ritmo, poderiam chegar em uns três dias, no máximo, na orla.

— Talvez eu pudesse imobilizar você? – Ele questionou. – Podemos usar uns galhos velhos. O que você acha?

Lívia tirou o braço do rosto e arriscou um sorriso triste, conformando com a cabeça. Jeff sorriu e se levantou rapidamente. Sem sair do campo de visão de Lívia, ele catou alguns galhos menores que estavam perdidos pelo chão, próximos de onde haviam levantado acampamento.

Durante a primeira parte da noite, raspavam os galhos para deixá-los mais achatados e menos desconfortáveis para Lívia. Assim que conseguiram quatro pedaços razoáveis, Jeff envolveu-os em tecido com cuidado e, então, prendeu-os, amarrando bem forte, no pé de Lívia.

— Bem melhor – suspirou. – Obrigada.

Jeff sorriu, balançando a cabeça e ignorando que a voz dela estivesse tão fraquinha e magoada

Lívia estava bem mais disposta pela manhã e ainda mais depois das três ofensas que ela soltou por conta da planta que Jeff mandou-a mastigar para ajudá-la com a dor. Ela não questionou, mas reclamou bastante sobre como era repugnante e obrigou-o a ceder parte de sua água por isso.

— E acho bom acharmos um rio logo porque eu quero tomar banho – resmungou, com seu mau humor habitual.

Jeff estava feliz que ela estivesse bem o suficiente pra voltar a ser a resmungona e durona garota que o acompanhara por toda aquela viagem.

O rio surgiu no meio da tarde de caminhada, fazendo Lívia soltar um “Até que enfim”, como se fosse culpa de Jeff que ainda não o tivessem encontrado. Ele apenas soltou uma gargalhada e começou a tirar seu macacão.

— Você não vem? – Ele lhe perguntou, rindo.

Ela estava olhando para o outro lado enquanto ele tirava as roupas e isso apenas o fez sorrir porque, embora não pudesse ver, sabia que suas bochechas estavam coradas. Respondendo sua pergunta, ela abanou a mão livre da bengala, como se não se importasse com o que ele estava falando.

Sabendo que tudo se tratava do *pudor* dela, ele terminou de tirar a roupa e pulou no rio, deixando a água explodir pra tudo o que é lado. Ao voltar a superfície, se surpreendeu ao encontrar Livia já dentro do rio, apenas um metro de distância de onde ele estava.

— Ei! – Ele resmungou. – Como você fez isso?

Ela deu de ombros com um sorriso esperto no rosto, o que só o fez gargalhar ainda mais.

— Tente não fazer tanto barulho, certo? – Ralhou com ele.

Jeff apenas riu ainda mais, vendo-a olhar para o alto, procurando pelas naves que o perseguiram no dia anterior. O rio não era tão protegido quanto caminhar na floresta e ela obviamente estava insegura, mas o barulho da água iria, com toda certeza, abafar qualquer bagunça que eles fizessem.

— Deixa de bobagem, Livia – ele resmungou.

Livia não estava ouvindo-o mais. Ao olhar para o céu, como sempre fazia, procurara o pingente do colar, mas não estava em lugar algum. Ela tinha acabado de apertá-lo, logo antes de entrar no rio, como poderia ter simplesmente desaparecido?

O desespero aflorou por ela e ela apertou a pele do seu colo no lugar dele, batendo com as mãos por sobre a água como se pudesse simplesmente encontrá-lo por ali.

— Ei, o que foi? – Jeff perguntou, estranhando.

Ela continuou a balançar toda a água ao redor de si mesma e olhou fixamente para tudo debaixo da água, ao redor dela.

— É... É o meu colar. Eu... – Ela estava tão desesperada que nem ao menos conseguia falar direito.

Jeff bufou e mergulhou no rio, desaparecendo da vista de Livia. Ela esperou que ele aparecesse ao seu lado, que passasse por perto de seus pés, mas ele simplesmente sumiu. Os segundos se passaram tão lentamente que Livia já estava respirando como se tivesse acabado de correr dos tiros da nave novamente.

Jeff não voltava à superfície.

Ela havia perdido o colar e Jeff.

Ric e Jeff.

Antes, porém, que seus sentimentos lhe traíssem, Jeff apareceu, metros à frente, balançando uma correntinha animadamente.

— É isso? – questionou.

— Ah, pelo universo! – Ela exclamou.

E em segundos, ela estava com os braços ao redor dele, estalando um beijo em sua bochecha e apertando-o em um abraço sincero, que findou-se

rapidamente em meio à vergonha.

— Eu... Obrigada – disse.

Arrancou o pingente se sua mão e arrastou-se de volta à margem do rio, enquanto Jeff a encarava em uma mistura de admiração e estranheza.

Grãos esverdeados

— Eu realmente sinto muito por estar atrasando tudo – Livia disse, após mais um momento de parada para descansar.

Apesar de seu pé ter melhorado bastante com as ervas mastigadas, ainda estava inchado e vermelho e os dois estavam tomando muito cuidado com seu caminhar. Livia estava evitando colocar o pé no chão – Jeff realmente acreditava que ela não conseguia – e toda vez que ela começava a arfar por estar pulando com sua bengala, Jeff os fazia parar.

— Está tudo bem – disse – Nossa chegada pode demorar um pouquinho mais, mas seu pé tem que ficar bom, então vamos devagar.

Livia discordava. Ela gostaria de chegar logo e poder esticar a perna e ficar imóvel por uns dois anos até ele não doer mais. E apesar de saber que tinha seus limites, eles estavam perto, já deviam estar quase lá.

— Eu sinto muito, mesmo – disse, outra vez.

Jeff revirou os para ela, rindo de como ela conseguia ser tão autocrítica e exigir tanto de si mesma quando mal conseguia colocar o pé no chão. Não conseguia entender qual era a dificuldade dela perceber que ele estava completamente compreensivo com as limitações dela.

— Se você não parar de se sentir culpada... – começou.

Antes que pudesse terminar, porém, um vento forte os atingiu, trazendo o mesmo cheiro diferente que Livia sentira no topo do morro. Jeff se interrompeu instantaneamente e virou o rosto na direção de onde ele vinha e, sem dizer uma palavra, saiu correndo pela floresta como uma criança desobediente.

Porém, isso não chateou Livia de forma alguma. Ela estava cheia de esperanças também e agarrou sua bengala, mancando atrás dele, ouvindo sua gargalhada se afastando, até que ele simplesmente parou de rir.

Livia apertou o passo e forçou um pouco seu pé machucado para tentar chegar mais rápido.

— Jeff? – Chamou.

Ele não respondeu, então ela ignorou totalmente a dor no pé e forçou-se a correr de forma meio torta, meio manca. A floresta acabou subitamente e o chão, subitamente, ficou macio, fazendo seus joelhos falharem e ela cair.

Com o rosto quase enfiado naquele chão verde esquisito, Livia franziu a testa e pegou um punhado dele para analisar. Era estranho, fino e grudava em seus dedos. Quando sacudiu e esfregou a mão na roupa, alguns grãos mais escuros permaneceram grudados em sua mão, fazendo com que seu rosto ganhasse uma careta.

Jeff estava um pouco mais a frente dela, ajoelhado com as mãos enfiadas

no chão e ao levar o olhar até ele, ela viu além, para o que ele estivera congelado encarando.

O mar. Era ainda mais bonito visto de perto. A água parecia que vinha em direção à terra e, então invadia e retrocedia, como se entendesse que aquele não era seu espaço, como se quisesse apenas cumprimentar e retornar e fazer isso mais uma vez, eternamente.

Lívia ficou um tempo embasbacada, encarando a quebra da água durante um tempo, sem perceber que havia segurado a respiração. Ela nunca pensou que seria tão bonito assim, sempre achou que o mar era como um lago grande... Mas ele parecia não ter fim, para lugar algum. Era incrível.

— É lindo, não é? – Jeff perguntou.

Ele não virou para olhá-la e Lívia acreditou que ele não podia. Não o culpava, de forma alguma. O mar era estonteante de uma forma que ela não entendia e nem esperava compreender algum dia.

— É... – Lívia tentou encontrar um adjetivo pra descrever o que achava daquilo tudo, mas não conseguiu.

Com um suspiro frustrado, mancou até Jeff e ajoelhou ao lado dele. Sem dizer nada, ele passou o braço pelos ombros dela e ambos ficaram ali, naquela praia, encarando o mar quebrar na areia como se aquele momento fosse o melhor momento da vida de ambos. E talvez realmente fosse.

Lívia deixou-se apoiar a cabeça no ombro de Jeff e sorriu levemente, olhando aquilo. Aquela paisagem tinha um gostinho diferente e apesar de querer pular naquela água, ela precisava dizer que estava assustada: era apenas um mar sem fim, onde ela poderia parar?

E enquanto estava perdida em seus pensamentos felizes e paranoias de afogamento, ela não percebeu o barulho até que estivesse um pouco mais alto. Pulou em seu lugar, alerta, mas Jeff segurou seu pulso.

— Olhe – apontou para o mar.

Lá, no meio de todo aquela água, havia um homem em um pequeno barquinho, movimentando-se em uma velocidade um pouco alta. Mesmo assim, ele se levantou e acenou para os garotos. Lívia e Jeff acenaram de volta.

— O porto! – Ele gritou para eles, juntando as duas mãos ao redor da boca. – É lá! – Ele apontou para frente dele.

Lívia e Jeff olharam para onde ele apontava e conseguiram ver, no final da praia, uma pequena ponte de madeira, adentrando o mar. Lívia voltou a encarar o homem que acenou pra ela como se falasse que eles se viam depois. Ela concordou com a cabeça e ela abanou as mãos, se despedindo.

A mão de Jeff, que estava em seu braço desde que ele a alertara sobre o barco, sacudira animadamente. Ela puxou o braço e olhou-o de forma

repreensiva, mas ele nem se importou, continuou sem nem mesmo olhá-la.

— O que foi? – Questionou.

Jeff apenas levantou o braço e apontou para o horizonte, no meio do mar. Lívia ainda apertou os olhos, tentando entender do que ele estava falando e ele, ao perceber que ela ainda não demonstrara sua admiração, se virou para entender o porquê.

— Você não vê? – Perguntou. – O reflexo, olhe – aproximou o rosto do dela pra tentar ver do mesmo ponto de vista. – Ali! A luz não bate na água, tem algo ali!

Lívia deixou o queixo cair, finalmente vendo. Era quase transparente, mas era óbvio que havia algo grande e provavelmente de vidro refletindo a luz do Sol, deixando-o mais brilhante do que deveria ser.

— Globo do Mar – sussurrou, toda a admiração que Jeff esperava saindo naquele suspiro apaixonado.

Jeff riu, completamente estonteante e, então, se levantou em um pulo, sacudindo a areia de seu macacão e fazendo Lívia reclamar do que caiu em cima dela. Rindo e sem se importar, ele apenas ofereceu a mão para ela se levantar, o que ela aceitou de bom grado.

— Nós conseguimos – disse, assim que ela se postou de pé em frente a ele.

Surpreendendo-o, Lívia abriu o maior dos sorrisos e finalmente ele conseguiu vê-la sem nenhuma barreira, apenas uma garota que conseguiu o que ela queria.

— Nós conseguimos – repetiu, admirada.

Antes que pudessem perceber, Lívia envolveu-o em um abraço apertado e o seu pé machucado fez com que ela desse um pulinho e parecesse mais idiota do que gostaria. Mas estava feliz demais para se importar, então gargalhou, jogando a cabeça para trás e apoiando-se em Jeff para não cair.

Quando voltou a encará-lo, ele a olhava de forma diferente e séria. E vendo-a sorrir levemente como se nenhuma preocupação no mundo lhe afetasse, ele simplesmente a beijou.

O último desafio

— Livia, por favor! – Jeff chamou-a mais uma vez.

Ela simplesmente continuou fingindo que não estava escutando, mancando em direção ao porto com Jeff em seu encalço – apenas não alcançando porque ele sabia que ela estava realmente irritada com e pretendia manter um espaço entre os dois. Livia estava completamente irada.

— Eu só fiquei empolgado com isso, me desculpe – continuou.

Livia apenas continuou andando, arrastando seu pé machucado por toda areia esverdeada, fazendo com que os grãos escorregassem para dentro da sua tala improvisada, causando uma sensação desconfortável, mas não tanto quando a dor que ela estivera sentindo nos últimos dias e não tanto quanto à raiva e a vergonha que ela sentia após beijar Jeff. Ela bem que podia descarregar a sua própria arma nele, mas o homem do barco estava por perto. Como ela explicaria?

— Dá pra ser menos... Irracional? – Questionou.

Isso fez Livia congelar em seu tortuoso passo, sentindo a raiva – que ela estivera tentando conter ao ignorá-lo – dominá-la. Seus olhos cerraram, ardilosos, e sua narina inflou enquanto ela buscava paciência para lidar com o tolo sentimental que ele era e que quase a transformara em sua igual.

— *Irracional?* – Girou, ficando de frente para ele. Ao ver sua expressão, ele chegou a dar um passo para trás de susto. – *Irracional?* Quer dizer que você pode andar por aí com suas gracinhas e resolver *simplesmente me beijar* e eu que sou a irracional? – Ela chegou a ranger os dentes de raiva, tentando conter mais palavras injuriosas que gostariam de sair por ela, todas de uma vez. – E você fica aí com toda essa história de “*vamos nos juntar e ter filhos*”, esperando por um momento que eu escorregue e você possa me convencer, então deixe-me esclarecer as coisas para você... – Jeff estava encarando-a meio boquiaberto e tudo o que ela pensou sobre isso era como eles haviam chegado naquele ponto. – Eu não estou interessada! – Ela soltou, mesmo não tendo certeza se ela estava falando a verdade ou não, em um tom mais alto, fazendo-o se assustar. Isso o faria dar passos para trás com o relacionamento dos dois e ela poderia respirar e pensar direito sobre o que gostaria de fazer sobre com isso a partir dali. – E só para a sua informação: eu já escorreguei e tudo o que eu consegui foi um maldito pé torcido, então apenas mantenha a sua boca e suas mãos longe de mim enquanto eu tento chegar naquele maldito barco e naquela maldita ilha e tentar curar essa porcaria.

E respirando profundamente como se tivesse corrido uma maratona, Livia virou-se de volta para o cais e forçou-se a arrastar o pé sobre a areia o mais

rápido que podia.

— Uau – ouviu, atrás de si, fazendo-a bufar de impaciência.

O discurso de Lívia havia feito Jeff ficar ainda mais embasbacado com a personalidade da garota. O que ela não entendia era que quanto mais o empurrava para longe, mas ele se forçava para perto. Então, depois daquela singela discussão sincera, Jeff estava apenas planejando esperar grudar os lábios nos delas mais uma vez. E o que ele não entendia era que Lívia estava terrivelmente magoada por ainda não ter deixado Ric sair de sua mente e nem de seu coração. E o beijo, aquele beijo, por mais que a tivesse agradado, ela apenas conseguia sentir sua culpa, como se, mesmo depois de todos aqueles anos de ausências e incertezas, mesmo sem saber sequer se ele ainda estava vivo, ela o tivesse traído.

E apesar de ter apenas berrado sua raiva, Lívia sabia que não era inteiramente culpa do garoto. Ela sabia das suas limitações e dos seus sentimentos mais que ninguém. E, depois daquele beijo, estava ainda mais incerta se gostaria de um futuro com Jeff. Não sabia se era simplesmente Ric que não saía dela, se ela não conseguia apenas largar a esperança de ainda encontrá-lo ou se Jeff não era a pessoa certa.

Não importava. Ela estava apenas com raiva e gostaria que ele se explodisse sozinho.

— Olha, tudo bem se você ainda está nervosa com tudo isso – sussurrou, atrás dela. – Eu entendo, o Universo sabe que sim. Mas eu não vou esconder que o que eu acabei de fazer... Bom, é o que eu apenas quero fazer o tempo todo, então...

Jeff apenas deu de ombros e Lívia apenas o ignorou e eles seguiram assim até o cais, Lívia mancando na frente, bufando de raiva e de dor, e Jeff andando bem atrás dela, vigiando-a, fingindo não se importar com o fato de estar sendo ignorado.

— Alô! – O homem do barco os saudou assim que Lívia pisou na madeira desnivelada do cais e pôs-se a arrastar o pé, fazendo um grande barulho até onde ele estava, com Jeff impaciente atrás dela, quase se preparando para pegá-la e carregá-la nos ombros. – Até que enfim, huh? E esse pé aí? Que chato.

Lívia concordou avidamente. Não havia expressão melhor que “*que chato*” para descrever como ela se sentia toda vez que arrastava o pé e tentava se forçar para frente. E a cada segundo ficava mais *chato* ainda.

O barqueiro sorriu enquanto ela avaliava os barcos ao redor e pôde compreender sua pressa. Parecia que, ao contrário de Jeff, ele estava acostumado com escolhidos machucados e cansados, querendo chegar ao seu destino rapidamente.

— Quais vilas? – Questionou, amarrando o barco no cais e subindo por cima dele, para parar na frente dos dois.

— 360-370 – Jeff respondeu.

Lívia, embora ainda distraída admirando o barco, voltou-se para o senhor, estranhando seu franzir de sobrancelhas.

— Vocês são apenas os quintos a chegarem aqui – disse, parecendo devidamente preocupado. – Pelo seu número... Já deviam ter passado mais de vinte duplas. Ou vocês fizeram em um tempo impressionante, o que eu acho difícil por causa do pé da moça... Ou... Bom. – deu uma risadinha triste e balançou a cabeça. – Parece que estamos tendo problemas sérios esse ano.

Lívia não conseguia entender como alguém podia rir de algo como quase vinte duplas sumindo no ar, morrendo pela floresta que os alimentava e protegia. Não parecia adequado, de forma alguma, mas resolveu não questionar. Já explodira o suficiente por um ano inteiro apenas com Jeff.

— Bom... Vamos lá. – O senhor disse. Deu alguns passos mais para frente sendo seguido de perto pelos dois jovens e chutou de leve um dos barcos. – Podem pegar esse aqui. Vem, moça.

Ele ofereceu o braço para ajudar Lívia a descer, mas ela ainda estava avaliando a situação sobre como fazer aquilo sem precisar de ajuda. Embora não tivesse aceitado de imediato, o barqueiro não abaixou o braço, mesmo que parecesse um pouco idiota deixá-lo estendido daquela maneira, esperando pela decisão dela.

— É uma teimosa, essa daí – Jeff disse, com um resmungo chateado.

Apenas para contrariá-lo, o que ela queria fazer com muito afinco, aceitou a mão do barqueiro e empurrou o pé bom para dentro do barco e, após alguns segundos complicados de dor, estava devidamente acomodada e com um ar de superioridade por ter feito exatamente o contrário do que Jeff havia dito dela.

— O barco é automático – O barqueiro disse, enquanto Jeff deslizava para o assento à frente de Lívia. – Quando vocês apertarem esse botão na proa, ele vai se locomover em direção ao Globo Central. Assim que estiverem prontos...

Com uma falta de educação impressionante, Jeff apertou o botão no mesmo segundo, impedindo qualquer despedida. Lívia, então, um pouco chateada por não agradecer pela gentileza do barqueiro, apenas prestou uma continência enquanto o barco se afastava, ganhando um aceno do senhor que ficava cada vez menor, no cais.

Reencontro

— Está passando direto! – Livia alertou Jeff, como se ele pudesse fazer alguma coisa.

Jeff apertou as bordas do casco, jogando seu peso para o lado, como se isso pudesse virar o barco e fazê-lo voltar. Estiveram tão perto do Globo que quase conseguiram encostar nele, mas agora, ele apenas se afastava cada vez mais.

Como se apreciasse o esforço de Jeff, o barco fez a curva, retornando à proximidade com a circunferência. Livia apertou os olhos para a redoma, tentando ver qualquer coisa que pudesse do lado de dentro ou, ao menos, uma entrada.

— Estamos fazendo a volta! – Jeff anunciou, como se não fosse óbvio.

— Você vê alguma entrada? – Livia perguntou.

Ele estalou os lábios e era obviamente uma negativa em algo que ele não havia pensado sobre. Como se entrava no Globo? Lá era livre de radiação e ambos estavam infectados até a raiz dos cabelos.

Livia havia pensado muito sobre isso durante a viagem. E depois que se deparara com a morte daquelas duas garotas, havia questionado seriamente sobre aqueles métodos. Por que soltar duplas por aí, esperando que sobrevivam, que cheguem onde devem, quando há tantos perigos esperando por eles? Será que eles não queriam que chegassem ao seu destino?

E, então, o barqueiro havia dito que deviam ter chegado vinte duplas antes deles. Eles eram os quintos. Quintos de mil vilas, cem séries, cinquenta duplas. De cem escolhidos, apenas dez estavam chegando ao seu destino até o momento. Por que prezar e selecionar os melhores de forma tão firme e depois deixá-los morrer na floresta?

Livia não entendia.

— Olhe! – Jeff apontou à frente, tirando-a de seus devaneios.

Livia apertou os olhos e meneou a cabeça para ver além da curva, mas o movimento do barco acabou ajudando-a. Saindo, para fora do Globo, estava um cais parecido com o que eles haviam encontrado na praia, mas este era de metal, não de madeira. E era sem dúvidas para onde o barco estava indo.

Então, pouco mais de um minuto depois, o barco parou e encaixou-se de maneira perfeita ao cais, não balançando mais nas ondas do mar e deixando Livia aliviada.

Jeff ficou de pé em um segundo e pulou para fora do barco, oferecendo a mão para ajudar Livia. Ela apenas sorriu de forma meio esnobe e puxou-se para fora do barco sem se importar em forçar seu pé mais um pouco apenas para

mostrar seu ponto à Jeff: ela não precisava dele, ainda mais quando ele era um completo idiota.

Ouviu-o bufar atrás de si, mas ignorou-o, caminhando em direção ao Globo, procurando que ele se abrisse e permitisse sua entrada.

— Que esquisito – Jeff murmurou atrás dela quando ela parou, procurando por uma saída. – Como é que a gente entra?

Quase como se fosse uma resposta, uma parede de vidro surgiu em frente à Livia e, apenas dois segundos depois, outras três apareceram ao redor e fecharam-se em um retângulo sufocante. Livia espalmou as mãos no vidro, tentando entender, quando o chão se abriu abaixo deles e o retângulo, com eles dentro, se afundou na água do mar.

Em seus medos e com todos os números que lhe diziam que Globo do Mar não estava interessado na sobrevivência de seus escolhidos, socou a parede do aquário em que estava presa, vendo Jeff fazer a mesma coisa com a parede paralela à sua. E, apenas para enlouquecê-los ainda mais, uma espécie de fumaça branca começou a surgir do chão do aquário, subindo pelos corpos dos dois.

— Não! – Exclamou, nervosa.

Apenas tinha lutado demais, passado por coisas demais para simplesmente morrer ali, então deu um passo para trás e se jogou na parede do aquário, querendo quebrá-lo para sair dali.

Quando se preparava para um segundo golpe, uma luz azulada surgiu no vidro à sua frente. Como uma projeção de mensagem. E, para seu alívio, as palavras foram “*Processo de desintoxicação*”. Ao lado, uma forma muito esquisita de pontuação que se assemelhava à uma carinha feliz. Livia apenas cerrou os olhos, querendo entender que porcaria de carinha feliz era aquela.

— Bom, podiam ter avisado antes – disse, olhando para Jeff, para encontrá-lo sentado no chão da caixa de vidro, com a cabeça encostada na parede, parecendo bastante desesperado. *Desistente*, pensou. Porém, sentar ao chão parecia agradável para o seu pé machucado, então ela apenas o copiou.

Mais calma e mais confortável, deixou-se relaxar e finalmente percebeu que a caixa de vidro estava se movimentando pela água. Começou a sentir alívio, algo que ela não se lembrava de sentir na vida. Aquela fumaça, ao que parecia, estava limpando todos os poros do seu corpo, de tudo e qualquer coisa que não fosse útil à ela. Era como tomar um super banho sem água – e ela estava adorando.

Subitamente, o aquário começou a subir até que ela se viu passando por uma estrutura de metal e, então, parou dentro de um cômodo vazio, abrindo-se e recolhendo as paredes para baixo, por onde vieram. Livia se levantou automaticamente, mesmo que seu pé estivesse reclamando e olhou ao redor.

Atrás de si, de frente para Jeff, haviam duas portas. No meio, uma projeção de mensagem: “Troca de uniforme”

Na porta da direita, “360”, brilhava em azul para ela, então Lívia mancou até lá sem se importar com Jeff, ainda meio encolhido e assustado, sentado no chão do cômodo vazio. Ele podia encontrar seu caminho sozinho agora que ambos estavam protegidos.

Lívia rasgou a calça de seu macacão fora assim que botou os olhos em seu novo uniforme, completamente limpo e azul marinho. Ela o adorou no instante em que o viu e, mesmo que com dificuldade por causa da sua tala, colocou-o rapidamente. Pôde, finalmente, arrumar seu cabelo em um espelho decente. Mesmo com a constante reclamação de dor em seu pé, já se sentia renovada.

Ansiosa por mais, agarrou seus novos sapatos e atravessou a porta exatamente à frente pela qual ela entrara. Não estava trancada, então mancou para dentro, chamando a atenção na moça de branco que estava concentrada em uma mesinha, alguns metros à frente. A moça apertou um botão, recolhendo a projeção de arquivo que estava lendo e virou-se para ela, enquanto Lívia admirava o lugar. Parecia com a enfermaria do centro de treinamento, só que muito maior e muito mais... Ela não sabia dizer. Eletrônica?

— Senhorita Esterfonte, presumo – a mulher sorriu para ela e levantou-se, andando até ela com uma rapidez impressionante. – Sou Elena Marquias, responsável pelo atendimento médico geral do Globo Central. – Ela ofereceu a mão para Lívia, que a apertou. – Venha, vamos cuidar desse pé em um segundo.

Elena manteve o aperto em sua mão e a sustentou, enquanto a guiava para uma das camas da enfermaria gigante. Com um pouco de dificuldade pela altura, Lívia deitou-se, sentindo sua curiosidade latente pela máquina que estava acima de si.

Franziu a testa quando Elena posicionou a ponta da máquina em direção ao seu pé e, em um feixe de luz, um choque com um calorzinho gostoso, a dor do seu pé simplesmente sumiu.

Um segundo, ela disse. E estava falando sério. Lívia estava totalmente grata.

— Você vai precisar tomar algumas pílulas por alguns dias, só para a luxação não retornar. – Elena disse, desmontando sua tala improvisada. Lívia sentou-se para ajudar. – Seu pé vai estar frágil por uns cinco dias, então tente não fazer muitas coisas. Espero que eles apenas deem alguns documentos para você ler, então não saia por aí querendo ir para a frente de batalha ou algo assim.

Apenas contente por não estar mais sentindo dor alguma, Lívia riu.

— Eu não irei, pode deixar – sorriu.

— Ótimo – Elena disse. Nesse momento, a porta atrás de si se abriu e Jeff entrou, vestindo o mesmo uniforme de Livia e com um sorriso incerto no rosto. – Aí está seu parceiro. Você parece inteiro, então podem ir. Estão aguardando vocês.

Elena apontou para uma porta de vidro esfumado que Livia ainda não havia visto. Ela pulou para fora da cama, Jeff ainda estendeu a mão para ajudá-la, sem saber que ela estava bastante bem.

— E tome isso todo dia antes de dormir por uma semana – Elena disse, enfiando um potinho em suas mãos. – Não esqueça.

Livia concordou com a cabeça enquanto Jeff ainda olhava do remédio para o seu pé descalço. Ela apenas guardou-se um momento para calçar-se antes de virar para ele.

— Vamos, então?

Jeff concordou com a cabeça, Livia acenou para Elena enquanto Jeff lhe abria a porta. E quando ela passou e bateu os olhos em quem lhes esperava, ela não pode evitar um sorriso.

A rachadura no inquebrável

Fazia muito tempo que não sentia seus braços ao redor de si, mas, mesmo assim, tinha a sensação de *casa*. Se sentindo estúpida, percebeu que seus olhos estavam meio molhados por lágrimas de medo, deixadas para trás quando insinuaram sua morte para ela, então se deixou escorregar para fora do abraço, sorrindo mais do que se recordava que conseguia.

— Eu nunca podia imaginar você aqui – disse. – E, então, lá estava eu vigiando os limites quando você apareceu no barco e eu não pude acreditar até que você saiu dele com aquela tala. Só você para se quebrar assim e ainda parecer que é a dona do universo. Deixe-me ver, já sarou? – Ajoelhou aos pés dela e levantou a barra da calça, apenas para cutucá-la insistentemente no tornozelo.

Ela foi incapaz de resistir ao desejo de girar os olhos no ar e, quando ele voltou a se erguer com aquele sorriso totalmente irritante que a fazia querer voar em seu pescoço por estar sempre ridiculamente certo.

— É bom te ver também, Denis – finalmente disse.

Ele riu gostosamente e apertou sua orelha, apenas para continuar com a implicância. Cinco anos de perturbação de irmãos para colocar em dia certamente acabava naquilo.

— Ainda estou tentando entender como isso aconteceu – disse, rindo. – Você não estava se acertando com o Ric por lá?

Lívia torceu os lábios e fechou o sorriso instantaneamente. Denis, como a conhecia tão bem, logo percebeu que havia algo muito errado com a garota.

— Liv? O que houve com Ric? – Ele questionou.

Ela olhou para além Denis pela primeira vez, ainda com os olhos marejados pelo reencontro, agora ameaçando se rebelarem mais uma vez, por um motivo diferente. E ela viu a organização das casas, completamente bem estruturadas, que povoavam Globo do Mar. *Globo Central*, ela se corrigiu. Parecia que ali eles utilizavam aquele nome. No momento em que deixou seus olhos admirarem uma máquina de locomoção terrestre a qual ela não soube nomear – havia estudado aquilo alguma vez e tinha visto na projeção após sua seleção, mas não se lembrava o nome -, ela sussurrou:

— Não quero falar sobre isso.

— Certo – Denis estalou os lábios. – Então vamos falar sobre essa coisa do seu pé. Que porcaria você arrumou nele?

Lívia riu e revirou os olhos mais uma vez. Denis tinha aquela capacidade de pular de assunto em assunto, fazer um momento desagradável desaparecer no ar com uma facilidade absurda e ela estava muito grata que ele não tivesse

mudado.

— Foi só um descuido – disse. – Acabei me distraindo por um segundo...

Denis cerrou os olhos para ela e Livia já estava preparada para ouvir um belo de um sermão, quando Jeff interrompeu-os:

— Em defesa dela, ela não reclamou nenhum momento – Ele disse. – Só ficou um bocado mais mal-humorada, mas tudo bem.

Denis olhou para ele como se tivesse acabado de reparar no garoto, mas Livia sabia que era fachada total. Seu irmão tinha olhos de águia para os detalhes – o que certamente o havia levado a ser colocado vigiando os limites de Globo Central. E, agora, por aquela perspectiva, ela sabia que fora ele que autorizara sua entrada e resolvera assustá-los, encaixotando-os subitamente, provavelmente só para vê-la se desesperar. Isso também explicava a maldita carinha feliz que ela não conseguira entender na hora. Pensando bem, só poderia ser alguma coisa do Denis mesmo.

Por hora, Denis resolveu apenas voltar a encarar Livia e ignorá-lo, mas havia algo no brilho do olhar de Denis que dizia que ele estava apenas preparando o momento certo para capturá-lo.

Será que ele sabia sobre o beijo na praia? Livia se perguntou. Se ele cuidava dos limites, podia ser que sim. E ela achava ótimo.

— Nossos pais, Liv – questionou, subitamente. – Eles ainda vivem?

Mesmo que relutante, Livia concordou com a cabeça, soltando um suspiro cansado e desacreditado.

— Mas você sabe... As perspectivas não são boas – disse.

Denis torceu o lábio para ela e pareceu bastante chateado e magoado com a informação. Por um momento, Livia achou que, talvez, ele preferisse saber que eles tivessem morrido. Ela conseguia entender o porquê.

— Eu sei que não – Ele disse. – Estou impressionado que eles tenham vivido para ver você vir até aqui. Eles já tem... Idade.

Livia concordou e, pela expressão em seu rosto, pôde ver que ele queria mais informações sobre os dois, mas que não iria perguntar se aquilo a incomodasse. Provavelmente o incomodava. E, olhando ao redor, conseguia entender. Ela também desejava poder arrastá-los até ali e curá-los com aquelas máquinas de raio quente.

— Nosso pai mal consegue andar agora, Dê – sussurrou. – Ele tem aquela bengala dele, mas tudo o que ele faz é usar ela para apontar para as coisas ou cutucar nas pernas da mamãe. – Denis riu, embora a mensagem fosse triste. Aquela era uma lembrança boa a qual eles compartilharam na infância. Após o acidente do pai, quando ele começara a ter dificuldades de andar e lhe arrumaram uma bengala, ele começara a cutucar e empurrar todo mundo com ela

apenas para perturbar. Característica que Denis havia herdado, mesmo não tendo uma bengala.— A mamãe tosse muito à noite. De dia, ela não parece estar doente, mas quando a gente vai dormir... Eu tenho certeza que tem algo naqueles produtos que elas usam para fazer as roupas, tem mais duas senhoras na vila com o mesmo problema, mas o que é que a gente podia fazer sobre isso? — Ela sentiu os olhos marejarem e olhou para cima para evitar chorar com todas as injustiças que ela vira acontecer em sua vila e era impossibilitada de fazer algo. Ao ver o branco esfumado do globo acima de si, ela se distraiu. Ia sentir falta do céu azulado. — Eles pediram que eu lhe dissesse que eles amam muito você — sussurrou.

Lívia desceu o olhar para Denis, apenas para encontrar suas lágrimas escorrendo. Ela teve que morder o próprio lábio para não deixar-se levar pela emoção do irmão. Ao vê-la encarando-o, ele sorriu tristemente para ela e aproximou o rosto do dela, apenas para deixar um beijo estalado em sua bochecha.

— Obrigado — murmurou, levando sua mão até a dela e a apertando. — Por isso, por estar aqui, por... Eu só estou feliz em ver você — sorriu e ela arriscou-se a corresponder, mesmo sentindo as lágrimas pinicando atrás dos olhos. — Eu... Eu só queria que eles pudessem ter vindo também.

Lívia não pôde evitar um ligeiro bico se formando em seus lábios, mas foi apenas por alguns segundos antes que pudesse contê-lo.

— Eu também — Sussurrou.

Ele a abraçou por um momento e, quando a soltou, não a olhava mais. Seu rosto estava virado na direção dela, mas os olhos estavam posicionados para atrás dela, provavelmente sobre Jeff.

— Sabe... — disse, parecendo distraído, como se estivesse rondando algo para chegar onde queria. — Essa radioatividade devia ser extinta em todo o lugar. Você não acha? — Denis olhou para ela, que não estava entendendo nada do que ele queria dizer, mas concordou com a cabeça. — Então, seu amigo poderia dizer pra gente o porquê que ele tinha tão pouca nele...

Lívia ainda abriu a boca para responder e reclamar como Denis poderia ser idiota por não ter pedido um globo como da vila de Jeff para a vila deles, mas, por algum motivo muito estranho, o chão começou a tremer.

Esconderijo

Primeiro, Livia achou que era sua perna que estava falhando, já que Elena havia pedido para ficar quieta – o que provavelmente não a permitia ficar tanto tempo em pé por aí. Mas um olhar para frente e ela podia ver Denis balançar e os outros soldados passando pela rua atrás de si tentando procurar algum lugar firme para se firmar.

A primeira reação de Denis foi puxá-la mais para perto, como se pudesse protegê-la melhor assim. Acostumada com seu raciocínio rápido, Livia acompanhou o olhar dele até o momento em que ele parou, olhando para cima. E, então, ela olhou também.

Tudo tremeu mais uma vez e viu, no topo do globo, o esfumaçado se extinguir por um momento, apenas para que eles pudessem ver o fogo que se queimava do lado de fora. Antes que o branco voltasse a reinar, em um vestígio de azul do céu, eles puderam ver duas coisas alarmantes: uma era uma nave negra, bem acima deles, com algumas bombas de formatos estranhos posicionadas para atacar o globo. A outra foi uma pequena linha acinzentada que parecia riscar o topo do globo. Uma rachadura.

— Estamos sendo bombardeados! – Denis berrou.

Pelo tom de sua voz e pelas reações que se seguiram dos soldados ao redor, que resolveram se agrupar e tentar entender o que estava acontecendo, Livia percebeu que Denis era mais que um observador de limites. Ele devia estar em alguma patente elevada porque eles pareciam esperar pelo seu comando.

Tremeram mais uma vez. A rachadura havia aumentado quando Denis a segurou pelos ombros com uma mão e jogou uma chave em suas mãos com a outra.

— Preparem as armas para a quebra da proteção! – Ele berrou mais uma vez. Mais pessoas estavam indo para as ruas, algumas fortemente armadas, dividindo armamento com os outros. – Você vai para dentro. – Ele disse à Livia, que entortou a boca. – Preciso que melhore esse pé, vamos precisar dessa sua cabecinha para resolver esse problema mais tarde, certo? – Brincou, mas Livia revirou os olhos e concordou com a cabeça, sabendo que não havia muito escolha. Além de seu irmão mais velho e super protetor, ainda era seu superior. Nenhuma chance dela conseguir pegar alguma daquelas armas e matar uns aliens por enquanto. Não que estivesse animada com a perspectiva. – No final da rua, a casa amarela. Você vai saber onde encontrar as armas. Nas costas dele, agora. – Ele apontou para Jeff.

Livia cerrou os olhos para Denis, mas ele não estava se importando nem um pouco com seu orgulho ferido. Mais uma bomba estourou, então Livia

apenas deixou de lado tudo aquilo e abraçou Denis por mais um momento.

— Fica bem, certo? – Pediu.

Denis apenas revirou os olhos para ela e berrou um:

— Vai logo!

Jeff se abaixou à frente dela e ela passou os braços pelas suas costas, contrariada, tal como quando precisaram correr das bombas quando estavam descendo o morro, mas Denis continuava ali, olhando para os dois, querendo se certificar que Livia iria ficar bem antes de ir ao seu dever. E, então, quando Jeff começou a correr em direção à casa de Denis, sacolejando as chaves e seus remédios guardados no bolso da calça dela, ele finalmente tomou a frente nas linhas.

E, então, ela finalmente entendeu. Denis parecia ter o cargo gêmeo ao qual ela desejava para si. Ele devia ser chefe da segurança interna ou estar quase lá. E apesar do terror que lhe causava vê-lo em meio aquela confusão, virando a cabeça para trás para ver o que lhe acontecia enquanto Jeff corria com ela nas costas, não podia se sentir mais orgulhosa do irmão.

As pessoas estavam correndo na direção contrária a eles, para a confusão. Todos apressados, todos armados e muitos com cara de quem não estava entendendo nada. Como não poderiam entender, ela não sabia. Parecia bastante óbvio que os aliens haviam finalmente descoberto como subjugar o globo e estavam atacando. Logo quando ela chegava ali. Devia ser má sorte.

Mesmo assim, mesmo que eles estivessem correndo na direção contrária, nenhum deles parecia julgá-los por isso, como achava que faria, se fosse ao contrário. Talvez soubessem que eles eram novatos... Ou talvez não houvesse um protocolo para ataques ao globo.

Não, Livia cortou o pensamento automaticamente. Se Denis estava no departamento de segurança interna, se não houvesse um protocolo, teria criado e os treinado incansavelmente para isso. E era por isso que todos eles corriam para a confusão sem questionar nada. Cada um devia ter uma função naquela bagunça.

Tudo tremeu mais uma vez e todos pararam, se desequilibrando na corrida. Um rapaz estendeu a mão a Jeff, que aceitou-o de bom grado, impedindo que ele e Livia fossem ao chão. A tremedeira durou apenas um segundo e Jeff voltou a correr rapidamente através do gramado esverdeado da casa amarela. Eles pararam à soleira da porta e Livia escorregou, deixando seus dedos trêmulos pegarem a chave dentro do bolso da calça e tentar colocá-la na fechadura.

— Aqui – Jeff se ofereceu.

Ele tirou a chave da mão dela e enfiou-a na fechadura com uma

facilidade invejável. Lívia não tinha certeza se já havia visto casas com fechaduras antes e realmente não se recordava de utilizar uma. Então, quando a porta se abriu, estava impressionada que ele tivesse conseguido tão facilmente. Talvez as casas da vila dele também utilizassem-nas.

Jeff correu porta adentro, chamando-a com a mão. Ela entrou rapidamente e virou-se para fechar a porta. Naquele momento, a rachadura se alargou, trincando. E, fazendo o queixo de Lívia cair, um gancho imenso prendeu-se no buraco aberto e puxou o vidro grosso do globo, quebrando um pedaço enorme com uma facilidade atordoante e jogou-o no mar, ao redor da ilha. A onda formada pela violência subiu com facilidade pelo resto da superfície redonda do globo e estourou. Jeff a obrigou a fechar a porta no momento em que respingos atingiram seu rosto e a acordaram do transe de horror no qual ela havia se enfiado nos últimos segundos.

— Eu preciso fazer alguma coisa! – Gritou, correndo pela casa até encontrar uma janela.

Dali, ela pôde ver que a água da onda invadira Globo Central, mas pouco dela restava, apenas havia dado um ar de molhado ao lugar. Mas aquele não era o problema: O problema eram os cilindros de vidro que estavam descendo da imensa nave que estava parada acima da cabeça deles.

— Pelo Universo! — Lívia soltou uma expressão de horror que alertou Jeff a segui-la.

Ele parou, por um momento, atrás dela e encarou a nave e os cilindros descendo e encostando-se no chão. No momento em que figuras borradas começaram a descer pelos cilindros, ele socou os três botões que estavam no parapeito da janela, fechando-a com uma estrutura de metal que não deixava nenhuma luz entrar.

Foi a primeira vez que Lívia não brilhou na escuridão e ela estranhouna pele, até perceber que, ainda brilhava fracamente, quase nada. Como se seus olhos tivessem que se acostumar um pouco com a nova luminosidade para perceber.

— Lívia – Jeff a chamou.

Ela piscou os olhos por um momento, antes de se acostumar com a luz que se acendeu. Jeff apertara um botão perto da porta e lá estava a casa toda iluminada outra vez, como se as janelas não tivessem sido lacradas. Olhou ao redor, encontrando em todos os detalhes que seus olhos podiam alcançar, um pedacinho do irmão. Denis. Que o Universo o protegesse daquilo.

— Tem alguma coisa muito esquisita acontecendo lá fora – Jeff sussurrou.

E, embora nervosa e amedrontada, Lívia revirou os olhos para ele e para

obviedade do assunto. Ele não se importou, apenas arregalou os olhos para ela como se estivesse esquecendo algo muito importante.

Suspirando, tirou o remédio do bolso da calça e o sacudiu, apenas para informar que ainda o tinha. Foi a vez de Jeff revirar os olhos para ela.

— As armas, Liv... — murmurou.

Ela quis morrer com a sua estupidez momentânea.

Resistindo até o final

— Meu irmão pode estar morrendo lá fora! – Ela se justificou, batendo os pés em direção ao primeiro armário que encontrou.

Apesar das coisas serem completamente diferentes em sua vila, Lívia não demorou a perceber que eles estavam na cozinha de Denis. Ainda havia uma pia, embora tivesse água saindo por uma estrutura de metal brilhosa, ainda havia um fogão, embora Lívia não soubesse onde poderia colocar a madeira, e ainda havia uma mesa, essa sim ela reconhecia sem nenhum problema. Tirando o armário, o resto era tudo novo e ela mal saberia nomear, quanto mais usar.

Mas ela conhecia seu irmão o suficiente para saber que as armas estariam escondidas no lugar de mais fácil acesso. Isso significava que alguma daquelas portas e gavetas estava o que ela precisava para lutar.

— Está tudo bem – ele disse, compreensivo.

Lívia não achava que estava bem. Só por estar ali, por ter visto Denis, seus sentimentos estavam atrapalhando sua cabeça. Mesmo agora, mal conseguia pensar direito sabendo que Denis estava lá fora, lutando com aqueles seres desprezíveis.

Porém, sabia que eles poderiam encontrá-los ali mais cedo ou mais tarde. E, quando o fizessem, gostaria de ter uma arma nas mãos. Por isso, começou a chutar e socar todas as portas do armário, até que uma, no alto, pareceu-lhe ter um som mais oco que o normal. Abriu-a e, com facilidade, removeu a tampa falsa de metal, encontrando uma arma que havia visto apenas uma vez.

— Devem ter outras – Lívia sussurrou para Jeff, pegando a arma em suas mãos com uma admiração incontida.

Jeff começou a fazer o que ela estava fazendo antes, procurando algo oco entre as portas e as gavetas, mas tudo o que Lívia conseguia fazer era admirar a arma. Ela havia tido uma em mãos uma vez, logo após Ric ser abduzido. Era uma arma proibida nas vilas, mas havia sido autorizada para uma das aulas.

Ela não era radioativa, ela não só atordoava à distância e matava em pontos certo. Aquela era uma arma um pouco mais rústica, mas muito mais letal. Era uma arma de fogo e metal e se mirava bem – e Lívia sabia que tinha uma ótima mira – podia ser letal, mesmo à distância. Podia machucar muito, podia causar danos para o resto da vida. Era perigosa e era o tipo de arma que ela adoraria usar contra um alien.

Com aquele pensamento, trotou de volta à entrada, prestes a irromper pela porta, quando Jeff a alcançou, tendo ele próprio sua unidade. Segurou-a pelo braço, ao qual ela puxou rapidamente. Fez sinal de silêncio e, então, ela pôde escutar a briga do lado de fora. Ela queria muito ir, mas Jeff era um bocado

mais forte. E embora lutasse, ele conseguiu arrastá-la escadas acima, enquanto ela reclamava a plenos pulmões.

— Agora todo mundo escutou você! – Ele reclamou, empurrando-a para dentro de um cômodo qualquer. – Denunciou nossa posição, parabéns!

Lívia fez careta, entendendo o que havia feito, mas não tinha certeza se eles podiam tê-la escutado com uma batalha que acontecia do lado de fora. Enquanto ambos respiravam ruidosamente de nervoso, Lívia percebeu que estava no quarto de Denis e com um suspiro cansado, deixou-se sentar na cama do irmão, levando a mão livre ao cabelo. Tal gesto acabou soltando seu rabo de cavalo, mas ela não se importou. Tinha muitas coisas para pensar e aquele reboliço no seus estomago não poderia significar nada bom.

— Vê se você fica calada agora – resmungou, com um estranho tom de mal humor.

Lívia estava prestes a abrir a boca para retrucar que estava pouco ligando para o que ele falava e que tudo o que o Universo se explodisse por aquela porcaria estar acontecendo logo quando reencontrava o irmão.

Mas logo quando se virou para Jeff, encostado na parede ao lado da porta, pronta para soltar a mesma quantidade de sinceridade e injúrias que ela soltara na praia, o quarto foi invadido.

Em uma cambalhota, foi parar do outro lado do quarto, a arma em punho, já mirando em um das figuras invasoras. Quando ele gritou pelo tiro que ela lhe acertou no ombro e um montante de sangue vermelho escorreu dele, congelou por alguns segundos, apenas visualizando que ela era um humanóide.

Embora fosse assim que o Imperador do Universo era retratado, ela não estava esperando que fosse *real*.

— Ai está você – um deles disse, olhando para Jefferson. Eles estavam ignorando-a, como se ela nem fosse uma ameaça. – Procuramos você por toda galáxia.

Jeff nem tentou questionar a estranheza da frase, embora Lívia tivesse torcido todo seu rosto, sem conseguir entender o que aquilo pudesse significar. Mas ao vê-los circundar Jeff e preparar para contê-lo, ela não pôde permitir. Não de novo.

— Saiam de perto dele! – Sua arma estourou mais duas, três vezes, ela não soube dizer. Ouviu alguns gemidos, mas não se importava. Contando que conseguisse proteger Jeff. Ele podia ser um idiota, mas ainda era o idiota do companheiro que ela arrumara.

Em um segundo, estava atirando para todos os lados, mesmo que eles fossem muitos. No segundo seguinte, estava desarmada. Na frente dela, um dos humanóides de um tom de marrom bonito, como um miolo de árvore, estava

sorrindo de forma debochada, segurando um aparelho que parecia ter simplesmente sugado sua arma, sem esforço algum.

— Peguem ela também – Ele disse.

Três aliens nojentos avançaram em sua direção e ela ainda socou dois deles: um no queixo e um bem no olhos. Acertou um deles na virilha, mas ou eles tinham uma anatomia diferente, ou usava protetor, porque ele nem ao menos piscou. Mesmo assim, três homens ainda eram mais fortes que uma mulher braba e ela acabou apenas ajoelhada no chão, com dois segurando seus braços e um puxando seu cabelo para trás, para obrigá-la a olhar para o rapaz de olhos bonitos.

E ela o pegou olhando para seu busto. Lívia estava prestes a cuspir na cara dele e provocar o máximo de confusão que pudesse antes mesmo que algum deles pudesse sequer cogitar encostar nela daquela maneira quando o rapaz se aproximou e pegou no pingente de Ric.

— Tire suas mãos imundas disso! – Ela berrou, raivosa.

Ele levantou o olhar para ela e encarou-a como se medisse suas forças, mas ela estava com raiva demais para sequer tentar se esforçar em entender o que ele estava pensando enquanto a avaliava daquela forma. Tentou se sacudir mais uma vez para se soltar, mas tudo o que conseguiu foi apenas que eles a segurassem ainda mais apertado.

O rapaz suspirou e virou-se para onde ainda continham um acomodado Jeff, a quem Lívia lançou um olhar irritado. Por que ele não estava nem lutando? Por que ela estava tentando fazer alguma coisa por ele e ele nem ao menos se mexia para tentar ajudá-la? *Desistente*, ela se lembrou. E para completar: *Covarde*.

— Por que eu estou surpreso com isso? – O alien de olhos bonitos disse, olhando para Jeff. Finalmente soltou seu pingente e, então, voltou a olhá-la – É ela, rapazes. Podem levá-la.

SOBRE MAIS

O segundo livro da duologia, Céu, está em produção e tem previsão de lançamento para **março/19**.

Nos vemos lá?

Siga a autora nas redes sociais para saber mais informações sobre lançamentos, promoções e as continuações.

Facebook: /leticiablack.9

Fanpage: /escritoraLeticiaBlack

Twitter: @_LeticiaBlack

Site: www.leticiablack.com.br

Table of Contents

[Dedicatória](#)
[Despedidas](#)
[O Centro de Treinamento](#)
[A Seleção](#)
[A ganância dos homens](#)
[O imperador do universo](#)
[Nem tudo é o que parece](#)
[Apenas um teste](#)
[Sozinha como nunca](#)
[A colina à meia luz](#)
[A estranha companhia](#)
[Invasores](#)
[Semelhanças](#)
[Olhares descabidos](#)
[Barreira ultrapassada](#)
[Confusão](#)
[Fogo cruzado](#)
[Assassinato piedoso](#)
[Queimando sonhos](#)
[Quase lá](#)
[Protegida](#)
[Descuido](#)
[Grãos esverdeados](#)
[O último desafio](#)
[Reencontro](#)
[A rachadura no inquebrável](#)
[Esconderijo](#)
[Resistindo até o final](#)